II Parte

Catálogo epigráfico

Distrito de Castelo Branco

N.º 1
Ach.: No quintal de uma casa em Belmonte, Belmonte, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Junior, Castelo Branco (n.º inv. 10.14).

Paralelepípedo granítico, com moldura de cordão.

Dimensões: 48 x 84,5 x 37
Campo epigráfico: 26 x 64,5

PROCVLO . SILV$\overline{AN}$I / F(*ilio*) . PROCVLA . FILIA / PATRI . D(*edit vel edicavit*)? (*hedera?*)

A Próculo, filho de Silvano. A filha, Prócula, dedicou (?) ao pai.

Garcia, 1984, p. 93, n.º 23; Mantas, 1985, p. 228.

Variantes: l. 3: PATRI (*hedera*) (Garcia); PATRI (*hedera?*) (Mantas)

As duas primeiras linhas apresentam uma paginação correcta. Os *puncti* são triangulares, estando colocados a meia altura das letras. Na última linha a palavra *patri* está alinhada à esquerda, sobrando bastante espaço.
José Manuel Garcia (1984) salienta o "efeito decorativo (ramo estilizado) com que termina a inscrição", que classifica de *hedera*. Vasco Gil Mantas (1985) considera pouco viável essa classificação. E, na realidade, também a nós nos parece uma classificação demasiado frágil. Assim, parece certa a presença da letra *D* de *dedit* ou *dedicavit*, sendo a segunda hipótese mais plausível, seguida de uma provável *hedera* bastante estilizada. Os caracteres são em capital actuária.

Os nomes apresentados, todos latinos, demonstram que os indivíduos ali mencionados, certamente indígenas, já estavam romanizados. *Silvanus* é um antropónimo latino relacionado com o deus *Silvanus* (Kajanto, 1965, p. 58, 216); *Proculus* é também um nome tipicamente latino (Kajanto, 1965, p. 39, 40, 42, 176).
A simplicidade do texto, verificando-se a inexistência de formulário final, contrasta com a adopção de onomástica já latina. Permanece, no entanto, a estrutura identificativa indígena. A conjugação destes aspectos aponta, como provável datação do monumento, para o século I.

N.º 2
Ach.: Num portal da parte alta de Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 10.11).

Placa paralelepipédica de granito de grão fino, com moldura de cordão.

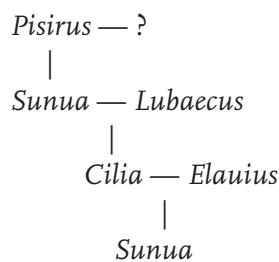
Dimensões: 44 x 83 x 22
Campo epigráfico: 32,5 x 72

CILIAE LVBAECI FILIAE / SVAE ET . SVNVAE ELA/VI(*i*) . NEPTI SVAE / SVNVA PISIRI F(*ilia*) D(*e*) S(*uo*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Cília, de Lubeco, sua filha, e a Súnua, de Elávio, sua neta. Súnua, filha de Pisiro, mandou fazer a expensas suas.

Garcia, 1984, p. 99-100, n.º 26, 1979, p. 162-164; Encarnação, 1986, p. 457-458.

Paginação correcta. Letras monumentais quadradas.

Com as informações contidas no epitáfio podemos construir o seguinte *stemma*:

Ao longo de quatro gerações foram adoptados antropónimos indígenas. *Cilia*, tal como *Cilius*, é um nome de origem celta (Almeida, 1956, p. 127), particularmente bem representado na Lusitânia Central (Untermann, 1965, mapa 35, p. 100-101; Albertos Firmat, 1982, p. 54). A forma feminina é, no entanto, representada a maior parte das vezes por *Cilea*, tal deve corresponder a diferenças de pronúncia ou a má gravação. *Lubaecus* é um nome lusitano pouco representado (Palomar Lapesa, 1957, p. 80; Albertos Firmat, 1965). Quanto a *Sunua*, também de origem celta (Almeida, 1956, p. 133), é característico da Lusitânia (Garcia, 1979, p. 164). *Elauius* parece ser o primeiro representante deste nome no actual território português (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 350). Em relação ao genitivo *Pisiri*, corresponde ao nome hispânico, de origem celta, várias vezes atestado na Lusitânia e zonas próximas (Almeida, 1956, p. 131; Albertos Firmat, 1965, p. 118).
É possível que *Sunua*, cuja neta recebeu o seu nome — homenagem que, aliás, continua actual —, tenha alcançado proeminência social, uma vez que se encarregou de mandar fazer, à sua custa, um monumento sepulcral familiar.
Apesar da onomástica indígena e da estrutura identificativa, a presença da fórmula final D(*e*) S(*uo*) F(*aciendum*) C(*uravit*), perfeitamente latina, aponta, em termos de datação, para a segunda metade do século I, o que a paleografia parece confirmar.

N.º 3
Ach.: Reaproveitada na muralha da cidade de Castelo Branco, junto da "Porta da Traição".
Par.: Desconhecido (ter-se-á perdido, provavelmente, quando a muralha foi demolida).

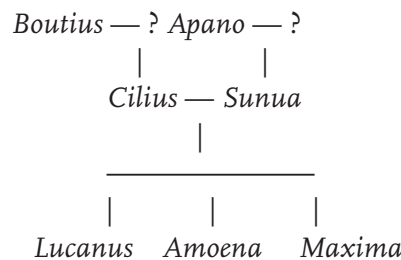
Não se conhecem medidas nem referências à forma deste monumento. No entanto, não nos parece ousadia aventar a hipótese de se tratar de uma placa de jazigo, uma vez que o epitáfio é dirigido a três indivíduos, sendo, portanto, para colocar num monumento comum.

LVCANO . AN(*norum*) . XXX (*triginta*) AMOENAE . AN(*norum*) XVI (*sedecim*) . MAXI/MAE . AN(*norum*) . XIII (*tredecim*) . CILIVS / BOVT̅I̅(*i*) F(*ilius*) . PATER . ET SVNVA / APANONIS . F(*ilia*) . MATER

A Lucano, de 30 anos; a Amena, de 16 anos; a Máxima, de 13 anos. O pai, Cílio, filho de Búcio e a mãe, Súnua, filha de Apanão.

Garcia, 1979, p. 165-166.

Variantes: l. 3: BOVTE (*filius*) (José Manuel Garcia sugere ainda que a última letra de BOVTE tivesse sido um *I* e um *F* em nexo, ou apenas um *I*. Parece-nos mais correcto o nexo apresentado).

Os nomes dos filhos, latinos, são todos vulgares, sendo o de *Amoena*[1] particularmente divulgado no Ocidente lusitano (Untermann, 1965, mapa 3 p. 55-56; Kajanto, 1965, p. 64, 282); o cognome latino *Maxima* é também vulgaríssimo na epigrafia peninsular, sendo situado por I. Kajanto (1965, p. 29) no grupo dos *cognomina* protectores; *Lucanus*[2] é igualmente bastante frequente (Kajanto, 1965, p. 193). Já *Cilius* é antropónimo indígena, assim como *Boutius*, nome típico dos Vetões (Albertos Firmat, 1964, p. 231; Untermann, 1965, mapa 18, p. 72-73; Albertos Firmat, 1982, p. 53); *Apano* é nome indígena raro no masculino (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 279); *Sunua*, antropónimo hispânico, está bem atestado na Lusitânia (Albertos Firmat, 1965, p. 124).
Esta inscrição denota uma aculturação gradual: verifica-se que a última geração já apresenta onomástica latina, enquanto a dos pais e avós é indígena. Podemos construir o seguinte *stemma*:

Verifica-se a morte dos três irmãos antes da dos seus pais, daí, a referência da idade com que faleceram. Referência esta relacionada com a juventude dos defuntos e com a relação familiar dos dedicantes.
A simplicidade textual leva-nos a datar este epitáfio da primeira metade do século I.

N.º 4 – Est. I, 1
Ach.: Na parede de uma casa da Rua de Santa Maria em Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 52.1).

Placa de mármore de jazigo familiar, com moldura de gola directa decorada com palmas estilizadas e rodeada exteriormente por um friso de pérolas. Falta-lhe a parte superior.
Dimensões: 55 x 101 x 14,5
Campo epigráfico: 40 x 79,5

[...] ? / [...] / [PA]ṬṚỊ / ÇAMIRAE /[5] APANONIS . F(*iliae*) / MATRỊ / C(*aius*) . AMMIVS . AVITVS / F(*ecit*)

Ao pai ..., à mãe, Camira, filha de Apanão. Gaio Âmio Avito fez.

Garcia, 1979, p. 157-160; Garcia, 1984, p. 97-98, n.º 25; Mantas, 1985, p. 229; Encarnação, 1986, p. 459.

Os caracteres são em capital quadrada. Paginação segundo um eixo de simetria e utilizando correctamente os *puncta distinguentia*: pequenos triângulos colocados a meia altura das letras. Denota um modelo importado, tanto mais que o material não é da região e o modelo estético é nitidamente romano.
Na l. 8 pode colocar-se a hipótese de se tratar de *F(ilius)*, traduzindo-se, então, "Caio Âmio Avito, o filho, ao pai, ... e à mãe Camira, filha de Apanão". Porém, se assim fosse, não estaria em sigla, mas por extenso, como era comum ser indicada a relação de parentesco do dedicante. Porém, não seria caso único (cf. n.º 26).

Constitui elucidativo documento da evolução onomástica: o filho já se identifica com os *tria nomina* e homenageia o pai (cujo nome desconhecemos) e a mãe *Camira*, filha de *Apano*, dois antropónimos tipicamente lusitanos (Untermann, 1965, mapa 27, p. 87). Assim, o filho, apesar de já denotar uma aculturação onomástica romana, não omite a sua origem indígena quer revelando a sua filiação, quer adoptando um cognome — *Avitus* — que, apesar da sua origem latina (Untermann, 1965, mapa 14, p. 65-66; Kajanto, 1965, p. 79-80, 134, 304) é, de acordo com Juan Manuel Abascal Palazón (1994, p. 31, 294-295), o terceiro cognome mais frequente na Hispânia, sendo, portanto, comum em ambiente indígena. O *nomen Ammius* não se encontra muito atestado na Península; conhece-se, no entanto, no território em estudo, outro elemento com este *nomen*: *C. Ammius Modestinus* (n.º 234), proveniente de Figueira de Castelo Rodrigo.
Assinale-se, ainda, o destaque dado ao nome da mãe, através da maior dimensão das letras.
O tipo de monumento e a forma de identificação revela-nos um indígena bastante imbuído das formas romanas que talvez se distinguisse socialmente do resto da população: certamente foi promovido à categoria de cidadão romano em virtude da sua riqueza e importância na região, que é sublinhada pela placa onde perpetua a memória de seus pais.
Pela paleografia e onomástica, consideramos que a inscrição se poderá datar de meados do século I.

N.º 5
Ach.: Numa das paredes interiores da igreja matriz da freguesia de Escalos de Cima, Castelo Branco.
Par.: No local do achado.

Bloco rectangular de granito. O campo epigráfico foi ligeiramente rebaixado, encontrando-se envolvido por uma moldura de cordão duplo.
Dimensões: 32 x 76 x ?
Campo epigráfico: 22 x 65,5

LICINIO . POLLI . F(*ilio*) / CILO BOVTI F(*ilius*) H(*eres*) . / EX T(*estamento*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Licínio, filho de Polo. Cilão, filho de Búcio, o herdeiro, mandou fazer por disposição testamentária.

Leitão, 1985; *AE*, 1985, 530; *HEp*, 1 1989, 671.

Variantes: l. 1: POLI (*HEp*)

Apresenta uma paginação cuidada, segundo um eixo de simetria. São visíveis ainda os vestígios das linhas auxiliares. As letras são capitais quadradas, de incisão triangular de abertura variável, mas nítida.

O defunto tem nome e patronímico latinos. *Licinius*, um gentilício latino raro no Centro e Norte da Lusitânia, conta, no entanto, com numerosos testemunhos na Hispânia, nomeadamente no *Conventus Pacensis* (*IRCP*, p. 863). A sua utilização como cognome aponta para um contexto indígena pouco romanizado, contexto que, por sua vez, não corresponde à utilização da fórmula, bem romana, H(*eres*) Ex T(*estamento*) F(*aciendum*) C(*uravit*).
O dedicante, *Cilo*, usa nome latino (Kajanto, 1965, p. 118-119, 236). Já o seu patronímico, *Boutius*, é antropónimo característico da Lusitânia Oriental, onde se situaria provavelmente o seu centro de difusão (Albertos Firmat, 1964, p. 231; Untermann, 1965, mapa 18, p. 72-73).
A paleografia, a estrutura onomástica e a fórmula final permitem datar o monumento do século I.

N.° 6 – Est. I, 2
Ach.: No forro da fonte "Mãe-d'água" do chafariz da Lousa, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.° inv. 30.44).

Placa funerária de granito. Apresenta uma pequena e esquemática moldura, resultante do rebaixamento do campo epigráfico.
Dimensões: 48 x 48 x 22
Campo epigráfico: 37,5 x 37

LA̅N̅CIVS /TA̅N̅GINI / F(*ilius*) . HIC . SITVS / EST

Aqui jaz Lâncio, filho de Tangino.

Garcia, 1984, p. 113-114, n.° 33.

O monumento tem um aspecto bastante tosco que se deve, essencialmente, à gravação das letras actuárias com forte influência cursiva. No entanto, conseguiu-se uma razoável paginação, com excepção da l. 1, em que *Lancius* ficou alinhado à esquerda, não havendo portanto a necessidade do nexo, pelo menos por questões de espaço. Verifica-se, ao contrário do que seria de esperar, o aumento dos módulos das letras em relação à l. 1. A utilização dos *puncta distinguentia*, circulares, foi correcta.

Lancius documenta-se aqui como nome indígena, decerto relacionado com *Lancia*, topónimo lusitano (cf. *IRCP*, p. 699); O pai usa também antropónimo indígena, *Tanginus*, muito comum na Península.
A fórmula funerária *Hic Situs Est* por extenso constitui indício da sua recente introdução. Este facto, juntamente com a onomástica e a paleografia, sugere os primórdios do século I.

N.º 7 – Est. II, 3
Ach.: Propriedade "Vascão", freguesia da Lousa, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 75.13).

Fragmento de granito, cuja espessura nos leva a classificá-lo como placa, para mais tendo em conta as semelhanças com a epígrafe anterior. No entanto, a distância que ainda resta entre o início do fragmento e a primeira linha, pode levar a supor tratar-se de uma estela. O texto parece estar completo.
Dimensões: (45) x (46) x 13.

TVRACIA / SAELGI(*i*) F(*ilia*) / STATVS (*sic*) HI(*c*) / EST

Aqui jaz Turácia, filha de Saelgio.

Ribeiro, 1976, p. 135-137; *AE*, 1977, 382; Garcia, 1984, p. 115, n.º 34.

Variantes: l. 2: SAELCI (Ribeiro)

Apresenta paginação irregular. A gravação dos caracteres actuários, com reminiscências cursivas, é bastante profunda. Pontos circulares, muito perceptíveis e colocados a meia altura.

Turacia parece ser um nome feminino, pela sua forma linguística. Nesse caso, não se compreende o adjectivo *status* que apresenta uma terminação masculina. Portanto, ou *Turacia* é um nome feminino e *status* tem uma forma masculina por erro do autor da gravação, ou é um nome masculino. Inclinamo-nos, como João Ribeiro (1976, p. 136-137), para a primeira hipótese, estando *status* em vez de *stata*, palavra pouco utilizada nas inscrições e que substitui a vulgar *sita*. O sufixo deste nome — *acus* — denuncia a sua origem celta e relaciona-se com *Turaius* (Untermann, 1965, mapa 78 p. 177-178). *Saelgius*, também indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 95), relacionar-se-á com *Saelcius*, *Saelgius* e *Sailgius* documentados por Juan Manuel Abascal Palazón (1994, p. 32) e enquadrar-se-á no fenómeno comum da proliferação de variantes cuja origem estará, com certeza, na pronúncia e ignorância do gravador.

Tendo em conta a simplicidade textual, a estrutura onomástica e a presença da fórmula *Status Hic Est* por extenso, o que denuncia que a sua utilização ainda não é comum, parece correcto considerar o epitáfio da primeira metade do século I.

N.º 8
Ach.: Ninho do Açor, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 86.1).

Bloco paralelepipédico, de granito. Sofreu diversas fracturas, nomeadamente nos cantos superiores esquerdo e direito, que lhe levaram a quase totalidade da moldura (resta o canto inferior direito) e boa parte da linha 1. A moldura era de cordão duplo, a limitar um campo epigráfico rebaixado. As faces inferior, lateral direita e superior estão alisadas, definindo-se aí superfícies regulares, embora sem polimento; a face traseira está em tosco.
Dimensões: 36 x (88) x 47
Campo epigráfico: 29 x 72

[RVF?]INO CALLAE[CI *vel* TTI?] / ET CAMALAE POLLI (*filiae*) / MODESTVS PATRI ẸṬ MA$\overline{\text{T}}$RI / DE SVO F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Rufino (?), de Caleco (?), e a Câmala, de Polo. Modesto mandou fazer ao pai e à mãe, a expensas suas.

Carvalho e Encarnação, 1991; *HEp* 4, 1994, 1035.

Variantes: l. 3: MATRI (*HEp*)

O decréscimo dos módulos das letras denuncia a colocação da epígrafe num monumento funerário a altura acima do horizonte habitual do olhar. Os caracteres são do tipo capital quadrado. A paginação é correcta, à excepção da última linha, onde não se seguiu um eixo de simetria.

Rogério Carvalho e José d'Encarnação (1991) reconstituem *Rufino* com base na circunstância de ser este um dos nomes mais frequentes no termo de Egitânia. O patronímico, *Callaecus*, cognome latino que deriva do etnónimo *Callaeci* (Kajanto, 1965, p. 52, 198), não está muito documentado na Península Ibérica. A possível relacionação com um estrato populacional oriundo da Calécia não é, pois, de menosprezar, tanto mais que a mãe detém um nome tipicamente bracarense (Untermann, 1965, mapa 26, p. 85-86; Albertos Firmat, 1982, p. 53). No entanto, parece-nos também provável a reconstrução do patronímico como *Callaetus*, cognome por diversas vezes identificado na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 310).
Pollus e *Modestus* são nomes latinos (Solin e Salomies, 1994, p. 380; Kajanto, 1965, p. 68-69, 263). No entanto, se *Modestus* é corrente na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 430-431), já *Pollus* é bem mais raro: regista-se também em Escalos de Cima (cf. n.º 5). Dada a proximidade dos dois locais pode colocar-se a hipótese de serem a mesma pessoa: nada no conteúdo das duas inscrições impede esta possibilidade.
Tendo em conta a simplicidade do formulário e a paleografia, é inscrição datável da primeira metade do século I.

N.º 9
Ach.: No desmantelamento de uma fonte em Salgueiro do Campo, Castelo Branco.
Par.: Na Casa Ribeiro do Rosário, em Salgueiro do Campo.

Parte superior direita de placa moldurada, de granito amarelado de grão médio. O campo epigráfico é delimitado por uma moldura de gola directa, bordeada por um filete.
Dimensões: (42) x (39) x 21
Campo epigráfico: (27) x (23)

[AVNI]A ARAN̅T̅O/[NI(*i*) F(*ilia*) FIRMO F]IRMON̅I̅S / [F(*ilius*) FEC]IT M(*atri*) *vel* M(*onumentum*) / [H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*)] L(*evis*)

Aqui jaz Aunia, filha de Arantónio. Firmão, filho de Firmão, fez à mãe (ou fez o monumento). Que a terra te seja leve.

Dias, 1994; *AE*, 1994, 836; *HEp* 6, 1996, 1030.

Ainda são visíveis traços horizontais das linhas de orientação da escrita. O campo epigráfico não aparenta ter tido nem *hedera* nem *puncta*. As letras são actuárias.

A reconstituição apresentada por Maria Manuela Alves Dias parece ir ao encontro da onomástica dos epitáfios da região, assim como ao espaço disponível.
A defunta usa um nome característico das regiões célticas da Península (Palomar Lapesa, 1957, p. 47; Albertos Firmat, 1972a, p. 19); o patronímico *Arantonius* também terá uma origem celta (Almeida, 1956, p. 124). O dedicante e o pai têm um antropónimo romano (Kajanto, 1965, p. 119, 258) comum na Península.
Pelas características onomásticas e paleográficas, assim como pela presença da fórmula *sit tibi terra levis*, será um monumento da segunda metade do século I.

N.º 10
Ach.: No olival junto à igreja matriz de Sarzedas, Castelo Branco.
Par.: Destruída e incorporada num forno de cozer pão (as publicações referentes à inscrição não referem onde se situaria o forno e as populações parecem ter-lhe perdido a memória).

Placa rectangular de xisto.
Desconhecem-se as dimensões do monumento pelo que a transliteração apresentada é hipotética.

VERATIA VERATI*(i)* F(*ilia*) / H(*ic*) . S(*ita*) . E(*st*) / [MA *vel* PA]TEṚ . P(*onendum*) . C(*uravit*)

Aqui jaz Verácia, filha de Verácio. A mãe (ou o pai) mandou colocar.

Encarnação e Leitão, 1982, p. 129-131; *AE*, 1982, 474.

Mais um exemplo em que se verifica o uso incorrecto de um gentilício romano (Solin e Salomies, 1994, p. 202): *Veratius* é utilizado como nome único (cf. n.º 5).
A estrutura identificativa, assim como a simplicidade textual, permitem datar o epitáfio do século I.

N.º 11
Ach.: A servir de ombreira de uma porta de rua na aldeia de Ferro, Covilhã, Castelo Branco.
Par.: No local do achado.

Bloco rectangular de granito com moldura de cordão antecedido de um filete.
Dimensões: 42 x 92 x ?
Campo epigráfico: 28 x 80

CILIVS . CAMALI . F(*ilius*) / AN(*norum*) . LXX (*septuaginta*) . H(*ic*) . S(*itus*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) L(*evis*) . / MAILA . PVCI(*i*) . F(*ilia*) . EXS (*sic*) . T(*estamento*) . F(*aciendum*) C(*uravit*)

Aqui jaz Cílio, filho de Câmalo, de 70 anos. Que a terra te seja leve. Maila, filha de Púcio, mandou fazer por disposição testamentária.

Almeida e Ferreira, 1969, p. 259-260; *AE*, 1969-70, 216; Encarnação, 1998, p. 10-12, 85.

Paginação segundo um eixo de simetria. Caracteres capitais quadrados.

O defunto identifica-se com um só nome e patronímico, ambos indígenas (Albertos Firmat, 1964, p. 235, 240, 1977a, p. 43; Untermann, 1965, mapa 85, p. 191). A dedicante identifica-se também à maneira indígena, tendo um nome muito pouco comum, mas certamente aparentado com *Maela* (Albertos Firmat, 1972b, p. 298). Do seu patronímico, também indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 93; Albertos Firmat, 1972b, p. 306, 1977a, p. 38), não há evidência do nominativo (cf. *CIL* II, 447; *AE*, 1986, 282). Aparentemente não tem qualquer laço de parentesco com o defunto; contudo, a sua acção teve uma causa jurídica, expressamente indicada no epitáfio: trata-se de uma disposição testamentária, o que nos permite pensar em relação de amizade ou até de adopção (Encarnação, 1998, p. 12). María de Lourdes Albertos Firmat (1977b, p. 189) deduz, pela idade do defunto, que *Maila* é neta de *Cilius*; se esta suposição até pode corresponder à verdade, não deixa de ser demasiado frágil.
De realçar a forma *exs* por *ex*, reflexo da linguística e documentada na Hispânia em várias inscrições (cf. *CIL* II, 912, 2601, 3511, 5562, 6190).
A presença da fórmula *sit tibi terra levis* permite datar o monumento da segunda metade do século I, datação que a paleografia parece confirmar.

N.º 12
Ach.: No interior de uma casa de habitação na freguesia de Orjais, Covilhã, Castelo Branco.
Par.: Segundo a publicação de Luís Plácido, em 1983 o monumento estava no Museu Eduardo Malta, na Covilhã (n.º inv. 13). O Museu foi, entretanto, encerrado. As diversas deligências por nós efectuadas, nomeadamente junto do Departamento da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã, no sentido de saber do paradeiro actual da epígrafe foram infrutíferas.

Placa de granito. Encontra-se destruída em toda a volta, pelo que não restam vestígios da moldura.
Dimensões: 26 x 48,5 x 18

CAMIRA . SVNVAE . LIB(*erta*) / AN(*norum*) . XXV (*viginti quinque*) H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) / DOCQVIRVS CATVENI (*libertus*) / ET . SVNVA DOCQVIRI / [5] LIB(*erta*) . FIL(*iae*) . F(*aciendum*) . C(*uraverunt*) .

Aqui jaz Camira, liberta de Súnua, de 25 anos. Docquiro, liberto de Catueno, e Súnua, liberta de Docquiro, mandaram fazer à filha.

Plácido, 1983a; *AE*, 1983, 471; Encarnação, 1996b, p. 18, n.º 29.

Paginação correcta segundo um eixo de simetria. No entanto, os espaços interlineares são pequenos, dando a ideia de que as linhas se amontoam. Os pontos são circulares e colocados a meia altura. Caracteres capitais quadrados com reminiscências actuárias.

Pode interpretar-se o epitáfio do seguinte modo: *Catuenus* libertou *Docquirus*; este, por seu turno, uniu-se a *Sunua*, que libertou; dessa união nasceu *Camira*, que foi libertada pela mãe. São os pais que memoram a filha.
A simplicidade textual e a própria onomástica apontam para o século I, provavelmente primeira metade.

N.º 13
Ach.: Orjais, Covilhã, Castelo Branco.
Par.: No Museu Eduardo Malta, na Covilhã (n.º inv. 173). Tal como na anterior, desconhecemos o actual paradeiro do monumento.

Fragmento de placa funerária de mármore branco, moldurada. A moldura é de gola directa decorada com palmas e rodeada exteriormente por um friso de pérolas (igual ao da inscrição n.º 4).
Dimensões: (35) x (37) x 14
Campo epigráfico: (15) x (19)

M(*arcus*) . IV[LIVS] [...] / S[...] / [...]

Marco Júlio ....

Plácido, 1983b; *AE*, 1983, 472.

O material da inscrição, inexistente na região, denota riqueza. A própria ornamentação e o traçado das letras, monumentais quadradas, permitem concluir ter sido mandada executar fora da zona, o que só seria possível a gente de abastadas posses e de requintado gosto. Seria um elemento da *gens Iulia*, uma das mais documentadas da Hispânia.
Tendo em conta apenas a paleografia e a semelhança estética com a placa n.º 4, ousaríamos apontar como datação o século I.

N.º 14

Ach.: Embutida na parede de uma casa de habitação em Sinque, Vale Formoso, Covilhã, Castelo Branco.

Par.: No Museu Eduardo Malta, na Covilhã (n.º inv. 34). Tal como as anteriores, desconhecemos o seu paradeiro.

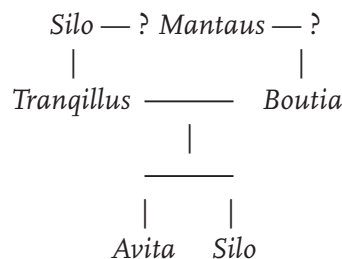
Placa de granito com moldura de gola directa e ranhura exterior.
Dimensões: 51 x 75 x 23/30
Campo epigráfico: 28,5 x 52

TRANQILLO . SILONIS . F(*ilio*) . PATRI AN/NO(*rum*) L (*quinquaginta*) . SILONI . TRANQILLI F(*ilio*) . FR/ATRI . ANNO(*rum*) . XV (*quindecim*) . BOVTIAE / MANTAI F(*iliae*) . MATRI . ANNO(*rum*) /5 XXXXVIII (*octo et quadraginta*) . AVITA . TRAN/QILLI . F(*ilia*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

Ao pai, Tranquilo, filho de Silão, de 50 anos; ao irmão, Silão, filho de Tranquilo, de 15 anos; à mãe, Búcia, filha de Mantau, de 48 anos.
Avita, filha de Tranquilo, mandou fazer.

Plácido, 1983c; *AE*, 1983, 473; Encarnação, 1986, p. 457.

Paginação deficiente: concentrou-se o texto na parte superior do campo epigráfico, com espaços interlineares extremamente reduzidos. Os caracteres são capitais actuários.

Desta epígrafe resulta o seguinte *stemma*:

O texto corresponde a um período de adaptação da onomástica latina com significado concreto, nem sempre grafado à boa maneira porque se ouve e não se sabe como escrever. Daí que o antropónimo latino (Kajanto, 1965, p. 262) *Tranqillus* se apresente sem o *u* após o *q*. *Avita* usa nome, de origem latina, frequente em zonas de onomástica pré-romana (Untermann, 1965, mapa 14 p. 65-66). Já o irmão, *Silo*[3], tem também nome de origem latina (Kajanto, 1965, p. 118, 237), mas bem menos comum. *Mantaus*, nome indígena de origem celta, documenta-se bastante na região em estudo (Almeida, 1956, p. 130; Palomar Lapesa, 1957, p. 83. Albertos Firmat, 1972b, p. 299, 1977a, p. 46, 1982, p. 54). *Boutia* usa antropónimo muito bem representado na Lusitânia Oriental, onde se situaria o seu centro de difusão (Untermann, 1965, mapa 15, p. 72-73), podendo ter como raiz o céltico *bhoudhi-* "vitória" (Palomar Lapesa, 1957, p. 50-51; Albertos Firmat, 1966, p. 60-61).
A fórmula final expressa na epígrafe é normal e encontra-se bem documentada.
A simplicidade textual, a onomástica e a paleografia apontam para o século I, preferencialmente primeira metade.

N.º 15
Ach.: No sítio dos Mortórios, Vale Formoso, Covilhã, Castelo Branco.
Par.: Na posse do Eng. Domingos Gil, na freguesia de Benquerença, Penamacor, Castelo Branco.

Placa de granito paralelepipédica rectangular com moldura dupla resultante de uma ranhura central. Face posterior bem alisada e lados toscamente trabalhados, apresentando as marcas do escopro. Deveria estar embutida na parede de um jazigo. Está fracturada do lado direito e na metade superior.
Dimensões: 53 x 70 x 18
Campo epigráfico: 35 x 58

[...]ḶO / [C]ẠIINON/[I]Ṣ . F(*ilius*) . HIC . SITVS .

Aqui jaz ..., filho de Cenão.

Cristóvão, 1988.

A paginação é má. Pontuação correcta através de pequenos pontos circulares. Letras capitais actuárias de gravação profunda e de incisão triangular.

O antropónimo *Caeno*, de origem pré-romana, está bem documentado na Lusitânia Oriental e, particularmente, nesta região (Palomar Lapesa, 1957, p. 55; Albertos Firmat, 1964, p. 234, 1977a, p. 48).
A simplicidade do formulário, o modo de identificação à maneira indígena, e a apresentação pouco habitual da fórmula *Hic Situs* por extenso, apontam para a primeira metade do século I.

N.º 16
Ach.: Alcaria, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

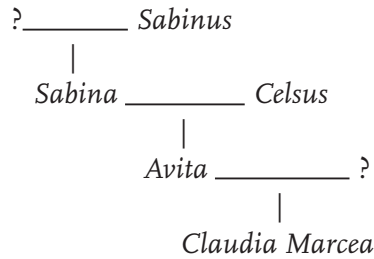
Bloco de granito com moldura de gola directa com ranhura exterior.
Dimensões: 43 x 104 x 30
Campo epigráfico: 28,5 x 91

AVITAE CELSI F(*ilia*) MAT̅R̅I ET / SABINAE SABINI F(*iliae*) AVEAE / CLAVDIA MARCEA (*sic*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

À mãe, Avita, filha de Celso e à avó, Sabina, filha de Sabino. Cláudia Marcea mandou fazer.

Vaz, 1977, p. 12-13.

A paginação poderia ser melhor uma vez que o texto se concentra na parte superior do campo epigráfico. O tamanho das letras, capitais quadradas, é quase sempre o mesmo. Há a assinalar os pontos triangulares a separar as palavras, o que lhes dá uma certa beleza.

Todos os nomes são de origem latina. *Celsus* documenta-se várias vezes na Península (Kajanto, 1965, p. 28, 65, 230). *Sabinus* e *Sabina* são nomes cuja origem se prenderá com a região itálica do *Sabinum* (Kajanto, 1965, p. 51, 186). No entanto, com as migrações estes *cognomina* perderam geralmente a sua implicação geográfica. A dedicante apresenta dois gentilícios, facto que por vezes se observa na identificação das mulheres (cf. *IRCP*, n.º 86 p. 144): o primeiro, *Claudia*, é conhecido na Península, embora não muito difundido, apesar de se tratar de um gentilício imperial (Nony, 1968, p. 59; *IRCP*, p. 250); o segundo, *Marcea*, não aparece registado em qualquer lugar: será uma variante local de *Marcia*, relacionada com a pronúncia ou com um erro do lapicida.
Através desta inscrição conhecem-se quatro gerações:

A onomástica e a própria estrutura textual apontam para a segunda metade do século I.

N.º 17
Ach.: Alpedrinha, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia.

Placa de granito.
Dimensões: 104 x 42 x 22

CAINONI / CABRVNI / . F(*ilio*) . MONVM/ENTVM STATVERVN/[5]T . AMICI S(*ui*?) / MAELOTALI(*s*) / AMAIVS A$\overline{NT}$O/$\overline{NI}$VS CAMANO(*s*?) / ARCONIS (*filius vel filii*) IVN/[10]NAII [...]OA

A Cenão, filho de Cabruno. Os seus amigos Melotal, Amaio, António, Camanos, filho(s ?) de Arcão, ergueram o monumento (...)

Lambrino, 1956, 12; *AE*, 1967, 153.

A l. 10 permanece indecifrável.

Há a registar o nome do defunto *Caino*, em vez de *Caeno* que é a forma mais comum. O nome do seu pai é raramente atestado, mas a raiz é céltica (Albertos Firmat, 1966, p. 65). Nas linhas seguintes revela-se que são os “seus amigos” que lhe ergueram o monumento. Mas estes não deverão ser entendidos como membros de um colégio religioso ou funerário, como por exemplo o dos *amici Nemesiaci* de Évora (*CIL* II, 5191), mas, mais provavelmente, estes *amici* teriam em relação ao defunto um vínculo social: seriam seus clientes. Depois vêm uma série de nomes que devem estar todos no nominativo. A leitura *Amaius* é certa. Em relação a *Camano*, Scarlat Lambrino (1956, p. 39) coloca a hipótese

de *Camano(s)*: um nome na desinência céltica de nominativo, o que não surpreenderia, no entanto, também se poderia ler simplesmente um nominativo da terceira declinação, *Camano*. *Maelotali(s)* deve relacionar-se com o antropónimo *Maelo*. *Antonius* é um gentilício frequente na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 29-30), aqui utilizado como cognome. *Arco* pode ser o pai só de *Camano(s)* ou dos quatro indivíduos. É, de qualquer forma, um nome indígena que se distribui sobretudo nas áreas célticas (Untermann, 1965, mapa 10 p. 58-59).
De acordo com Lambrino (1956, p. 37) a inscrição é do século III, tendo em conta a escrita corrente muito negligenciada.

N.º 18
Ach.: Alpedrinha, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia (n.º de inv. E 6640).

Fragmento de bloco de granito.
Dimensões: 45 x 43 x ?

[...]MI F(*ilius*) AN(*norum*) LX (*sexaginta*) / [... SE ?] VIVO F(*ecit*) . O/[...]NI F(*ilia*) . VXSOR / [... H(*ic*)] SIT(*us*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Aqui jaz ..., filho de ..., de 60 anos. .... A esposa, ..., filha de .... Que a terra te seja leve.

Lambrino, 1956, 49.

Apesar de não ser possível determinar a onomástica, é plausível com os elementos disponíveis, nomeadamente a presença em siglas da fórmula *Sit Tibi Terra Levis*, sugerir como datação os finais do século I.

N.º 19 – Est. II, 4
Ach.: Capinha, Fundão, Castelo Branco.
Par.: Estava depositada no jardim do Governo Civil de Castelo Branco, tendo sido recentemente removida para o Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco.

Fragmento irregular de um penedo granítico.
Dimensões: 170 x 118 x 70

[...]? H(*ic*) . S(*itus, a*) . E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*) . / [...]ḄARẠ / [...]ỌGELA MAELONI F(*ilia*) / [...AG?] ARANTONI(*i*) F(*ilius vel a*)

Aqui jaz ..., ..., filha de Melão, ..., filho(a) de Arantónio. Que a terra te seja leve.

CIL II, 453; Cortez, 1952, p. 178; Garcia, 1984, p. 144; Carvalho e Encarnação, 1994; Ferreira, 2000, 4.

Variantes: l. 2 e 3: MAIELO . CAMALI F(*ilius*) T(*aporus*) D(*e*) V(*ico*) TALABARA FACTVM CVRAVIT PROGELA MAIELONI(*s*) F(*ilia*) / ET DVTAIVS ARANTONI F(*ilius*) (Todas as publicações).

Não obedece a quaisquer critérios de paginação, o que é lógico tendo em conta o suporte. Na l. 1 são bem visíveis os *puncta distinguentia*, circulares. As letras são capitais actuárias. A inscrição tem sido sucessivamente publicada com base na leitura inicial, no entanto esta está incorrecta. A l. 1 não oferece dúvidas. Na l. 2 apenas se lê *BARA*, no entanto, uma vez que o penedo apresenta imediatamente antes uma fractura (que não é recente) poder-se-ia, quando muito, colocar a hipótese de se ter gravado *D(e) V(ico) TALABARA*; mas, depois de *BARA*, facilmente se constata que nada foi gravado. Na l. 3 teríamos, provavelmente, o nome da defunta, sendo duvidosa a reconstrução *Progela*, pois tendo em conta o espaço que ainda distancia o *O* da fractura, seria visível a haste do *R*. A l. 4 também está incompleta: apesar da fractura no início da linha, são visíveis duas letras que não são seguramente relativas a *DVTAIVS*.

Apesar de não se identificarem claramente os indivíduos constantes da inscrição, é perceptível que se identificam através de um nome seguido do patronímico. *Maelo* é um nome indígena, cuja raiz é a do termo irlandês *mael* (Almeida, 1956, p. 130; Palomar Lapesa, 1957, p. 81; Albertos Firmat, 1972b, p. 298).
Quanto à possibilidade de *Progela*, a ser correcta, é o único testemunho conhecido até ao momento, sendo, decerto corruptela local do nome latino *Procella* (Carvalho e Encarnação, 1994, p. 48). Já Manuel Palomar Lapesa (1957, p. 93) e María de Lourdes Albertos Firmat (1966, p. 186), baseando-se neste exemplo, identificam este nome como hispânico.
Arantonius é característico da região da Beira Interior, nomeadamente de Idanha (cf. n.os 41, 57, 118, 125, 138, 144, 160, 186, 192; Albertos Firmat, 1976, p. 74).
Com as devidas precauções, é de realçar a possível referência ao *vicus Talabara*. Este seria um sítio já citado por Ptolomeu e desse topónimo antigo teriam derivado as diversas *Talaveras* hoje existentes em território espanhol (Carvalho e Encarnação, 1994, p. 49). O cuidado em identificar a naturalidade do defunto faz-nos concluir, embora com muitas reservas, que o referido *vicus* não pode identificar-se com a Capinha[4].
O texto inicia-se por fórmulas funerárias que, de ordinário, não encabeçam os epitáfios. No entanto, como referem Rogério Carvalho e José d'Encarnação (1994, p. 48), iniciar a inscrição pela fórmula que é hábito vir no fim não é de estranhar se considerarmos o texto dos primórdios do Império. Esta hipótese é corroborada pela paleografia, pelo modo de identificação das personagens, bem como pela sua onomástica tipicamente de origem pré-romana. Por outro lado, estranhar-se-á o abuso dos nexos numa inscrição do século I. Contudo, há que ter em conta que o suporte epigráfico é uma rocha, onde são maiores as dificuldades de gravação e a paginação obedece somente à superfície lisa disponível.

N.º 20
Ach.: A 1 km a Sudoeste da Capinha, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

Bloco de granito de grão bastante fino, com moldura de cordão antecedido de um filete.
Dimensões: 43 x 103 x 40,5
Campo epigráfico: 28 x 88

HISPANVS TANGINI F(*ilius*) MEI/DVBRIGENSIS . ANN(*orum*) . L (*quinquaginta*) . H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) / CESSEA CELTI(*i*) F(*ilia*) . SOROR OB MERITA F(*aciendum*) . C(*uravit*)

Aqui jaz Hispano, filho de Tangino, Meidubrigense, de 50 anos. A irmã, Céssea, filha de Céltio, mandou fazer, pelos seus méritos.

Vaz, 1977, p. 18-20; *AE*, 1977, 362; Vaz, 1978, p. 61, XI.

Os caracteres, capitais quadrados, são belos e a gravação perfeita. Verifica-se o uso de um módulo maior para as letras da l. 1 de modo a proporcionar uma maior legibilidade. Destaca-se ainda o módulo maior do *T* que dá uma certa graça estética ao monumento. Paginação correcta segundo um eixo de simetria.

Os nomes desta inscrição são todos hispânicos. O do defunto[5], *Hispanus*, tem origem geográfica: será derivado de Hispânia, a província romana. A sua origem *Meidubrigensis* está ligada a um povo que habitava numa zona da Beira Alta, já perto do Douro. A capital deste povo, que aparece também citado na ponte de Alcântara, seria *Meidubriga*, de onde *Hispanus* ou um seu antepassado seriam naturais.
O nome *Tanginus*, que é o do pai de *Hispanus*, aparece sobretudo na Lusitânia (Albertos Firmat, 1965, p. 126). *Cessea*, a irmã do defunto e autora do monumento, usa um antropónimo indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 239), atestado apenas mais uma vez, em Idanha (cf. n.º 59). Há a assinalar que, embora *Cessea* seja irmã de *Hispanus* não se identifica com o mesmo patronímico. Para a aparente anomalia de dois pais diferentes apenas se pode concluir terem em comum a mãe.
O elogio *ob merita* sugere o século II para datar a inscrição.

N.º 21
Ach.: Capinha, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia.

Placa de granito.
Dimensões: 50 x 31 x 22

TANGINVS / DOCQVIRI F(*ilius*) / [...]

Tangino, filho de Doquiro, ...

Lambrino, 1956, 42.

Trata-se de um indígena que se identifica de acordo com a primeira fase da aculturação onomástica latina: um nome seguido do patronímico, ambos de origem pré-romana. *Docquirus* é um antropónimo que se encontra apenas a sul do rio Douro (Palomar lapesa, 1957, p. 70; Albertos Firmat, 1964, p. 244; Untermann, 1965, mapa 37, p. 104-105). *Tanginus* surge com muita frequência na Lusitânia Ocidental e Meridional (Untermann, 1965, mapa 74, p. 170-171).
Recorrendo apenas à estrutura identificativa seria inscrição do século I.

N.º 22
Ach.: Numa quinta próxima de Castelo Novo, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 10.6).

Placa de granito, de grão fino, com uma moldura de gola directa, estando a sua periferia muito desgastada em virtude de ter servido para amolar facas.
Dimensões: 35 x 50 x 24
Campo epigráfico: 24 x 35

CAIO (?) . CAENONIS / F(*ilio*) . ET . CL(*audiae*) . CASINAE / CL(*audius*) SEVERVS / PATRI ET MATRI /5 F(*aciendum*) . C(*uravit*)

A Caio, filho de Cenão, e a Cláudia Casina. Cláudio Severo mandou fazer ao pai e à mãe.

Garcia, 1984, p. 101-102, n.º 27; Silva, 1984, p. 84.

Paginação correcta e utilização de caracteres capitais quadrados. O campo epigráfico está muito destruído, encontrando-se o texto praticamente ilegível.

Para o primeiro nome gravado podem admitir-se três hipóteses: 1.ª – Caio; 2.ª – Galo; 3.ª C. Aio. A primeira, ainda assim, é a que nos parece melhor. Em relação à terceira hipótese estaríamos em presença da *gens Aia*, de que o *ILER* nos dá apenas um exemplo (5337), e em seu favor está o facto de a esposa já se identificar com os *tria nomina*: seria natural que o marido também assim se identificasse. De qualquer forma o gentilício adoptado pelo dedicante e filho é o da mãe: trata-se da *gens Claudia* (*ILER*, p. 680) que surge em abreviatura, provavelmente, por ser muito conhecida; usa um cognome latino vulgar (Kajanto, 1965, p. 68-69, 256).
A estrutura do texto aponta para o século I, provavelmente segunda metade.

N.º 23 – Est. III, 5
Ach.: Próximo da Capela de S. Brás em Castelo Novo, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu Francisco Tavares Proença Junior, Castelo Branco (n.º inv. 32.1).

Pequena placa de granito. Encontra-se fracturada no topo. Não se conhece nenhum paralelo claro para esta peça que talvez tenha servido para tapar uma urna cinerária.
Dimensões: 25 x 13,5 x 4/5

[N ? . M ?] / ṬITVLVS / RVSTIC/ẠṆỊ F(*ilius*) AN(*norum*) /5 LXXV (*quinque et septuaginta*) POS(*u*)/IT VXOR / [...]

Título, filho de Rusticano, de 75 anos. A esposa, ..., colocou.

Garcia, 1984, p. 103-104, n.º 28; Silva, 1984, p. 84; Mantas, 1985, p. 229.

Variantes: l. 7: GAL?ATIA? (Garcia; Silva)

Apresenta caracteres cursivos, raros nos monumentos funerários. A própria disposição do texto não é comum. Repare-se nas ls. 5 e 6: a forma verbal *posuit*, geralmente no fim, vem antes da indicação do grau de parentesco do dedicante, assim como este grau vem antes do seu nome (que não se conhece).
Em relação à l. 1, o *M* não parece corresponder a M(*anibus*), como sugeriu Vasco Gil Mantas, já que, seguramente, não se lê o *D* ou o *S* como seria natural. O nome *Galatia*, na l. 7, sugerido por José Manuel Garcia não pode ser comprovado: a ter existido está actualmente ilegível.
Na l. 4 a hipótese *Rusticanus*, derivado de *Rusticus* (Kajanto, 1965, p. 310), cognome latino muito frequente na Península (*ILER*, p. 743), não parece oferecer dúvidas.

N.º 24
Ach.: Na parede de uma casa do século XVI, nas Donas, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

Bloco de granito de grão um pouco grosso. O campo epigráfico está limitado por uma moldura de cordão duplo.
Dimensões: 44,5 x 57 x 36
Campo epigráfico: 32 x 44

C(*aius*) ARIVS EBVRI F(*ilius*) / APIL̅O̅CVS H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) / TITVLLINVS / TITVLLI F(*ilius*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

Aqui jaz Caio Ário Apíloco, filho de Éburo. Titulino, filho de Título, mandou fazer.

Vaz, 1977, p. 14-15; *AE*, 1977, 358; Vaz, 1978, p. 61, VII.

A paginação é bastante boa, tal como a gravação das letras capitais quadradas.

O defunto aparece identificado com os *tria nomina* o que indicia tratar-se de um cidadão romano. O cognome *Apilocus* não foi registado até hoje nas inscrições romanas da Península, parecendo tratar-se efectivamente do primeiro exemplo deste cognome, cuja raiz *Apil* se documenta em nomes como *Apilus* e *Apilicus, ius* (Albertos Firmat, 1977a, p. 40). É um membro da *gens Aria*, assaz rara na Península (cf. *ILER*, 1107, 3806, 5599). O seu pai tinha um nome, *Eburus*, pré-romano (Albertos Firmat, 1964, p. 246) e escassamente representado; de qualquer forma verifica-se que não houve a omissão do patronímico, portanto claramente se revela a sua origem indígena.
O dedicante identifica-se à maneira indígena: nome e patronímico, mas já usa antropónimos latinos. Assim *Titullus* é um antropónimo não muito frequente no mundo romano (Kajanto, 1965, p. 171) e que se regista essencialmente na Hispânia indo-europeia, sendo provável que tenha substituído um nome indígena (Untermann, 1965, mapa 75, p. 172). O nome do filho, como era regra, deriva do do pai. Fica por esclarecer a relação do dedicante com o defunto.
A inscrição é de finais do século I pela estrutura identificativa e paleografia.

N.º 25
Ach.: Sob o peitoril de uma janela de uma casa de Donas, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

Placa de granito de grão fino. O campo epigráfico está limitado por uma moldura em cordão.
Dimensões: 41 x 82 x 22,5
Campo epigráfico: 29 x 58,5

FLACCINO . FLACCI / F(*ilio*) A(*nnorum*) XXXV (*quinque et triginta*) . FRATER AVI/TIANVS ET FIRMINA / VXSOR (*sic*) / 5 F(*aciendum*) . C(*uraverunt*)

A Flacino, filho de Flaco, de 35 anos. O irmão, Aviciano e a esposa, Firmina, mandaram fazer.

Vaz, 1977, p. 18; *AE*, 1977, 361; Vaz, 1978, p. 61, X.

Paginação deficiente, especialmente na l. 4 em que a palavra *uxsor* está alinhada à esquerda. Os espaços interlineares são bastante reduzidos, dando a sensação que o texto se amontoa. Caracteres actuários.

Há a assinalar que a indicação da idade do defunto vem abreviada apenas com um *A*, enquanto o grau de parentesco das pessoas que fizeram o monumento vem indicado por extenso.
Apesar da onomástica latina, estas personagens são indígenas pela forma como se identificam: o uso de um único nome. *Flaccinus* usa cognome latino derivado do do pai *Flaccus* (Kajanto, 1965, p. 168, 240). O cognome *Avitianus* formou-se a partir de *Avitus* (Kajanto, 1965, p. 109, 304). *Firmina* tem também nome latino (Kajanto, 1965, p. 258).
Regista-se *uxsor* em vez de *uxor*, facto não inédito na epigrafia hispânica e na própria região (cf. n.º 18).
O monumento deve datar-se da segunda metade do século I, como parece documentar a onomástica e a paleografia.

N.º 26
Ach.: Numa casa de Donas (ao lado da anterior), Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

Placa de granito de grão bastante fino. O campo epigráfico está delimitado por uma moldura de gola directa com ranhura exterior acentuada.
Dimensões: 42 x 109 x 20
Campo epigráfico: 29 x 81

MAELONI TONGI(i) F(*ilio*) ARAN/TONIO TALABI F(*ilio*) TONGIVS / MAELONIS F(*ilius*) PA$\overline{\text{TR}}$I TALABVS F(*ilio*)

A Melão, filho de Tôngio e a Arantónio, filho de Talabo. Tôngio, filho de Melão, ao pai, Talabo ao filho.

Vaz, 1977, p. 21-23; *AE*, 1977, 364; Vaz, 1978, p. 61, XIII.

Variantes: l. 3: MELONIS (Vaz, *AE*)

Paginação correcta. Caracteres capitais quadrados.

O nome *Maelo* é típico da Lusitânia (Albertos Firmat, 1982, p. 54). O antropónimo *Tongius* deve ser igualmente tipicamente lusitano, onde surge com várias grafias (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 31-32). O nome *Arantonius* parece ser característico desta região (cf. n.os 9, 19, 26, 41, 57, 118, 125, 138, 144, 160, 186, 192): deve tratar-se de um nome regional e apenas circunscrito à região da Egitânia. *Talabus* é também indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 125-126, 1972b, p. 312, 1977a, p. 38).
A identificação de todas as pessoas mencionadas, defuntos e dedicantes, é feita à maneira indígena, indicando-se apenas o nome e a filiação.
Não são muito frequentes os monumentos funerários dedicados a duas pessoas diferentes, com dedicatória sem qualquer separação. O facto de estarem no mesmo epitáfio significa que eram próximos ou que circunstância comum as matou.
A simplicidade textual, nomeadamente a estrutura identificativa, assim como a onomástica, apontam para a primeira metade do século I[6].

N.º 27
Ach.: No entulho de uma casa em reconstrução no Fundão, Castelo Branco.
Par.: Museu do Fundão.

Bloco funerário de granito de grão fino. Este monumento foi, em todas as publicações, classificado como ara, interpretando-se como "fóculo circular para as libações" um orifício na parte superior da peça que terá sido resultado de uma utilização posterior. Tem a decorar o campo epigráfico uma moldura de cordão antecedido de uma faixa.
Dimensões: 44 x 57 x 58
Campo epigráfico: 32,5 x 38, 2

NEPOS / ARCONIS . F(*ilius*) / H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) / S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Aqui jaz Nepo, filho de Arcão. Que a terra te seja leve.

Vaz, 1977, p. 23-24; *AE*, 1977, 365; Vaz, 1978, p. 61.

Paginação e pontuação correctas. Caracteres capitais quadrados, destacando-se os módulos do nome do defunto de maiores dimensões.

A identificação é feita à maneira indígena: um nome e o patronímico. O nome do defunto, *Nepos*, está registado em diversos locais da Península e é latino (Kajanto, 1965, p. 21, 79, 304). Já o patronímico, *Arco*, pertence à onomástica indígena e distribui-se, sobretudo, nas áreas célticas (Almeida, 1956, p. 124; Palomar Lapesa, 1957, p. 39; Albertos Firmat, 1964, p. 223; Untermann, 1965, mapa 10, p. 58-59).
A presença da fórmula *Sit Tibi Terra Levis* permite datar a inscrição da segunda metade do século I - inícios do II.

N.º 28
Ach.: Mata da Rainha, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

Placa de granito mal aparelhada, onde não se distingue o campo epigráfico.
Dimensões: 25 x 58 x 18,2

TAPORA / TANGINI / F(*ilia*) . H(*ic*) . S(*ita*) . E(*st*) .

Aqui jaz Tapora, filha de Tangino.

Vaz, 1977, p. 24-25; *AE*, 1977, 366; Vaz, 1978, p. 61, XV; Silva, 1984, p. 85; Ferreira, 2000, 3.

Paginação com alinhamento à esquerda. Pontuação correcta através de pontos circulares, não se justificando, no entanto, o último ponto. Letras capitais quadradas.

A defunta é uma indígena: identifica-se com um antropónimo indígena de origem étnica (Albertos Firmat, 1965, p. 126) seguido do patronímico também de origem pré-romana. Poder-se-á tratar de alguém com ascendência dos *Tapori* que, porque nascida fora do território desse *populus*, recebeu esse nome como forma de distinção.
Tanginus é um nome hispânico, representante típico da área lusitana, pois os que se encontram fora dessa região são muito poucos (Albertos Firmat, 1965 p. 126, 1972, p. 313-314; Untermann, 1965, mapa 74, p. 170-171).
A estrutura identificativa e a paleografia apontam para a primeira metade do século I.

N.º 29
Ach.: A servir de banco de lareira de uma casa velha situada ao lado da igreja matriz da Póvoa de Atalaia, Fundão, Castelo Branco.
Par.: Na sacristia da Igreja matriz da Póvoa de Atalaia, Fundão, Castelo Branco.

Bloco de granito fragmentado. Restam vestígios de moldura de cordão
Dimensões: 42 x (100) x 28,5
Campo epigráfico: 31 x 77

GRAECINIVS / LANGON / ANN(*orum*) XX$\overline{\text{X}}$V (*quinque et triginta*) / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)

Aqui jaz Grecínio Langão, de 35 anos. Que a terra te seja leve.

Leitão, 1982; *AE*, 1982, 478; Silva, 1984, p. 86-87; Abascal Palazón, 1994, p. 381; Encarnação, 1996b, p. 18, n.º 30; Encarnação, 1998, p. 85.

A paginação é excelente, o campo epigráfico foi organizado segundo um eixo de simetria. As letras, capitais quadradas, são de incisão triangular.

Pela onomástica, deve tratar-se de um liberto, dada a provável origem grega do cognome *Langon*, acrescido do facto de omitir a filiação. De qualquer forma, é um indivíduo que já se identifica com *nomen* e *cognomen*.

A ausência de *praenomen* poderia sugerir uma data mais tardia, mas tanto a simplicidade do texto como a paleografia apontam para o século I. Tal ausência pode ser aqui devida à incipiente aculturação.

N.º 30
Ach.: Souto da Casa, Fundão, Castelo Branco.
Par.: Está incrustada numa das paredes laterais exteriores da igreja paroquial da freguesia de Souto da Casa, Fundão, Castelo Branco.

Placa de granito com moldura de gola directa e ranhura exterior. Deveria estar colocada no frontespício de um jazigo de família.
Dimensões: 43, 3 x 92 x ?
Campo epigráfico: 27, 6 x 76,5

IVLIA L(*ucii*) F(*ilia*) MODESTA AN(*norum*) XIIX (*duodeviginti*) / LIVIA NYMPHE AN(*norum*) XXXX (*quadraginta*) / H(*ic*) S(*itae*) S(*unt*) / L(*ucius*) IVLIVS THYMELICVS SIBI FILIAE ET /[5] VXORI

Aqui jazem Júlia Modesta, filha de Lúcio, de 18 anos, e Lívia Ninfa, de 40 anos. Lúcio Júlio Timélico para si, para a filha e para a mulher.

Salvado, 1986; *HEp* 1, 1989, 673; Encarnação, 1996a.

Paginação segundo um eixo de simetria. Pontuação circular. Letras capitais quadradas.

O pai identifica-se com os *tria nomina*. De destacar o *cognomen* grego: "o que é próprio do teatro, do coro" (Solin, 1982, p. 1167). Portanto um *cognomen* de conotação cultural assim como o da esposa, *Nymphe*, formado a partir do substantivo *nympha* (Encarnação, 1996a, p. 50). Ambos omitem a filiação. Será provavelmente uma família de libertos, daí também a circunstância de ser a filha quem, no epitáfio, está nomeada em primeiro lugar: esta já detinha um estatuto jurídico de ingénua, de condição livre, daí também o seu nome tipicamente latino (Kajanto, 1965, p. 68-69, 263). O gentilício *Iulius*, que o pai transmite à filha, teve uma difusão extraordinária nas regiões que incorporaram a latinidade entre César e os Flávios, alcançando assim um número de que nenhum outro se aproximaria (*ILER*, p. 705-708). A esposa apresenta a *gens Livia*, bem menos comum (*ILER*, p. 711).
De realçar a forma como dezoito é grafada, por evidentes imperativos de paginação: XVIII ocuparia muito mais espaço e não caberia ali.
A inscrição é datável do século I, preferencialmente da sua segunda metade, tendo em conta a estrutura identificativa e a própria onomástica.

N.º 31
Ach.: Telhado, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia.

Placa de granito.
Dimensões: 44 x 75 x 20

BASSVS ALL[V]/CQVI(*i*) . F(*ilius*) . HIC / SITVS . EST . S(*it*) / T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Aqui jaz Basso, filho de Alúquio. Que a terra te seja leve.

Lambrino, 1956, 11; *AE*, 1967, 150.

Trata-se nitidamente de um indígena que se identifica de acordo com a segunda fase da aculturação onomástica latina: nome e patronímico; o patronímico ainda de origem pré-romana (Palomar Lapesa, 1957, p. 30; Albertos Firmat, 1966, p. 18, 1964, p. 217), mas o nome já latino (Solin e Salomies, 1994, p. 301).
A presença da fórmula sit tibi terra levis, em sigla, aliada à simplicidade textual, aponta para a segunda metade do século I.

N.º 32
Ach.: No lugar do Freixial, Telhado, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

Bloco granítico de grão bastante grosso e aspecto tosco. Apenas a face foi preparada para receber a inscrição constituindo, portanto, o campo epigráfico.
Dimensões: 43 x 98 x 46

EPHEBO AVITI . LIB(*erto*) / CAESIA LIB(*erta*) FEC(*it*) / EX . TEST(*amento*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

A Ephebo, liberto de Avito. Césia, liberta, fez por disposição testamentária. Que a terra te seja leve.

ILER, 5052; Vaz, 1977, p. 17; *AE*, 1977, 360; Vaz, 1978, p. 61, IX; Encarnação, 1986, p. 458, 1996b, p. 18, n.º 32.

A gravação dos caracteres actuários e a paginação são bastante boas em contraste com o aspecto tosco do monumento. A separação das palavras fez-se por sinais em forma de vírgulas.

Avitus pode ser um indígena, apesar do nome latino. O liberto possui um nome grego. *Caesia* também se identifica por um só nome, indígena (Albertos Firmat, 1966, p. 71; Untermann, mapa 24, p. 82), que se confunde com o gentilício homónimo latino.
Apresenta a fórmula *sit tibi terra levis*, bem como *ex testamento*, demonstrativa do esquema legal a funcionar em pleno: decerto *Ephebus* libertou *Caesia* por disposição testamentária, impondo-lhe a obrigação de lhe erigir um monumento para os seus restos mortais.
Esta inscrição deve ser da segunda metade do século I, datação que a fórmula final em siglas e a paleografia parecem confirmar.

N.º 33
Ach.: Telhado, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia.

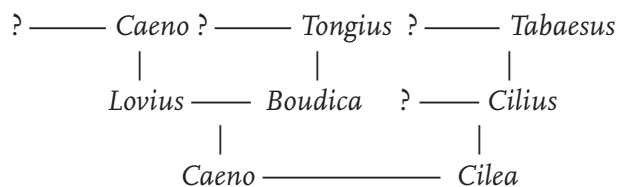
Bloco de granito, moldurado.
Dimensões: 45 x 109 x 35

[L]OVIO . CAENONIS . F(*ilio*) . PATRI / BOVDICAE . TONGI(*i*) F(*iliae*) . MATRI / CILIO . TABAESI . F(*ilio*) . SOCRO . CILEAE / CILI . F(*iliae*) . VXORI . CAENO . LOVI . F(*ilio*) .

Cenão, filho de Lóvio, ao pai Lóvio, filho de Cenão; à mãe Boudica, filha de Tôngio; ao sogro Cílio, filho de Tabaeso e à esposa Cílea, filha de Cílio.

Lambrino, 1956, 33; Almeida, 1956, XVI; *HAE*, 1209; *AE*, 1967, 170; *ILER*, 4859; Albertos Firmat, 1977a, p. 190.

Variantes: l. 1:BOVIO (Albertos Firmat)
l. 3: TAPAESI (*AE*)
l. 4: VXORI (Lambrino, Egitânia)

Trata-se nitidamente da legenda do jazigo de uma família indígena.
O dedicante apresenta o nome do avô paterno: *Caeno*; a mãe, *Boudica*, usa um nome tipicamente lusitano (Palomar Lapesa, 1957, p. 50; Albertos Firmat, 1964, p. 230); o pai desta, *Tongius,* tem também um nome indígena bastante comum, nomeadamente na região aqui tratada (cf. n.os 26, 33, 73, 90, 107, 109, 177, 205); *Lovius*, o pai, usa igualmente nome indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 252); *Cilius* e *Cilea* são antropónimos indígenas representantes típicos da área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 35, p. 100-101); *Tabaesus* é um nome hispânico (Albertos Firmat, 1965, p. 124). Daqui resulta o seguinte *stemma:*

A onomástica e a simplicidade textual, sem qualquer fórmula final, indiciam que este texto deve ser da primeira metade do século I.

N.º 34
Ach.: Torre dos Namorados, Fundão, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

Bloco de granito cuja face foi preparada para a gravação da inscrição, não se distinguindo o campo epigráfico. A sua forma dá a impressão de servir para encostar a um ângulo formado por duas paredes.
Dimensões: 61 x 58 x 40

LVBAECVS / APANONI(*s*) / T (sic) [F(*ilius*)] H(*ic*) S(*itus*) E(*st*)

Aqui jaz Lubeco, filho de Apanão.

Vaz, 1977, p. 20-21; *AE*, 1977, 363; Vaz, 1978, p. 61, XII.

Variantes: l. 2: APANONI (Vaz)

Paginação correcta, apesar do aspecto tosco do monumento. Letras actuárias.
O *T*, que se lê sem qualquer margem para dúvidas, deveria ser um *F* e só por engano se compreende.

O patronímico do defunto não é *Apanonus*, mas deve ser *Apano*, no genitivo — *Apanonis*, faltando o *S* por erro do lapicida. Correcção, aliás, já feita por José d'Encarnação (*IRCP*, p. 495). O defunto identifica-se à maneira indígena e com onomástica indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 80; Albertos Firmat, 1965, p. 109). Já conhecemos um indivíduo de nome *Lubaecus* através de uma inscrição achada em Castelo Branco (n.° 2): tratar-se-á da mesma pessoa?
A simplicidade textual aponta para um texto datável dos primórdios do século I.

N.° 35
Ach.: No cemitério paroquial de Vale de Prazeres (erigido em 1851), Fundão, Castelo Branco.
Par.: Na posse de Francisco Afonso Pereira, morador em Vale de Prazeres, Fundão, Castelo Branco.

Bloco de granito, de grão bastante fino. O formato é o de um paralelepípedo rectângulo, apenas com algumas escoriações nas arestas. O campo epigráfico está delimitado por uma moldura do tipo gola directa com ranhura exterior.
Dimensões: 42 x 98 x 43
Campo epigráfico: 26 x 81

PAVLLO . LOVESI(*i*) . F(*ilio*) / ARANIA CRAESONI F(*ilia*) SO/CRV[S?] *vel* $\overline{\text{VS}}$ H(*eres*) EX . T(*estamento*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Paulo, filho de Lovésio. A sogra (?), Arânia, filha de Cresono, mandou fazer por disposição testamentária.

Silva, 1984, p. 87-89, 1985; *AE*, 1985, 533.

Variantes: l. 3: CRV[O?] (Silva)

A paginação, bastante cuidada, revela a preocupação do *ordinator* em distribuir o texto segundo um eixo de simetria, o que não foi conseguido de todo. Houve também a preocupação em identificar o defunto com módulos maiores. Pontuação através de pequenos triângulos. Os caracteres são do tipo monumental quadrado, de traçado vertical e bastante regular.

J. Candeias Silva (1985) considera remota a hipótese da leitura de *socrus, us*, isto é "sogra", por nós considerada a mais correcta. Considera este autor mais viável a hipótese de *sucruo*, e a leitura "ao sogro". Ora, tendo em conta os vocábulos latinos para esta designação — *socer, eri*; *socerus, i* e, por fim, *socrus, i* — não encontramos qualquer fundamento em seu favor. A não ser que se considere a deficiente declinação de *socrus, i* devendo grafar-se *socro*.
Não obstante a raiz latina de *Paullus* (Kajanto, 1965, p. 135 e 243), toda a onomástica é indígena. *Lovesius* é já conhecido na região, sendo um dos antropónimos indígenas mais típicos da área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 48, p. 121-122); *Arania* poderá relacionar-se com os teónimos indígenas *Aranius* e *Arantius*/*Arentius* ou até mesmo com o antropónimo *Arantonius* (Albertos Firmat, 1966, p. 30); *Craesonus* é nome inédito.
Este é mais um testemunho da forma como se processou a aculturação em terras luso-romanas da Beira Interior, bem evidenciada na adopção dos hábitos jurídicos romanos, e de que se realça aqui o cumprimento de uma cláusula testamentária.
Pela onomástica, estrutura identificativa e ainda pela paleografia, o texto é do século I.

N.º 36
Ach.: Estava a servir de verga de uma porta na aldeia de Alcafozes, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No Museu Francisco Tavares Proença Junior, Castelo Branco (n.º inv. 10.13).

Estela de granito. Está fragmentada do lado direito e nas partes inferior e superior. Tinha uma decoração circular no topo e, na base, terminava com uma ornamentação de traços paralelos com uma pequena folha de hera a meio.
Dimensões: 112 x (34) x 10,5

AMA[INIO?] / TOVTO[NI F(*ilio*)] / CAMA[LAE] / AVELL[I(*i*) F(*iliae*)] / [5] AVITVS [FILI]/VS D(*e*) S(*uo*) F(*aciendum*) [C(*uravit*)]

A Amainio?, filho de Toutono, e a Câmala, filha de Avélio. Avito, o filho, mandou fazer a expensas suas.

Almeida, 1956, 28; *HAE*, 1082; *ILER*, 5141; Garcia, 1984, p. 91-92, n.º 22; Mantas, 1985, p. 228.

Variantes: l. 1: [C]AMALO; l. 3: CAMA[LVS] (Almeida, 1956)
1.1: AMAELO; l. 3: CAMALVS; l. 5: AVOTVS [...] (*HAE*)
l.1: AMA[ELO]; l. 2: TOVTO[NI] F CAMAL[VS] (*ILER*)
l. 1: AMA[ENIO] (Garcia)

As letras são capitais quadradas.

Existem dificuldades de interpretação na primeira linha. Considerámos a hipótese *Amainius* dado o facto de esta grafia ser já conhecida na Península (Albertos Firmat, 1966, p. 20), enquanto que a grafia *Amaenius* só se conhece no feminino (Palomar Lapesa, 1957, p. 31). Poder-se-á, no entanto, considerar pretensioso optar por uma ou outra designação, até porque, tendo em conta o espaço seria igualmente possível *Amandus* também já documentado (Albertos Firmat, 1964, p. 218).

Os defuntos são identificados à maneira indígena e possuem onomástica igualmente indígena. *Toutonus* é um antropónimo indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 105; Albertos Firmat, 1966, p. 232, 1965, p. 129) que também está atestado na forma *Toutunius*; *Camala* é um nome típico da área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 26, p. 85--86); *Avelius* regista-se também entre os antropónimos indígenas (Albertos Firmat, 1966, p. 44). O filho já adoptou um antropónimo latino muito comum na Lusitânia (Untermann, 1965, mapa 14, p. 65-66).
A simplicidade textual, nomeadamente a onomástica e a estrutura identificativa, permite datar o monumento do século I.

N.º 37
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com um cordão antecedido de uma faixa.
Dimensões: 45 x 89 x 42
Campo epigráfico: 31 x 75

ALBINO TANGINI F(*ilio*)/ LAN$\overline{\text{CI}}$E(*n*)SI OPPIDANO / AMOENA $\overline{\text{MA}}$ELONIS (*filia*) / EX $\overline{\text{TE}}$S(*tamento*) · F(*aciendum*) [.] C(*uravit*).

A Albino, filho de Tangino, lanciense opidano. Amena, filha de Melão, mandou fazer por disposição testamentária.

Lambrino, 7; Almeida, 1956, 27; *AE*, 1961, 360 = *AE*, 1967, 147; *HAE*, 1081; *ILER*, 5355.

O *ordinator* variou a dimensão dos caracteres de forma a obter uma paginação correcta. Por outro lado, verifica-se uma diminuição progressiva das letras, destacando-se a l. 1. Consegue uma paginação correcta, à excepção da l. 3 que está alinhada à direita, não havendo motivo para o nexo MA. Belos caracteres monumentais quadrados.

É o epitáfio de um indivíduo originário dos *Lancienses Oppidani*, vizinhos dos *Igaeditani*, a Norte. O defunto usava um antropónimo romano membro do reportório indígena, especialmente na área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 4, p. 47-48; Kajanto, 1965, p. 227). O patronímico, *Tanginus*, é característico da Lusitânia Ocidental e Meridional (Untermann, 1965, mapa 74, p. 170-171).
A dedicante apresenta um cognome latino muito frequente (Kajanto, 1965, p. 64, 134, 282) e o seu pai usa antropónimo indígena igualmente conhecido (cf. n.os 19, 26, 71, 104, 140, 141, 206).
Estamos pois perante a fase inicial da aculturação onomástica latina, em que os indivíduos se identificam apenas com o nome e o patronímico. De realçar a gradual adopção de onomástica latina pelos filhos.
Não está explícita a relação existente entre a dedicante e o defunto. Alguma ligação, quiçá amorosa, existiria entre eles para este a fazer sua herdeira.
A inscrição, tendo em conta a simplicidade textual, será do século I.

N.º 38 – Est. IV, 6
Ach.: Estava a fazer de ombreira numa casa de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Cipo de granito, truncado.
Dimensões: (84) x 51 x 47,5

ẠNNIAE / VEGETAE / ANNI(*i*) . VALENTIS / LANCIENSIS . F(*iliae*) /5 Ex . TESTAMENTO / ANNIAE RVFINAE / MATRIS . EIVS

A Ânia Vegeta, filha de Ânio Valente, Lanciense, por testamento de Ânia Rufina, sua mãe.

Almeida, 1956, 29; *HAE*, 1083; *ILER*, 5351.

Variantes: l. 2: VECETAE (*ILER*)

Paginação correcta, pontuação através de pequenos pontos circulares. Caracteres capitais quadrados. As duas primeiras linhas destacam-se através de módulos maiores.

Os três indivíduos citados na inscrição identificam-se com os *tria nomina*. Os cognomes são latinos, embora *Vegetus* se ateste várias vezes na Península em contexto indígena (*ILER*, p. 763). *Valens*, também cognome latino (Kajanto, 1965, p. 18, 46, 66, 247), é frequente na Península (*ILER*, p. 760-761), assim como *Rufina*. O gentilício *Annius*, a que pertencem todos os elementos, documenta-se na Península (*ILER*, p. 658-659), sendo frequente no *conventus Pacensis* (cf. *IRCP*, p. 859).
A ausência de *praenomen* na identificação de *Annius Valens* poderia indiciar uma datação tardia, no entanto também aqui parece ter a ver com o incipiente domínio das regras identificativas romanas (cf. n.os 23, 29). Este facto aponta para o século I.

N.º 39
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito, de topo arredondado, moldurada através de uma ranhura que acompanha o formato da estela. Está fragmentada na parte inferior.
Dimensões: 67 x 46 x 25
Campo epigráfico: 48 x 36,5

ARCON/I DVATI(i) F(*ilio*) / [H(*ic*)] E(*st*) S(*itus*) AN(*orum*) / L (*quinquaginta*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)

A Arcão, filho de Duácio, de 50 anos. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

Almeida, 1956, 31; *HAE*, 1085; *ILER*, 6101.

Variantes: l. 2: II VARI F (Almeida, *HAE*, *ILER*)
ls. 3 e 4: IL[I]VS AN / I[...] [ST]TL (Almeida).
ls. 3 e 4: ILVS AN / I[...]TI (*HAE*)
ls. 3 e 4: IL[I]VS AN . [V]/I[GIN]TI (*ILER*)

As três primeiras linhas estão bem paginadas. A última está alinhada à esquerda. Os caracteres são cursivos, o que dá um aspecto tosco à epígrafe.

Mais um defunto que se identifica com onomástica indígena. O antropónimo *Arco* já é nosso conhecido (cf. n.^{os} 17, 28). O antropónimo *Duatius* é também indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 71; Albertos Firmat, 1964, p. 245).
A inscrição deve datar-se da segunda metade do século I dada a presença da fórmula final *sit tibi terra levis*.

N.º 40

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado: cordão antecedido de uma faixa. Está fragmentado no canto superior direito.
Dimensões: 44 x 91 x 39
Campo epigráfico: 28 x 55

ARRENO CREṢÇ̣E/NTIS F(*ilio*) LIBIENSI / $\overline{\text{MA}}$ṾṚILLA CELERIS / LIB(*erta*) MAṚITO F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Arreno, filho de Crescente, Libiense. Maurila, liberta de Céler, mandou fazer ao marido.

CIL II, 439; Almeida, 1956, 32; *ILER*, 5359.

Variantes: l. 3: MIIIA (*CIL*); M[VR]ILLA (Almeida)

Paginação incorrecta. Caracteres actuários.

Estamos na presença de mais um indivíduo oriundo de um território exterior a Idanha. A cidade de Líbia é citada no Itinerário Antonino, na estrada que ligava Saragoça a Leon e deve ser a actual Leyva de Logroño, na Castela-Velha (Almeida, 1956, p. 163), no *conventus Cluniensis*. É identificado apenas com um nome e o patronímico. O nome *Arrenus* tem origem pré-romana (Palomar Lapesa, 1957, p. 42; Albertos Firmat, 1966, p. 36, 1964 p. 225, 1977a, p. 35); Já o seu patronímico *Crescens* é latino (Kajanto, 1965, p. 93-94, 234).
A dedicante e esposa, uma liberta — provavelmente de um indígena, apesar da latinidade do nome *Celer* (Kajanto, 1965, p. 66, 248) —, apresenta um antropónimo de origem latina (Kajanto, 1965, p. 206) coexistindo com a forma indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 113).
A simplicidade textual data o monumento do século I.

N.º 41 – Est. V, 7
Ach.: Estava na parede de um palheiro do Sr. João dos Reis em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

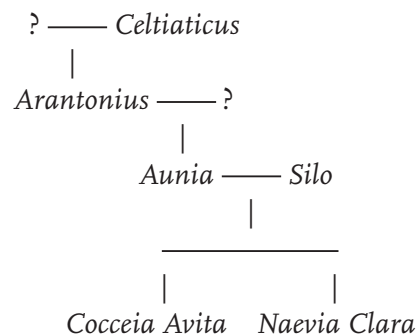
Bloco de granito, moldurado com um cordão antecedido de um filete.
Dimensões: 44 x 95 x 31
Campo epigráfico: 31 x 89

AVNIAE ARANTONI(*i*) / CELTIATICI F(*ilius*) . LANC(*iensi*) OPPIDANAE / COCCEIA ṢILONIS F(*ilia*) AVITA / NAEVIA SILONIS F(*ilia*) CLARA MATRI /[5] F(*aciendum*) C(*uraverunt*)

A Aunia, de Arantónio, filho de Celtiático, de Lância Opidana. Coceia Avita, filha de Silão e Névia Clara, filha de Silão, mandaram fazer à mãe.

Almeida, 1956, 36; *HAE*, 1088; *ILER*, 5356; Albertos Firmat, 1977a, p. 194; Dias, 1985, p. 560-561.

O *ordinator* respeitou a regra da integridade das palavras recorrendo aos nexos e às letras inclusas. Usou a primeira linha para identificação privilegiada do defunto. A paginação está correcta segundo um eixo de simetria. Caracteres capitais quadrados.

Mais uma família de indígenas da qual pode construir-se o seguinte *stemma*:

A inscrição denuncia quatro gerações. A mãe é identificada apenas com um nome e patronímico: *Aunia* é antropónimo característico das regiões célticas da Península (Palomar Lapesa, 1957, p. 47; Albertos Firmat, 1964, p. 228, 1972a, p. 19); o patronímico, *Arantonius*, é um antropónimo já conhecido; o patronímico[7] deste, *Celtiaticus*, parece ser o único exemplar conhecido na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 323): será um derivado de *Celtius* (Albertos Firmat, 1982, p. 53).
As filhas apresentam já identificação à maneira romana: assim, a primeira, *Cocceia Avita*, tem o gentilício do imperador Nerva (*ILER*, p. 681) e um cognome latino bastante comum na região; a irmã pertence à *gens Naevia*[8], de que se conhecem raros exemplos na Península (cf. *ILER*, p. 723), e tem o cognome latino, *Clara*, muito comum na Península (Kajanto, 1965, p. 278). Parece estranho serem de *gens* diferentes. A possibilidade de serem libertas desvanece pela indicação da filiação. No entanto, só conhecemos o cognome romano do pai e não é assim possível avaliar a carga arbitrária que levou à escolha dos gentilícios. Pode inclusivamente colocar-se

a hipótese de uma delas, ou até ambas, terem obtido aqueles gentilícios através do casamento.
Uma vez que surge uma mulher com o gentilício do Imperador Nerva, deve datar-se a inscrição da primeira metade do século II.

N.º 42
Ach.: Estava dentro da muralha em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 10.15).

Bloco de granito que se inscreve dentro de uma cuidada moldura de gola directa com ranhura exterior bem acentuada.
Dimensões: 45 x 100 x 44
Campo epigráfico: 27,5 x 73

AVNIAE AVELIAE LIB(*ertae*) / $\overline{\text{MA}}\overline{\text{TR}}$I ET IVLIAE FELICVLAE / $\overline{\text{VX}}$ORI QVI$\overline{\text{NT}}$VS IVLIVS / $\overline{\text{MA}}$RIANVS ET SIBI F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Aunia, liberta de Avélia e a Júlia Felícula. Quinto Júlio Mariano mandou fazer para a mãe, para a esposa e para si.

Almeida, 1956, 37; *HAE*, 1089; *ILER*, 3992a; Garcia, 1984, p. 105-106, n.º 29; Mantas, 1985, p. 229.

O texto encontra-se bem paginado, apresentando alguns nexos, pois a sua mensagem é ainda bastante grande e havia que aproveitar bem o espaço existente para a sua redacção. Os caracteres são capitais quadrados.

A epígrafe revela um indígena que ascendeu socialmente, tendo provavelmente adquirido a cidadania romana. Nos seus *tria nomina*, vulgares, *Quintus Iulius Marianus*, mostra como repudiou a onomástica indígena, adoptando cognome latino (Kajanto, 1965, p. 150) e como escreveu por extenso o *praenomen*, geralmente abreviado. No entanto, a sua origem era modesta, pois a sua mãe era uma indígena *Aunia*, liberta de outra indígena, *Avelia*, ambas com antropónimos vulgares no Ocidente da Península. É estranho que não se faça referência ao pai: afastamento familiar, morte precoce do progenitor...?
Iulia Felicula, de cognome também latino (Kajanto, 1965, p. 124-126, 273), devia pertencer como o marido à nata local. José Manuel Garcia (1984, p. 106) admite mesmo a hipótese de que a riqueza e os *tria nomina* desta personagem se possam relacionar com o desmpenho de cargos administrativos locais.
A estrutura identificativa sugere que o monumento seja da segunda metade do século I.

N.º 43
Ach.: Estava dentro da muralha em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Cipo de granito truncado.
Dimensões: (76) x 50 x 33

AVITO / APRI F(*ilio*) / COELEA MANI F(*ilia*) / MATER

A Avito, filho de Apro. A mãe, Coelea, filha de Mano.

Almeida, 1956, 35; *HAE*, 1087; *ILER*, 4213.

Texto bem paginado dando relevo ao nome e filiação do defunto. Apresenta ainda belos caracteres capitais quadrados. Destaca-se o *R* que apresenta a haste oblíqua recta e com o ponto de partida da pança muito afastado da haste vertical, forma que ocorre também em Torres Vedras (cf. Mantas, 1982, n.° 4, foto 5).

Mais um defunto identificado apenas com um nome e patronímico. O antropónimo latino *Avitus* é bastante comum no meio indígena; *Aper* é um nome latino (Kajanto, 1965, p. 86, 325), também comum na Península; *Coelea*, antropónimo hispânico (Albertos Firmat, 1964, p. 241), que surge mais duas vezes em Idanha (cf. n.os 65 e 104); *Manus* é, não seguramente, um antropónimo hispânico (Albertos Firmat, 1965, p. 111).
Apesar da simplicidade do epitáfio podem adivinhar-se três gerações:

Esta inscrição, pela simplicidade textual, será do século I.

N.° 44
Ach.: Na parede do pátio do Sr. João dos Reis, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

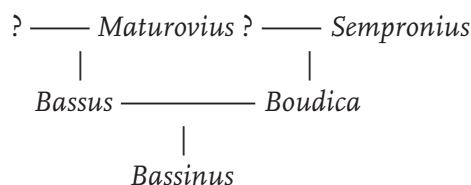
Bloco de granito moldurado através de um cordão antecedido de uma faixa.
Dimensões: 44 x 88 x 41
Campo epigráfico: 28 x 72,5

BASSVS MATVRO/VI(*i*) (*filius*) ET BOVDICA SEM/PRONI(*i*) SIBI ET BASSI/NO FILIO AN(*norum*) XXX (*triginta*)

Basso, de Maturóvio e Boudica, de Semprónio, mandaram fazer para si e para o filho Bassino, de 30 anos.

Almeida, 1956, 38; *HAE*, 1090; *ILER*, 4842.

O *ordinator* recorreu à inclusão de duas letras na l. 2 e a um nexo na l. 3, mas nem assim conseguiu uma boa paginação. Caracteres monumentais quadrados.

Esta inscrição dá a conhecer uma família indígena:

Bassus é um antropónimo latino (Solin e Salomies, 1994, p. 301) que já se conhece (cf. n.º 31). O pai, *Maturovius*, usa um nome indígena cujo sufixo é claramente celta (Almeida, 1956, p. 130; Albertos Firmat, 1965, p. 112). A esposa *Boudica* tem nome lusitano (cf. n.º 33); já o seu pai usa o *nomen Sempronius* em posição de *cognomen*, denunciando que ainda não conhecem perfeitamente as normas identificativas romanas. O filho tem um nome derivado do do pai, portanto também latino.
Como datação avançamos o século I, uma vez que o texto é muito simples, não apresentando ainda formulário final.

N.º 45
Ach.: Estava dentro da muralha em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com cordão antecedido de filete.
Dimensões: 47 x 119 x 45
Campo epigráfico: 32 x 101,5

BOLOSA (*hedera*) TOVTO/NI (*hedera*) f(*ilia*) (*hedera*) H(*ic*) (*hedera*) S(*ita*) (*hedera*) E(*st*)

Aqui jaz Bolosa, filha de Toutono.

CIL II, 440; Almeida, 1956, 39; *ILER*, 2428.

Variantes: l. 1: BOLOS[E]A (*CIL* II).

Texto bem paginado, embora concentrado na metade inferior, a que as letras monumentais quadradas, bem gravadas, e as *hederae* dão uma certa graciosidade.

A defunta apresenta um antropónimo lusitano de origem celta (Almeida, 1956, p. 125; Palomar Lapesa, 1957, p. 49; Albertos Firmat, 1964, p. 230). O pai *Toutonus* usa nome indígena já documentado na região (cf. n.º 36).
A simplicidade textual permitem datar o monumento dos primórdios do século I.

N.º 46
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito com moldura de cordão duplo a delimitar o campo epigráfico. Tem um crescente na parte superior e o topo em forma de triângulo.
Dimensões: 100 x 42 x 22

Campo epigráfico: 47 x 33

BOVTIVS / CAMALI / F(*ilius*) . AN(*norum*) . LXX (*septuaginta*) / AMOEN/5A . BOVTI / F(*ilia*) . PATRI / F(*aciendum*) . C(*uravit*)

Bócio, filho de Câmalo, de 70 anos. Amena, filha de Bócio, mandou fazer ao pai.

Almeida, 1956, 40; *HAE*, 1091; *ILER*, 3904.

Paginação correcta segundo um eixo de simetria. Pontuação, triangular, igualmente correcta. Caracteres capitais quadrados.

Amoena, a dedicante, tem um nome plenamente romano, mas que se integra no reportório indígena (Untermann, 1965, mapa 8, p. 55-56). É filha de *Boutius*, antropónimo pré-romano que se concentra essencialmente na Lusitânia Oriental (Untermann, 1965, mapa 18, p. 72-73); e neta de *Camalus*, nome indígena, com domínio original na área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 26, p. 85-86).
A onomástica e a paleografia levam-nos a datar a inscrição do século I.

N.º 47 – Est. V, 8
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco, de granito, que parece conter toda a inscrição.
Dimensões: (47) x (53) x 36.

CAENO / LOVESI(*i*) / F(*ilius*) . H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) / S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Aqui jaz Cenão, filho de Lovésio. Que a terra te seja leve.

Lambrino, 14; Almeida, 1956, 44; *HAE*, 1095; *ILER*, 2692.

Pontuação correcta através de pequenos círculos colocados a meia altura das letras capitais quadradas com influências actuárias.

O defunto tem um nome, *Caeno*, que já se documentou em Idanha (cf. n.os 15, 17, 23, 33). O pai usa um nome também já conhecido (cf. n.º 35).
A presença da fórmula *sit tibi terra levis*, assim como a paleografia, permitem datar a inscrição da segunda metade do século I - inícios do II.

N.º 48 – Est. VI, 9
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco, de granito, com moldura dupla: cordão seguido de gola directa.

Dimensões: 42 x 67 x 41
Campo epigráfico: 24 x 51

CAERIVS . D$\overline{AV}$TO/$\overline{NI}$S . F(*ilius*) . SILVANVS / SIBI . ET. VXORI / SILAE . SILONIS . F(*iliae*) / F(*aciendum*) C̣(*uravit*)

Cério Silvano, filho de Dautão, mandou fazer para si e para a esposa, Sila, filha de Silão.

Almeida, 1956, 45; *HAE*, 1096; *ILER*, 4433; Dias, 1985, p. 560; Abascal Palazón, 1994, p. 102, 343.

Variantes: l. 1- DEXTONIS (Abascal Palazón)
l. 1- DVATO (Dias) Parece mais correcto *Dauto, onis*, uma vez que *Duato, onis* não está documentado, registando-se apenas a forma *Duatius* (Palomar Lapesa, 1957, p. 71; Albertos Firmat, 1964, p. 245).

Paginação segundo um eixo de simetria, destacando-se o nome do defunto. Pontuação correcta através de pequenos círculos. Caracteres capitais quadrados.

Mais uma família de indígenas romanizados. *Caerius Silvanus* não apresenta *praenomen*. De acordo com Juan Manuel Abascal Palazón (1994, p. 102) existem na Península apenas dois elementos da *gens Caeria*, sendo o outro de Oliva de Plasencia (*CIL* II, 832). O *cognomen* é latino (Kajanto, 1965, p. 58) e muito comum na Península (Cf. Abascal Palazón, 1994, p. 512-513). Não rejeita a sua origem indígena, pois diz-se filho de *Dauto*, que usa antropónimo indígena, apenas identificado em Conimbriga (Albertos Firmat, 1964, p. 246). O sogro, *Silo*, tem um *cognomen* latino (Kajanto, 1965, p. 118, 237), já conhecido na região (cf. n.os 14 e 41). A esposa é apenas identificada com um antropónimo, de origem latina (Kajanto, 1965, p. 105, 237) e com o patronímico.
Salientou Maria Manuela Alves Dias (1985, p. 560) que o uso do cognome latino na mulher e no homem, a origem latina da filiação na mulher, assim como a expressão da relação familiar fazem deste exemplo uma forma avançada do processo de aculturação onomástica, sem que se verifique a perda da caracterização indígena do nome individual, sobretudo no homem, que assim perpetua a onomástica primitiva característica da sua comunidade.
No entanto, a ausência de *praenomen* pode indiciar precisamente uma aculturação incipiente das regras identificativas romanas (cf. 22 e 29).
A onomástica e o formulário final indiciam tratar-se de inscrição do século I.

N.º 49
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Grande placa de mármore branco, com moldura de gola directa, decorada com magníficas folhas de acanto, rodeada exteriormente por um friso de pérolas (semelhante ao das inscrições n.os 4 e 13).
Dimensões: 88 x 118 x 12
Campo epigráfico: 60,5 x 80,5

C(*aio*) CVRIO PVLLI F(*ilio*) / QVIR(*ina tribu*) (*hedera*) FIRMANO / ANN(*orum*) (*hedera*) LXIII (*sexaginta trium*) (*hedera*) CVRIA / VITALIS MARITO /5 OPTIMO ET SIBI (*hedera*) F(*aciendum*) (*hedera*) C(*uravit*)

A Gaio Cúrio Firmano, filho de Pulo, da tribo Quirina, de 63 anos. Cúria Vital mandou fazer para si e para o marido óptimo.

CIL II, 442; Almeida, 1956, 76; *ILER*, 4600; Mantas, 1988, p. 437-438.

Paginação e pontuação, triangular, correctas. Belos caracteres monumentais quadrados, cujos módulos, na l. 1, têm dimensão ligeiramente superior.

Os cognomes, quer do defunto quer da dedicante, são latinos: *Firmanus* pode relacionar-se com a cidade de *Firmum*, na Península Itálica, ou com os conceitos de "firme, tenaz" (Kajanto, 1965, p. 50, 258); *Vitalis*, também latino, associa-se ao Norte de África (Kajanto, 1965, p. 72, 274).
O defunto, cidadão recente, é mais um elemento da *gens Curia*, apresentando o patronímico *Pullus*, cognome latino (Kajanto, 1965, p. 78, 299). A sua *gens* tem uma implantação importante em Idanha. Dos 16 elementos da *gens Curia* referenciados por Juan Manuel Abascal Palazón (1994, p. 126), 7 são de Idanha. Por outro lado, a sua capacidade económica é inegável perante a sumptuosidade deste epitáfio: seriam seguramente elementos da nata local.
As folhas de acanto na moldura, a qualidade do texto, a paleografia e, por fim, a referência à tribo *Quirina*, conjugam-se no sentido de datar o monumento da segunda metade do século I.

N.º 50
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Em Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado.
Dimensões: 44 x 94 x 47
Campo epigráfico: 29,5 x 79

C(*aio*) . FABIO . C(*aii*) . F(*ilio*) VERNO / CLVNIENSI . FABIAE / FABI . LIB(*ertae*) . BASSAE . HERES / EX . TEST(*amento*) . BASSAE F(*aciendum*) . C(*uravit*) . S(*it*) . V(*obis*) . T(*erra*) . L(*evis*)

A Caio Fábio Verno, filho de Caio, cluniense. A Fábia Bassa, liberta de Fábio. O herdeiro mandou fazer por disposição testamentária de Bassa. Que a terra vos seja leve.

Almeida, 1956, 81; *HAE*, 1127; *ILER*, 6312.

Este epitáfio deixa antever uma relação amorosa entre as personagens a que é erigido o monumento. Terá sido este, quiçá, o móbil para a manumissão de *Fabia Bassa*. Facto, aliás, por diversas vezes documentado na Península (cf. *CIL* II, 613, 2233, 4299, 4306, 5856, 5212).

O defunto é identificado com os *tria nomina* e é natural de Clúnia, cujo fluxo migratório para a região é importante. O seu gentilício é comum na Península (*ILER*, p. 690-691) e usa um cognome, *Vernus*, de origem latina (Kajanto, 1965, p. 218). A defunta, naturalmente com o mesmo gentilício, apresenta também cognome latino (Solin e Salomies, 1994, p. 301).
A presença da fórmula final *Sit Tibi Terra Levis* e a estrutura identificativa plenamente romana, sugerem que este texto se datará de finais do século I - inícios do II.

N.º 51
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de qualquer informação relativa ao monumento, no entanto, seria, muito provavelmente, um bloco de granito.

C(*aius*) . LVCRET(*ius*) . AEGIT(*aniensis*) / MERIN(*ae*) . VX(*ori*) . B(*ene*) . M(*erenti*) / QVAE . VIXIT . AN(*norum*) . XXXI (*triginti unum*)/ ET . SIBI . M(*emoriam*) . P(*osuit*) / H(*oc*) . M(*onumentum*) . H(*eredem*) . N(*on*) S(*equetur*)

Caio Lucrécio, egeditano, colocou esta memória para si e para a esposa, Merina, modelo de merecimento, que viveu 31 anos. Este monumento não passará aos herdeiros.

CIL II, 62; Almeida, 1956, 102.

Esta inscrição foi considerada suspeita, em ambas as publicações, pois a grafia *Aegit* não era a usada. Trata-se efectivamente de uma inscrição falsa, pois supõe-se que o nome de Idanha fosse à época *Igaedis*.

N.º 52
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. E 5240).

Bloco de granito.
Dimensões: 39 x 63 x 58.

C(*aio*) . VALERIO FLAC/CI F(*ilio*) Q(*uirina tribu*) . FLAC/CINO

A Caio Valério Flacino, filho de Flaco, da tribo Quirina.

Almeida, 1956, 139; *HAE* 1177; *ILER* 5214.

Mais uma defunta de recente cidadania, com indicação expressa da tribo.O gentilício é muito comum na Península (*ILER*, p. 760-762) e o cognome, latino (Kajanto, 1965, p. 240), é, como era normal, formado a partir do cognome do pai.
A indicação expressa da tribo e a simplicidade textual induzem-nos a datar a inscrição da segunda metade do século I.

N.º 53
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito truncado, de que não restam vestígios da moldura. O texto parece estar completo.
Dimensões: (43) x (60) x 50
Campo epigráfico: 43 x 60

C(*aio*) VALERIO / RVFI F(*ilio*) QVIR(*ina tribu*) / FRONTONI

A Caio Valério Frontão, filho de Rufo, da tribo Quirina.

Almeida, 1956, 140; *HAE*, 1178; *ILER*, 5215.

Paginação bem conseguida. Belos caracteres monumentais quadrados, destacando-se, pelo tamanho dos módulos, a primeira linha.

Mais um cidadão recente da *gens Valeria*, extraordinariamente bem documentada na Hispânia. Tem cognome latino, também muito frequente na Península (Kajanto, 1965, p. 17, 26, 118, 236). Indica a filiação através de cognome latino, muito comum e quase exclusivo de *ingenui* (Kajanto, 1965, p 65, 121).
Mais uma vez a indicação da tribo induz a uma datação da segunda metade do século I.

N.º 54
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com um cordão.
Dimensões: 55 x 79 x 26
Campo epigráfico: 32,5 x 63,5

C$\overline{AM}$ALA (*hedera*) TAI(*i*) (*hedera*) F(*ilia*) (*hedera*) / HIC (*hedera*) S(*ita*) (*hedera*) EST

Aqui jaz Câmala, filha de Taio.

Almeida, 1956, 47; *HAE*, 1098; *ILER*, 2420.

Má ocupação do espaço em altura, o que contrasta com a pontuação correcta através de pequenas *hederae*. Caracteres actuários.

Epitáfio da indígena *Camala* que apenas se identifica através do nome e patronímico, *Taius*, de origem celta (Almeida, 1956, p. 133; Palomar Lapesa, 1957, p. 100; Albertos Firmat, 1965, p. 125).
A simplicidade textual aponta para a primeira metade do século I.

N.º 55 – Est. VI, 10
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito, de topo arredondado, decorada no topo com um arco em ferradura.
Dimensões: 67 x 43 x 23
Campo epigráfico: 44 x 43

CAMALO / TALONTI(*i*) (*filio*) / ẸNTARA/ṂICO

A Câmalo, filho de Talôncio, interâmico.

Almeida, 1956, 51; *HAE*, 1102; *ILER*, 5334.

Paginação descuidada. Caracteres capitais quadrados com reminiscências actuárias.

Mais um epitáfio de um indígena: *Camalus*, nome de origem galaico-bracarense, mas também muito difundido entre Lusitanos e Vetões (Untermann, 1965, mapa 26, p. 85-86; Albertos Firmat, 1982, p. 53). O pai tem também nome indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 126).
Este indivíduo diz-se *entaramicus*, ou seja, *interamicus*, demonstrando a sua procedência do Norte.
A onomástica e a simplicidade textual apontam para a primeira metade do século I.

N.º 56 – Est. VII, 11
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito truncado, parece coincidir com o campo epigráfico.
Dimensões: (33) x (52) x 34

CAMALVS / BREVI . F(*ilius*) . / H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) .

Aqui jaz Câmalo, filho de Brevo.

Almeida, 1956, 49; *HAE*, 1100; *ILER*, 2421.

Paginação descuidada. Pontuação correcta através de pontos triangulares colocados a meia altura. Letras capitais quadradas.

Outro indivíduo de nome *Camalus* que se identifica apenas com o nome e o patronímico, seguido da indicação expressa da filiação. O pai tem um nome de origem indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 51; Albertos Firmat, 1964, p. 231), do qual não há evidência do nominativo.
Mais uma vez a simplicidade textual e a onomástica sugerem a primeira metade do século I.

N.° 57
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, com moldura de cordão antecedido de uma faixa.
Dimensões: 46,5 x 91 x 44
Campo epigráfico: 28 x 79

CASA ẠRANTONI . F(*ilia*) / SIBI ẸṬ GEMELLO / APTI LIḄ(*erto*) / MARITO F(*aciendum*) C(*uravit*)

Casa, filha de Arantónio, mandou fazer para si e para o marido Gémeo, liberto de Apto.

Lambrino, 1956, 16; Almeida, 1956, 52; *HAE* 1103; *ILER* 4550.

Paginação correcta, à excepção da l. 3 com alinhamento à esquerda. Revela pontuação apenas na l. 1 através de um pequeno círculo. Belos caracteres capitais quadrados, cujos módulos são maiores na l. 1, destacando assim a identificação da mulher.

A defunta tem um nome indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 237), *Casa*. O nome do pai, *Arantonius*, é já conhecido: dos exemplos referenciados por Juan Manuel Abascal Palazón (1994, p. 282), onde este não consta, apenas dois não são do actual distrito de Castelo Branco. O seu marido já adoptou um nome de origem latina, *Gemellus*, que etimologicamente se relaciona com as circunstâncias do nascimento (Kajanto, 1965, p. 75, 295), supondo-se assim que teria um irmão gémeo. Além disso, não esconde a sua origem de servidão, ao indicar expressamente ser liberto de *Aptus*, com certeza elemento respeitado pela população local.
Tendo em conta a estrutura identificativa, o epitáfio parece ser do século I.

N.° 58 – Est. VII, 12
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com um toro. Está fragmentada na metade superior e inferior esquerda.
Dimensões: 47 x 96 x 38
Campo epigráfico: 34,5 x 84,5

CEIONIVS RVFINI F(*ilius*) / ẠṆ(*norum*) XXV (*quinque et viginti*) H(*ic*) S(*itus*) . E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*) / TV . QVI . LEG̣ỊṢ . AVE . QVI / PERLEGISTI . VALE

Aqui jaz Ceiónio, filho de Rufino, de 25 anos. Que a terra te seja leve. Olá, tu que lês! Já leste, passa bem!

Lambrino, 1956, 19; Almeida, 1956, 57; *AE*, 1967, 158; *HAE*, 1108; *ILER*, 3835; Mantas, 1988, p. 437; Ferreira, 1996, 3.

O defunto identifica-se à maneira indígena, recorrendo ao cognome latino do pai (Kajanto, 1965, p. 409) e identificando-se ele próprio com o gentilício *Ceionius* (Forcellini, 1940, p. 351), demonstrando que não se distinguem ainda as funções dos *tria nomina* (*IRCP*, p. 776), situação que se repete em outras inscrições (cf. n.os 17, 32, 54). Trata-se de um indígena recém-romanizado.
Do epitáfio consta uma saudação: o defunto depois de saudar o transeunte, despede-se, com nova saudação, dos que leram. De referir ainda a presença da idade a marcar o pesar. Pela presença da fórmula *sit tibi terra levis*, consideramos a inscrição da segunda metade do século I d.C.

N.º 59 – Est VIII, 13
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura de cordão duplo.
Dimensões: 42 x 108 x 40.
Campo epigráfico: 26 x 90.

CESSEAE . SCITI LIB(*ertae*)

A Céssea, liberta de Scito.

Lambrino, 1956, 21; Almeida, 1956, 61; *HAE*, 1111; *ILER*, 5002.

O texto está encostado à moldura superior. O espaço restante não parece ter tido inscrição. Tudo indica que esta terá sido feita em vida, com o intento de posteriormente se acrescentar, quiçá, a idade e a fórmula *HSESTTL*, ou até, eventualmente, acrescentar outro nome. Os caracteres são capitais quadrados. A pontuação é feita com um círculo colocado a meia altura das letras.

O facto de *Cessea* ser liberta de *Scitus*, nome de origem latina (Kajanto, 1965, p. 68, 250), mas que María de Lourdes Albertos (1965, p. 121) refere como antropónimo hispânico, faz pensar, uma vez que o nome é raro na Península, em *M. Egnatius, Sciti lib(ertus), Venustus*, de Alcolea del Río, na Bética (*CIL* II, 1062 e 1066). Será ela originária da mesma região? O seu nome é indígena e já está documentado na região (cf. n.º 21). O facto de referir a sua origem de servidão com certeza que se relacionará com o estatuto de *Scitus*, certamente membro da escol local.
Este texto destaca-se pela ausência de qualquer fórmula funerária e pela dúvida que levanta em relação ao caso em que se encontra o nome da defunta: em dativo ou em genitivo? Optámos pela primeira possibilidade apenas tendo em conta a ocorrência frequente do dativo nesta zona; Se for o segundo caso, "de Céssea", perde validade a hipótese colocada da epígrafe poder reservar espaço para mais um nome.
A simplicidade do texto, leva-nos a datá-lo da primeira metade do século I.

N.º 60
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura do tipo gola directa com ranhura exterior.
Dimensões: 40 x 92 x 32
Campo epigráfico: 28 x 81

CḤ̅Ṛ̅ẸṢṾMO E̅T̅ AMOENAE LON/G̅I̅N̅I̅ LIB(*ertis*) C̅A̅SSIA CH̅R̅ESVMI F(*ilia*) / MAVRI̅L̅L̅A̅ C̅V̅RIA CH̅R̅(*e*)SVM(*i*) F(*ilia*) VI/TALIS PAT̅R̅I E̅T̅ MAT̅R̅I ACCIA /[5] EMERITA NEP̅T̅IS D(*e*) S(*uo*) F(*aciendum*) C̅V̅RAVERVN̅T̅

A Cresumo e a Amena, libertos de Longino. Cássia Maurila, filha de Cresumo, Cúria Vital, filha de Cresumo, ao pai e à mãe, e a neta Accia Emérita, mandaram fazer a expensas suas.

Almeida, 1956, 62; *AE*, 1967, 159; *HAE*, 1112; *ILER*, 4852.

Variantes: l. 3: CHRESVMI (todos os autores)
l. 5: D(*e*) S(*uo*) P(*onendum*) CVRAVERVNT (Almeida, *HAE*). Esta leitura está incorrecta, pois distingue-se perfeitamente um *F*.

Apesar de o lapicida ter recorrido a vários nexos e letras inclusas não conseguiu uma paginação perfeita. Caracteres monumentais quadrados.

O nome *Chresumus* é um dos raros nomes gregos atestados em Idanha. Ele aparece mais vezes na Península sob forma normal *Chresimus* — “o cidadão útil”. Ele e a sua esposa *Amoena* são libertos de *Longinus*, indivíduo que usa nome latino (Kajanto, 1965, p. 231).
As descendentes e dedicantes não apresentam o mesmo gentilício, situação que já não é estranha (cf. n.º 41). Só se conhce o cognome do pai pelo que parece fazer-se posteriormente uma adopção arbitrária do gentilício, a não ser que resultem do casamento. Em relação à primeira das filhas é legítimo interrogar se não será a mesma *Curia Vitalis* que dedica o epitáfio ao marido (n.º 49). A outra filha adoptou o gentilício *Cassia*; o seu cognome *Maurilla* é referido por I. Kajanto (1965, p. 206) como étnico relativo a uma região ou tribo: neste caso de África. A neta, da *gens Accia*, parece ser a única representante desta família em território actualmente português (cf. *ILER*, p. 651; Abascal Palazón, 1994, p. 63).
É importante referir o facto de as dedicantes expressamente referirem que o monumento foi feito a “expensas suas”, demonstrando assim a sua capacidade económica. A palavra *curaverunt*, por extenso, deve-se, com certeza, a questões de paginação.
A estrutura onomástica e o grande número de nexos aponta para a segunda metade do século I.

N.º 61
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

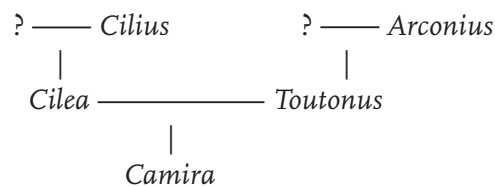
Bloco de granito, moldurado com faixa dupla.
Dimensões: 43 x 57 x 35
Campo epigráficos: 31 x 46

CILEAE . CILI(*i*) . F(*iliae*) / VXSORI (*sic*) . SVAE / ET . CAMIRAE . F(*iliae*) . SV/AE . TOVTONVS . AR/^{5}CONII . F(*ilius*) . PATER . E (*sic*) [F(*aciendum*)] . C(*uravit*)

A Cílea, filha de Cílio e a Camira. O pai, Toutono, filho de Arcónio, mandou fazer à sua esposa e à sua filha.

Almeida, 1956, 63; *HAE*, 1113; *ILER*, 4843.

Paginação descuidada, sem alinhamentos. No fim gravou um *E* por um *F*. Devido à falta de paginação as linhas encostam à moldura superior, inferior e esquerda e vão diminuindo de tamanho. Os próprios módulos das letras, actuárias, variam imenso. No entanto, tem pontuação correcta e sóbria, formada por pontos circulares colocados a meia altura. Por outro lado, gravou *ii* na terminação do genitivo, em *Arconii*, o que não é comum.

Conhece-se neste epitáfio uma família de indígenas que ainda se identifica de acordo com a primeira fase de aculturação onomástica latina: nome e filiação, ambos indígenas. *Cilea* é um antropónimo de origem pré-romana (Palomar Lapesa, 1957, p. 63; Albertos Firmat, 1964, p. 239); o pai, *Cilius*, tem nome típico da área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 35, p. 100-101); a filha, *Camira*, usa nome indígena que se concentra a Sul do Douro (Untermann, 1965, mapa 27, p. 87); o dedicante, *Toutonus*, indígena (cf. n.^{os} 36 e 45), é filho de *Arconius* (Palomar Lapesa, 1957, p. 39; Albertos Firmat, 1964, p. 224), ficando resolvida a questão do nominativo deste nome. Mas não se pode excluir a hipótese de se tratar da grafia incorrecta do genitivo *Arconis*, dada a raridade com que se distingue o genitivo com dois *ii*.
Daqui se obtém o seguinte *stemma*:

A estrutura identificativa aponta para o século I.

N.º 62
Ach.: Na zona oriental da muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de quaisquer descrições do monumento, mas, provavelmente, seria um bloco à semelhança dos da região.

CILIO . PINTAMI . F(*ilio*) / PONTIVS . FRATER

A Cílio, filho de Píntamo. O irmão, Pôncio.

CIL II, 441; Almeida, 1956, 64; *ILER*, 4698.

Mais um indivíduo de nome *Cilius*: o pai usa um nome hispânico várias vezes atestado na Lusitânia e regiões próximas (Albertos Firmat, 1965, p. 118; Untermann, 1965, mapa 61, p. 147-148); o irmão, *Pontius*, usa um gentilício latino (Solin e Salomies, 1994, p. 147) no lugar de cognome, a mostrar que não conhece na perfeição as regras identificativas romanas (cf. n.os 5, 10, 17, 44).
A simplicidade do epitáfio data-o da primeira metade do século I.

N.º 63
Ach.: Na parede de um palheiro do Sr. João dos Reis, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito, moldurada com cordão duplo.
Dimensões: 46 x 89 x 31
Campo epigráfico: 33, 2 x 77,5

CLEMENTI LVPI (filio) / ANN(*orum*) . XVI (*sedecim*) / LVPO CLEMENTIS (*filio*) / ANN(*orum*) . LX (*sexaginta*)

A Clemente, de Lobo, de 16 anos. A Lobo, de Clemente, de 60 anos.

Almeida, 1956, 67; *HAE*, 1116; *ILER*, 2697.

Variantes: l. 4: ANN LX H S E S T T L (*HAE*)

Paginação correcta segundo um eixo de simetria. Caracteres monumentais quadrados característicos dos tempos de Trajano. Pontuação na segunda e quarta linhas através de pontos circulares.

Trata-se, seguramente, do epitáfio de pai e filho. Verifique-se ainda a transmissão do nome do avô para o neto:

Apesar da onomástica latina, identificam-se ainda apenas com um nome e filiação: *Clemens* é muito frequente na Península (Kajanto, 1965, p. 68-69, 263); *Lupus*[9], correspondente a *lupus* = "lobo" (Kajanto, 1965, p. 85), é também comum na Península, sendo na Lusitânia, em Mérida, que este cognome aparece com mais frequência nos textos epigráficos (Dias, 1979, p. 212).
Pela onomástica e estrutura identificativa, parece ser monumento do século I.

N.º 64

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito. Os vestígios actuais da moldura não permitem determinar o seu tipo.
Dimensões: 44 x 73 x 18

COCCEIA . SABINI . F(ilia) / SABINA ET RVFI/NA . SABINI . F(*iliae*) / H(*ic*) . S(*itae*) . S(*unt*) . S(*it*) . V(*obis*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Cocceia, filha de Sabino. Aqui jazem Sabina e Rufina, filhas de Sabino. Que a terra vos seja leve.

Lambrino, 1956, 23; Almeida, 1956, 68; *HAE*, 1117; *ILER*, 2693.

Uma vez que as defuntas têm apenas um nome acompanhado da filiação, segundo o costume local, trata-se de uma família de autóctones, embora já romanizados, pois todos os nomes são latinos. A dedicante, e irmã das defuntas, usa um gentilício como nome único e identifica-se em primeiro lugar. Das irmãs, *Sabina* seria, provavelmente, a mais velha, pois recebe o nome do pai.
O nome *Cocceia*, relacionado com o gentilício do Imperador Nerva, mostra que esta inscrição deve ser datada dos finais do século I - inícios do II. Datação que a presença da fórmula *sit tibi terra levis* parece confirmar.

N.º 65

Ach.: Na muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com gola directa e ranhura exterior.
Dimensões: 43 x 87 x 35
Campo epigráfico: 26 x 69

COELEA / MANI F(*ilia*) AN(*norum*) LX (*sexaginta*) / H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)

Aqui jaz Coelea, filha de Mano, de 60 anos. Que a terra te seja leve.

Almeida, 1956, 71; *HAE*, 1120; *ILER*, 2698.

Variantes: l. 2: IX (todos os autores).

O texto não está centrado: encosta à moldura direita. As letras são monumentais quadradas.

Trata-se do epitáfio de uma autóctone já identificada (cf. n.º 43): ela será, quase seguramente, a mesma *Coelea, Mani f(ilia)* que dedica um epitáfio ao filho *Avitus*.
A presença da fórmula *sit tibi terra levis* permite datar a inscrição da segunda metade do século I.

N.º 66 – Est. VIII, 14
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito, moldurada com gola directa e ranhura exterior.
Dimensões: 46 x 108 x 24
Campo epigráfico: 22,5 x 82

D(*iis*) M(*anibus*) S(*acrum*) / LONGINIANO LONGINI (*filio*) / MARIA . SVNVA / MARITO . ET . SIBI . F(*aciendum*) C(*uravit*)

Consagrado aos deuses Manes.
A Longiniano, filho de Longino. Maria Súnua, mandou fazer para o seu marido e para si.

Almeida, 1956, 98; *HAE*, 1143; *ILER*, 4590.

Paginação incorrecta com alinhamento à direita. O *DMS* parece ter sido escrito posteriormente, pois está gravado sobre a moldura. Pontuação triangular.

A dedicante pertence à *gens Maria*, numericamente bem representada na Península (Abascal Palazón, 1994, p. 182-183); não rejeitou a sua origem indígena ao adoptar o cognome *Sunua*. O marido é identificado apenas pelo nome e filiação. O seu cognome deriva do do pai *Longinus*. Apesar da origem latina destes dois nomes a identificação é feita à maneira indígena.
A consagração aos deuses Manes permite datar o monumento do século II.

N.º 67
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito decorada com um crescente na parte superior.
Dimensões: 117 x 33 x 26
Campo epigráfico: 90 x 33

D(*iis*) M(*anibus*) S(*acrum*) / LVBANE / AMOENE / F(*iliae*) . AN(*norum*) XXXII (*triginta duobus*) /5 AMOENA / VERACLELI / FILIAE F(*aciendum*) . C(*uravit*) .

Consagrado aos deuses Manes. A Lubana, filha de Amena, de 32 anos. Amena, filha de Veraclélio, mandou fazer.

Almeida, 1956, 100; *HAE*, 1145; *ILER*, 4309.

Variantes: l. 1: IVNA; l. 6: VERADELI (*ILER*)

A onomástica e a forma de identificação denunciam duas indígenas. A defunta tem o nome *Lubana*, único exemplo identificado até ao momento, mas com o mesmo radi-

cal de *Lubaecus* (Albertos Firmat, 1965, p. 109). É a filha que leva o nome indígena, e não a mãe. É interessante registar que a filiação apresentada é a da progenitora: isto permite supor que algum motivo impede a nomeação do pai, eventualmente a sua origem ou consideração social ou, quiçá, seria filha ilegítima. A mãe, *Amoena*, tem um nome plenamente romano; o seu pai apresenta um antropónimo indígena único na Península (Albertos Firmat, 1965, p. 133) pelo que é impossível determinar o nominativo. Pela consagração aos deuses Manes data-se do século II.

N.º 68
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de qualquer informação descritiva do monumento.

D(*iis*) . M(*anibus*) . S(*acrum*) / L(*ucius*) . ARRIVS. L(*uci*) . F(*ilius*) . / EGIT(*aniensis*) . H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*). / S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Lúcio Árrio, filho de Lúcio, Egeditano. Que a terra te seja leve.

CIL II, 60; Almeida, 1956, 33.

O primeiro problema que esta inscrição levanta é o da sua autenticidade, questionada pelos autores pela forma *EGIT* que não é habitual. Também a consideramos falsa pelo mesmo motivo (cf. n.º 51).

N.º 69 – Est. VIII, 15
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com cordão.
Dimensões: 36,5 x 91 x 34
Campo epigráfico: 24 x 67

D(*iis*) . M(*anibus*) . S(*acrum*) / SILONI DOCQ(*uiri*) . F(*ilio*) . AN(*norum*) . L (*quinquaginta*) / SILA SILONIS (*filia*) MA/RITO . F(*aciendum*) . C(*uravit*)

Consagrado aos deuses Manes. A Silão, filho de Doquiro, de 50 anos. Sila, de Silão, mandou fazer ao marido.

Lambrino, 1956, 39; Almeida, 1956, 126; *HAE*, 1165; *ILER*, 4537.

Paginação descuidada. Pontuação triangular. Caracteres monumentais quadrados.

O nome do defunto, do sogro e da esposa são de origem latina (Kajanto, 1965, p. 118, 237, 105, 237). Já o patronímico do defunto, *Docquirus*, é de origem indígena, encontrando-

-se documentado na região em estudo (cf. n.os 12 e 22). Este é um dos nomes cuja pronúncia deu origem a várias grafias.
A presença da consagração aos deuses Manes indicia datar-se do século II.

N.º 70
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura de gola directa e ranhura exterior. Está partida no canto inferior direito.
Dimensões: 47 x 87 x 38
Campo epigráfico: 30 x 69

. D(*iis*). .M(*anibus*). .S(*acrum*). / VEGETO . VEGETINI . F(*ilio*) . / INTERANIENSI . AMO/ENA . NIGRI . LIBERT(*a*) . MA/RITO ET SIBI (*hedera*) F(*aciendum*) (*hedera*) C(*uravit*)

Consagrado aos deuses Manes. Amena, liberta de Níger, mandou fazer para si e para o seu marido Vegeto, filho de Vegetino, interaniense.

Lambrino, 1956, 48; Almeida, 1956, 145; *AE*, 1967, 184; *HAE*, 1183; *ILER*, 5333.

Variantes: l. 2/3: INTER/ANIENSIS (*ILER*)

Paginação pouco cuidada pois o texto encosta à moldura. Letras capitais quadradas com reminiscências actuárias. Destaca-se a pontuação original da primeira linha: cada uma das siglas entre dois pontos circulares.

Mais um epitáfio de uma liberta: é uma autóctone cujo antropónimo romano é membro do reportório indígena, concentrando-se, essencialmente, dentro dos limites da Lusitânia (Untermann, 1965, mapa 8 p. 55-56). Identifica-se expressamente como liberta de *Niger*, que usa nome latino comum na Península (Untermann, 1965, mapa 57, p. 138), fazendo supor ser este um indivíduo respeitado na sua comunidade. O seu marido, membro dos Interanienses, situados ao Norte de Idanha, tem um nome e patronímico de origem latina (Untermann, 1965, mapa 82, p. 185; Kajanto, 1965, p. 248).
A invocação aos deuses Manes permite datar o monumento do século II.

N.º 71 – Est. IX, 16
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito com moldura resultante do rebaixamento do campo epigráfico.
Dimensões: 43 x 60 x 28
Campo epigráfico: 31 x 49

DOBITEINA / MAELONIS . F(*ilia*) / H(*ic*) . S(*ita*) . E(*st*) .

Aqui jaz Dobiteina, filha de Melão.

Almeida, 1956, 78; *HAE*, 1125; *ILER*, 2422.

Não há qualquer cuidado na paginação. A pontuação, circular, é, no entanto, correcta. Caracteres capitais quadrados com influências actuárias.

Epitáfio de uma indígena cujo patronímico, *Maelo*, é já conhecido. A defunta, *Dobiteina*, apresenta um nome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 69).
A simplicidade textual aponta para a primeira metade do século I.

N.º 72
Ach.: Estava na porta da cidade, chamada "Porta do Sol", em Idanha-a-Velha, Idanha--a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de qualquer descrição do monumento.

EVRVS . CILI(*i*) . F(*ilius*) . / AN(*norum*) . III . H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*) / IALGLI(*i*) . F(*ilius*) . FILIO / ET . SIBI . F(*aciendum*) . C(*uravit*) .

Aqui jaz Euro, filho de Cílio, de 3 anos. Que a terra te seja leve. O filho de Ialglio mandou fazer para si e para o filho.

CIL II, 443; Almeida, 1956, 80; *ILER*, 4202.

Variantes: *ILER* não lê a fórmula final *FC*.

O defunto, de apenas 3 anos de idade, tem um antropónimo — *Eurus* — de origem grega: considerar esta adopção resultado de uma moda é pouco provável, uma vez que a onomástica grega é pouco comum. O pai, *Cilius*, apresenta um nome indígena que é um dos representantes mais típicos da área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 35, p. 100). O avô, *Ialglius*, usa um nome que surge aqui pela primeira vez (Palomar Lapesa, 1957, p. 74), pelo que não é possível determinar, com certeza, o nominativo.
De registar a especificação exacta da idade do defunto, com certeza relacionada com a sua tenra idade.
O conteúdo textual, nomeadamente a presença em siglas da fórmula *sit tibi terra levis*, aponta para a segunda metade do século I.

N.º 73 – Est. IX, 17
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito, moldurada: uma faixa seguida de um cordão. Grande parte da moldura está destruída.

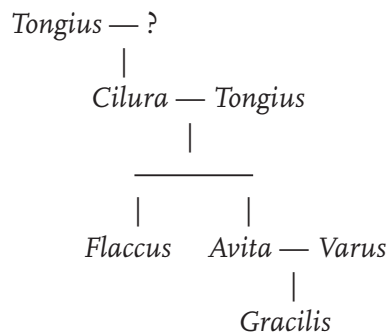
Dimensões: 44 x 101 x 25
Campo epigráfico: 25 x 86

FLACCO TONGI(*i*) F(*ilio*) ET AVI/TAE TONGI(*i*) F(*iliae*) . CILVRA TONGI F(*ilia*) / FILIO . ET. FILIAE GRACILIS . VARI F(*ilius*) / MATRI ET AVVNCVLO . F(*aciendum*) CVRAVERVNT

A Flaco, filho de Tôngio e a Avita, filha de Tôngio. Mandaram fazer Cilura, filha de Tôngio, ao filho e à filha; e Gracilis, filho de Varo, à mãe e ao tio.

Lambrino, 1956, 30; Almeida, 1956, 82; *AE*, 1967, 167; *HAE*, 1128; *ILER* 4853.

Paginação descuidada assim como a pontuação que não segue qualquer critério. As letras são capitais quadradas.

A árvore genealógica seria assim:

A inscrição mostra-nos o processo de romanização de uma família de Idanha. Embora os avós, *Cilura* e *Tongius*[10], usem um nome tradicional (Albertos Firmat, 1964, p. 240), os filhos, o genro e o neto já adoptaram nomes romanos. Enquanto os nomes *Flaccus* e *Avita*, extremanente comuns na Península, são já conhecidos, *Varus* (Kajanto, 1965, p. 242) é o único exemplo desta região e *Gracilis* (Kajanto, 1965, p. 244) é pouco comum. Pelo conteúdo textual diríamos que é inscrição da segunda metade do século I.

N.º 74
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Placa de granito, moldurada em resultado do rebaixamento do campo epigráfico.
Dimensões: 45 x 44,5 x 17
Campo epigráfico: 32 x 31,5

GRAECINIO HER/METI ET GRAE/CINIAE CAESIAE / GRAECINIVS /[5] RVFINVS PA/TERI (*sic*) ET MATRI F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Grecínio Hermes, e a Grecínia Césia. Grecínio Rufino, mandou fazer ao pai e à mãe.

Almeida, 1956, 85; *HAE*, 1131; *ILER*, 4052.

Variantes: l. 2: MAETHI; l. 6: TRI (*HAE* e *ILER*).

Paginação correcta, tendo-se aproveitado bem o campo epigráfico recorrendo a vários nexos. Caracteres capitais quadrados.

Temos presentes três elementos da *gens Graecinia*, tendo o casal o mesmo gentilício. Este facto aliado à origem grega do cognome do primeiro indivíduo, *Hermes*, antropónimo relacionável com o deus Mercúrio (Solin, 1982, p. 342-353), sugere serem libertos. Além disso, omitem a filiação. O filho, já perfeitamente romanizado, adopta um cognome romano muito frequente na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 486-487).
O elevado número de nexos e a estrutura identificativa sugerem o século II.

N.º 75
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com gola directa e ranhura exterior.
Dimensões: 44 x 90 x 4
Campo epigráfico: 25,5 x 71

IVLIAE Q(uinti) FIL(*iae*) . MODESTAE / L(*ucio*) . IVLIO . . RVFINI F(*ilio*) / QVIR(*ina tribu*) . FRATERNO / L(*ucius*) . IVLIVS CVTAECVS . H(*eres*) . EX T(*estamento*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Júlia Modesta, filha de Quinto e a Lúcio Júlio Fraterno, filho de Rufino, da tribo Quirina. Lúcio Júlio Cutaeco, herdeiro, mandou fazer por disposição testamentária.

Lambrino, 1956, 32; Almeida, 1956, 88; *HAE*, 1134; *ILER*, 3758.

Variantes: l. 1: FILI(*ae*) (Almeida).

Paginação cuidada, mas não inteiramente conseguida na l. 3 que se encosta à moldura direita. Pontuação circular e caracteres monumentais quadrados, cujos módulos vão diminuindo, de forma a ler-se bem todo o texto.

Entre *Iulio* e *Rufini* há um espaço entre dois pontos de separação, mas inteiramente vazio. É provável que tenha sido feito em vida, sendo este espaço para ser colocada a idade com que faleceu.
O defunto é autóctone e recebeu o direito de cidadania romana provavelmente sob os Flávios, como mostra a tribo *Quirina*. Seu pai, *Rufinus*, ainda não a teria, pois ele não tem um verdadeiro *praenomen* romano, mas é identificado por um cognome latino muito comum. *Iulia Modesta*, sua provável esposa, já se identifica perfeitamente à maneira romana, indicando a filiação através do *praenomen* do pai e usando um cognome latino (Kajanto, 1965, p. 68-69, 263).

O herdeiro não renuncia à sua origem indígena denunciada pelo cognome *Cutaecus*, nome característico da Beira Baixa (Albertos Firmat, 1982, p. 54).
A inscrição deve datar-se do fim do século I ou inícios do II, tendo em conta a menção da tribo *Quirina*.

N.º 76

Ach.: Estava na muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Dimensões: 58,5 x 123 x ?

IVLIAE SEVERI F(*iliae*) . SE/VERINAE IVLIAE P(ublii) . F(*iliae*) . AVITAE / IVLIA NIGRI F(*ilia*) SEVERA MA/TER ET SIBI . F(*aciendum*) . C(*uravit*)

A mãe Júlia Severa, filha de Nigro, mandou fazer para Júlia Severina, filha de Severo, para Júlia Avita, filha de Públio e para si.

CIL II, 444; Almeida, 1956, 92; *ILER*, 4350 = 6456.

Todas se identificam com a indicação da *gens* e o cognome.
Este texto revela ainda aspectos da vida particular, uma vez que *Iulia Severa* se identifica como mãe das duas restantes personagens, não escondendo que não são filhas do mesmo indivíduo.
O conteúdo textual indicia finais do século I.

N.º 77

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado: faixa sucedida por um cordão.
Dimensões: 45 x 90 x 34
Campo epigráfico: 28 x 74

LAETO CIL$\overline{II}$ F(*ilio*) / CILEA $\overline{C}$IL$\overline{II}$. F(*ilia*) . FRA$\overline{TR}$I / EX TESTAMENTO F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Laeto, filho de Cílio. Cílea, filha de Cílio, mandou fazer ao irmão por disposição testamentária.

Almeida, 1956, 96; *HAE*, 1141; *ILER*, 4685.

Paginação imperfeita: a l. 2 encosta à moldura direita. Apenas se distinguem dois pontos na l. 2. Letras capitais quadradas.

O nome do defunto é latino (Kajanto, 1965, p. 96, 261; Untermann, 1965, mapa 47, p. 119) e da irmã é indígena e muito frequente na Lusitânia, nomeadamente em Ida-

nha (Albertos Firmat, 1964, p. 239). O patronímico de ambos é indígena e característico da área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 35, p. 100-101).
A presença da fórmula *ex testamento* a contrastar com a onomástica e estrutura identificativa pré-romana.
A simplicidade textual aponta para o século I.

N.º 78
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

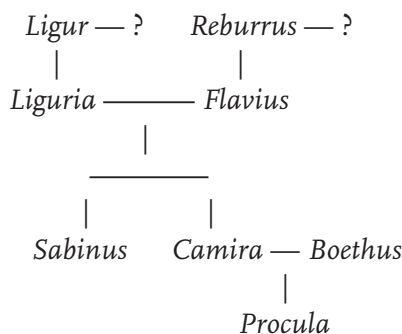
Bloco de granito com moldura de cordão duplo.
Dimensões: 45 x 75 x 39
Campo epigráfico: a) 28 x 59 b) 11 x 59. O campo epigráfico tem um rebaixo a que correspondem as últimas três linhas.

LIGVRIAE . LIGVRIS . F(*iliae*) . FLAV(*i*)O / REBVRRI . F(*ilio*) . CAMIRA . FLAVI(*i*) . F(*ilia*) / MATRI . ET . PATRI . SABINO / FLAVI(*i*) . F(*ilio*) . FRATRI . SVO . ET. /5 PROCVLAE (*hedera*) BOETHI (*hedera*) F(*iliae*) (*hedera*) F(*iliae*) (*hedera*) SVAE (*hedera*) / ANNORVM (*hedera*) XXV (*quinque et viginti*) (*hedera*) F(*aciendum*) (*hedera*) C(*uravit*) (*hedera*) / H(*ic*) (*hedera*) S(*ita*) (*hedera*) E(*st*) (*hedera*) S(*it*) (*hedera*) T(*ibi*) (*hedera*) T(*erra*) (*hedera*) L(*evis*) (*hedera*)

A Ligúria, filha de Lígur, a Flávio, filho de Reburro, a Sabino, filho de Flávio. Camira, filha de Flávio, mandou fazer à mãe, ao pai, ao seu irmão e à sua filha Prócula, filha de Boetho, de 25 anos. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

Almeida, 1956, 97; *HAE*, 1142; *ILER*, 4854; Albertos Firmat, 1977b, p. 194.

Paginação correcta. A pontuação é igualmente correcta: nas primeiras quatro linhas através de pontos triangulares e, nas últimas três, através de *hederae*. Caracteres capitais quadrados.

Esta inscrição permite fazer o seguinte *stemma*:

Assim se revela uma família de indígenas em que os antropónimos de origem latina, indígena e grega se misturam e onde ainda não se compreende bem a função dos nomes.
A mãe identifica-se com um gentilício romano (Solin e Salomies, 1994, p. 104) que assume como nome individual; o seu patronímico, *Ligur*, é também de origem latina

(Solin e Salomies, 1994, p. 352). Também o pai usa um gentilício romano como nome próprio: não podemos, no entanto, excluir a hipótese de se tratar do nome latino *Flavus* (Solin e Salomies, 1994, p. 333), pouco provável dado o número reduzido de exemplos na Península, ou ainda, como considerou María de Lourdes Albertos (1977b, p. 194), pode tratar-se do dativo do nome *Flaus*, mas também pouco provável dada a terminação *Flavo* e não *Flao*; o patronímico deste é um dos nomes indígenas mais comuns na Península (Untermann, 1965, mapa 66, p. 155-156). *Sabinus* usa um nome já documentado (cf. n.º 16). O suposto marido da dedicante usa um nome de origem grega (Solin, 1982, p. 746): será um liberto? A dedicante tem nome indígena (Untermann, 1965, mapa 27, p. 87) e a filha, latino (Solin e Salomies, 1994, p. 385).
A fórmula *sit tibi terra levis* indicia tratar-se de texto da segunda metade do século I.

N.º 79 – Est. X, 18
Ach.: Dentro da muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Grande bloco de granito, moldurado com um cordão.
Dimensões: 44 x 108 x 30
Campo epigráfico: 32,5 x 98

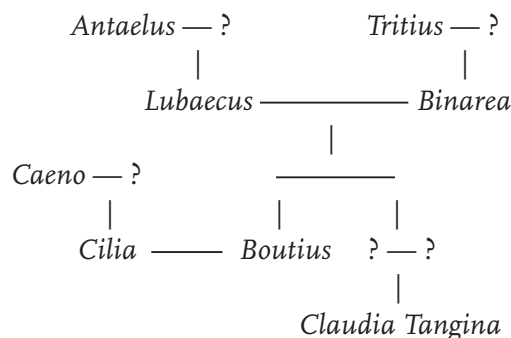
LVBAECO ANTAELI F(*ilio*) ẠVO / BINAREAE TRITI(*i*) F(*iliae*) AVITAE / ḄOVTIO LVBAẸCI F̣(*ilio*) P̣ẠṬẸṚṆỌ/ CILIAE CAENONIS F(*iliae*) AMIṬẠẸ /5 CLAVDIA TANGINA SVIS / F(*aciendum*) C(*uravit*)

Ao avô Lubeco, filho de Antaelo, à avó Binarea, filha de Tritio, ao tio paterno Bócio, filho de Lubaeco, à tia paterna Cília, filha de Cenão. Cláudia Tangina mandou fazer aos seus.

Almeida, 1956, 99; *HAE*, 1144; *ILER*, 6454; Albertos Firmat, 1977b, p. 194-195.

Variantes: l. 1: LVBAECO ANTAE LIB AVO (*HAE*, *ILER*, Albertos Firmat).

Má paginação: as linhas amontoam-se, destacando-se a penúltima linha pelos módulos muito maiores dos caracteres, correspondentes à identificação da dedicante. Caracteres capitais quadrados.

Esta inscrição permite fazer o seguinte *stemma*:

A dedicante identifica-se à maneira romana, no entanto, o seu cognome indígena e a forma como são identificados os outros elementos revela a sua origem autóctone. O avô[11] é identificado com um nome (Palomar Lapesa, 1957, p. 80; Albertos Firmat, 1965, p. 109, 1972b, p. 297) e o patronímico, ambos indígenas, sendo que o segundo se regista aqui pela primeira vez. A avó tem também um nome indígena único até ao momento (Albertos Firmat, 1964, p. 229), o seu pai possuía um nome típico da área lusitano-galega (Palomar Lapesa, 1957, p. 106; Albertos Firmat, 1965, p. 130; Untermann, 1965, mapa 77, p. 175-176).
Paternus estaria aqui a equivaler a "tio paterno" e não como antropónimo; o seu nome é *Boutius*, de origem pré-romana, muito comum na região em estudo (Untermann, 1965, mapa 18, p. 72-73). A tia paterna, ou mais precisamente a esposa do tio, tem também nome indígena, assim como patronímico.
O texto, nomeadamente o facto de se identificarem ainda com nome e patronímico indígenas, permite datar a inscrição da primeira metade do século I.

N.º 80

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura de gola directa e ranhura exterior. Está fragmentada no canto superior esquerdo.
Dimensões: 43 x 125 x 39
Campo epigráfico: 29,5 x 115,5

LVCANVS (*hedera*) BOVI(*i*) (*hedera*) F(*ilius*) (*hedera*) SIBI / ET (*hedera*) SVNVAE (*hedera*) MATVROVI (*hedera*) F(*iliae*) (*hedera*) / VXORI

Lucano, filho de Bóvio, para si e para a sua esposa Súnua, filha de Maturóvio.

Almeida, 1956, 101; *HAE*, 1146.

Paginação e pontuação correctas. Gravação muito nítida de belos caracteres capitais quadrados.

Apenas um cognome e o patronímico para identificar os defuntos. O defunto, *Lucanus*[12], tem nome latino (Untermann, 1965, mapa 50, p. 125; Kajanto, 1965, p. 193) e em relação ao patronímico verifica-se, mais uma vez, a confusão na adopção da onomástica romana, utilizando-se como nome próprio um gentilício romano (Solin e Salomies, 1994, p. 37). A esposa, *Sunua*, usa um nome indígena que já se documentou (cf. n.os 2, 3, 12, 66); o patronímico, indígena, só se registou até ao momento em Idanha (cf. n.º 44; *AE*, 1967, 171).
A simplicidade textual contrasta com o uso das *hederae*. Deve ser texto do século I.

N.º 81
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura do tipo gola directa, limitada por ranhura exterior. Encontra-se partida sensivelmente pela linha da moldura inferior.
Dimensões: 53 x 81 x 52
Campo epigráfico: (42) x 57

L(*ucius*) . COCCEIVS / LYCIVS . AN(*norum*) . C (*centum*) / C(*aius*) . FVRIVS . LYCIVS / EMER(*itensis*) . ẠN(*norum*) . L (*quinquaginta*) /5 C(*aius*) . FVRIVS . EVTYC$\overline{\text{HE}}$S / EMER(*itensis*) . AN(*norum*) XX (*viginti*)

Lúcio Cocceio Lício, de 100 anos. Caio Fúrio Lício, Emeritense, de 60 anos. Caio Fúrio Eutíquio, Emeritense, de 20 anos.

Almeida, 1956, 70; *HAE*, 1119; *ILER*, 5314; Mantas, 1988, p. 437.

Variantes: l. 4: EMER . AN . LX (Almeida, *HAE* e *ILER*)

Paginação com tendência para alinhamento à direita. Pontuação circular colocada devidamente. Caracteres, não profundos, em capital quadrada.

Esta inscrição dá a conhecer, provavelmente, os nomes de tio, sobrinho e filho do sobrinho. Estes últimos eram naturais de Mérida. O filho usava, aliado ao seu nome romano, um apelido grego, ao passo que o tio-avô e o pai, tinham um outro também da mesma origem (*Lycius*). Segundo Vasco Gil Mantas (1988, p. 437) os nomes gregos aqui seriam certamente produto de uma moda cultural. Mas associados à ausência de filiação podem também indiciar uma origem servil.
O primeiro defunto pertence à *gens Cocceia* já documentada (cf. n.º 41), identificando-se com os *tria nomina*. De destacar a sua idade, muito pouco comum para a época. Os outros dois elementos também se identificam com os *tria nomina*, no entanto pertencem a outra *gens*: a *Furia*, parecendo ser os seus únicos representantes no território actualmente português. É bastante reduzido o número de elementos desta *gens* na Península, pelo que será, com certeza, gente exógena. Conhecem-se em *Carthago Nova* onde, no núcleo de população adscrita à *tribu Galeria*, se encontram os *Furii*. Segundo Carmen Castillo (1997, p. 489-490) procediam de Itália, no entanto, enquanto alguns cidadãos desta colónia conservam a *tribu* da sua cidade de origem, outros, como os *Furii*, estavam integrados na colónia com todas as consequências. Mas, quiçá, estes poderiam ser libertos, ou de alguma forma estarem ligados à *gens Furia* que se conhece no Norte de África associada ao procônsul *M. Furius Camillus* (cf. Pflaum, 1978, p. 89). Esta hipótese ganha força se se tiver em conta o achado do epitáfio de um outro elemento desta *gens*, na província de Cáceres, de nome *Q. Furius Niger* (*CPILC*, p. 106, 171), cujo cognome se relaciona com o Norte de África. Conhecem-se ainda, desta *gens*, três oficiais superiores do exército romano: *P. Furius Rusticus* (Pflaum, 1978, p. 135) que serviu na Britânia, no século III, *T. Furius L. F. Pal. Victorinus* (Pflaum, 1978, p. 134) e *C. Furius Sabinius Aquila Timesitheus* (Pflaum, 1978, p. 132), que serviram, entre outras, na província da Hispânia, o primeiro ao tempo de Adriano e o segundo no século III.

A onomástica e a estrutura identificativa datam a inscrição de finais do século I - inícios do II.

N.º 82 – Est. X, 19
Ach.: Em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de pedra calcária. Resta apenas um fragmento irregular que parece, no entanto, conter toda a inscrição.
Dimensões: (37) x (88) x 50
Campo epigráfico: (37) x 76

Ḷ(*ucius*) CORNELIVS Q(*uinti*) F(*ilius*) / CLVNIENS(*is*) AN(*norum*) XL (*quadraginta*) H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . Ḷ(*evis*)

Aqui jaz Lúcio Cornélio, cluniense, filho de Quinto, de 40 anos. Que a terra te seja leve.

Lambrino, 1956, 26; Almeida, 1956, 72; *HAE*, 1121; *ILER*, 5292.

Gravação muito nítida dos caracteres capitais quadrados.

O defunto identifica-se com os *tria nomina*, correspondendo o cognome ao etnónimo *cluniensis*; o gentilício é muito comum na Península; a filiação é indicada através do *praenomen* do pai, como mandam as regras romanas.
A presença da fórmula *sit tibi terra levis* permite datar a inscrição da segunda metade do século I ou inícios do II.

N.º 83
Ach.: Na parede do quintal da casa n.º 439, propriedade de José Soares de Monsanto, em frente da capela-mor para nascente, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito moldurado através de uma faixa que delimita o campo epigráfico, seguida de um cordão. Está partido na parte inferior.
Dimensões: 37 x 87 x 32
Campo epigráfico: 24 x 71

ḶVCRETIA AVITA AN(*norum*) III (*trium*) / M(*arcus*) LVCRETỊVS ONESVMVS / APONIA FVNDANA / F̣ỊḶỊẠẸ F̣(*aciendum*) C(*uraverunt*)

Lucrécia Avita, de 3 anos. Marco Lucrécio Onesumo, Apónia Fundana, mandaram fazer à filha.

CIL II, 445; Almeida, 1956, 103; *ILER*, 4096.

Variantes: l. 4: E H [S S T T L] (Almeida).

Paginação imperfeita, de tal forma que, na l. 1, o terceiro *I* é já gravado sobre a moldura. Os caracteres são capitais quadrados com influências actuárias.

Todos se identificam à maneira romana e é respeitada a transmissão dos nomes. Assim, a defunta é da gens *Lucretia*, tal como seu pai, gentilício comum na Península e já documentado na região (n.º 51); o cognome é latino e muito comum (Untermann, 1965, mapa 14, p. 65-66). O pai tem um cognome de origem grega (Solin, 1982, p. 913) o que poderá indiciar que é liberto. Já a mãe pertence à *gens Aponia* e tem cognome latino que I. Kajanto (1965, p. 182) relaciona com a cidade itálica de *Fundi* e J. Cardim Ribeiro (1982-1983, p. 259-263) com o substantivo masculino *fundus* — “propriedade”. O epitáfio parece ser dos finais do século I pela paleografia, pela onomástica e pela própria estrutura identificativa.

N.º 84 – Est. X, 20
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado.
Dimensões: 42 x 73 x 27
Campo epigráfico: 38 x 67

MARC̅I̅A PAVLLINAE L̅I̅B(*erta*) / CELERINA AN(*norum*) XVI (*sedecim*) / MARC̅I̅A PAVLL̅I̅NAE L̅I̅B(*erta*) / VERECVND̅A̅ AN(*norum*) XXXII (*triginti duobus*) /[5] TANGINA PAVLLI ḶỊḄ(*erta*) / H(*ic*) Ṣ(*iti*) Ṣ(*unt*) Ṣ(*it*) V(*obis*) T(*erra*) L(*evis*)

Aqui jazem Márcia Celerina, liberta de Paulina, de 16 anos; Márcia Verecunda, liberta de Paulina, de 32 anos. Tangina, liberta de Paulo. Que a terra vos seja leve.

CIL II, 446; Almeida, 1956, 104; *ILER*, 6190.

Paginação imperfeita, com tendência para alinhamento à direita. Caracteres capitais quadrados elegantes.

Três libertas são referidas neste monumento, duas delas com o gentilício *Marcia*, assaz comum (*ILER*, p. 716-717). Terão, com certeza, adquirido este *nomen* da patrona *Paullina*, alguém com provável relevo social na região. Ambas adoptaram cognomes latinos (Kajanto, 1965, p. 248, 264), denotando personalidades diferentes: se a primeira seria “desembaraçada”, a segunda seria bastante mais “modesta”. Também latina é a origem do nome da patrona (Kajanto, 1965, p. 244).
A terceira liberta mantém o nome indígena *Tangina*, típico da área lusitana (Untermann, 1965, mapa 74, p. 170-171). Esta não se identifica com o gentilício, mas apenas com um nome e o do patrono — *Paullus* que já conhecemos do Fundão (cf. n.º 35): será a mesma pessoa?
Enquanto que em relação às duas primeiras defuntas se refere a idade com que terão falecido, em relação a *Tangina* nada é dito, pelo que esta deverá ser a dedicante. Resta

ainda uma questão, que é a de saber por que motivo o epitáfio é comum. Seriam irmãs, morreriam em circunstâncias semelhantes? E que relação existiria com *Tangina*? A presença da fórmula *sit tibi terra levis* permite datar a inscrição da segunda metade do século I ou inícios do II.

N.º 85

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com cordão duplo.
Dimensões: 55 x 33 x 39
Campo epigráfico: 43,5 x 23

MARCO / ARCONIS F(*ilio*) / MARC̅I̅A PAT̅R̅I / F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Marco, filho de Arcão. Marcia mandou fazer ao pai.

Almeida, 1956, 105; *HAE*, 1147; *ILER*, 3902.

Bela inscrição com paginação perfeita e uma gravação belíssima dos caracteres capitais quadrados. A contrastar a última linha: dá a sensação que houve esquecimento da fórmula *Faciendum Curavit*, pois acabou nitidamente por ser encaixada, recorrendo a módulos muito mais pequenos.

O defunto *Marcus* tem um nome latino obtido de *praenomen* (Kajanto, 1965, p. 112, 173), identificando-se, no entanto, à maneira indígena: nome e patronímico, este de origem indígena — *Arco* (cf. n.^{os} 17, 27, 39, 158). A dedicante e filha usa apenas o gentilício *Marcia*. A simplicidade textual e a paleografia apontam para o século I.

N.º 86 – Est. XI, 21

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.

Bloco de granito com moldura do tipo gola directa com ranhura exterior bastante acentuada.
Dimensões: 45 x 65 x 43
Campo epigráfico: 32,5 x 51

M(*arcus*) CAELIVS C̅O̅R/MERTONIS F(*ilius*) . AQVI/ṬṾṢ. AN(*norum*) XXXV (*quinque et triginta*) H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*) / C̣ẠẸL̅I̅A MODESTI F(*ilia*) AVI/ṬẠ ṾX̣ỌR ET SIBI . F(*aciendum*) C(*uravit*)

Aqui jaz Marco Célio Aquito, filho de Cormertão, de 35 anos. Que a terra te seja leve. A esposa Célia Avita, filha de Modesto, mandou fazer (para o marido) e para si.

Lambrino, 1956, 13; Almeida, 1956, 43; *AE*, 1967, 151; *HAE*, 1094; *ILER*, 3680; Abascal Palazón, 1994, p. 282.

Variantes: l. 3: T[ANVS] (Lambrino). Esta reconstituição não é possível, por falta de espaço. l. 2: AQVIT[...](Abascal Palazón)

Paginação descuidada: o texto encosta à moldura direita. Os caracteres, de gravação imperfeita, são capitais quadrados com influências actuárias.

O pai do defunto era um autóctone, *Cormerto* (Albertos Firmat, 1964, p. 241). O defunto é identificado à maneira romana através dos *tria nomina*: o *praenomen Marcus*, seguido do gentilício *Caelius*, muito comum na Península (*ILER*, p. 672-673), e do *cognomen Aquitus*, relacionado com o cognome latino *Aquitanus* (Solin e Salomies, 1994, p. 295). A esposa, com o mesmo gentilício, identifica-se também à maneira romana: gentilício, *cognomen* e patronímico, ambos de origem latina (Untermann, 1965, mapa 14, p. 65--66; Solin e Salomies, 1994 p. 364).
A indicação da idade numa referência de pesar da esposa pela morte do marido.
A presença do formulário *sit tibi terra levis* aponta para a segunda metade do século I.

N.º 87
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito.
Dimensões: 38 x 72 x 42

M(*arco*) CAELIO / MALGEINI . F(*ilio*) / SILONI

A Marco Célio Silão, filho de Malgeino.

Almeida, 1956, 41; *HAE*, 1092; *ILER*, 2198.

Mais um defunto da *gens Caelia* e mais uma inscrição em tom de homenagem, sem qualquer fórmula funerária, apenas recorrendo ao dativo.
O defunto é identificado com os *tria nomina* e o patronímico, à maneira romana, sendo o cognome latino (Solin e Salomies, 1994, p. 403). Denuncia a sua origem indígena através do patronímico *Malgeinus* (Palomar Lapesa, 1957, p. 83; Albertos Firmat, 1966, p. 145, 1977a, p. 37).
A simplicidade textual aponta para a primeira metade do século I.

N.º 88
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito, de topo arredondado e campo epigráfico rebaixado de que resulta uma moldura simples e esquemática.
Dimensões: 79 x 41 x 22
Campo epigráfico: 62 x 26,5

MATV/ROVIO / VEIBALI / F(*ilio*) . MON/⁵IMENT/VM (*sic*) . STA/TVERVNT / FILI . SVI

A Maturóvio, filho de Veibalo. Os seus filhos erigiram este monumento.

Lambrino, 1956, 34; Almeida, 1956, 106; *AE*, 1967, 171; *HAE*, 1148; *ILER*, 3474.

A paginação está correcta, apesar de não se ter respeitado a regra da integridade das palavras. Os caracteres são actuários.

O defunto tem o nome de *Maturovius*, nome provavelmente formado da raiz céltica *matu* (Lambrino, 1956, p. 57). O nome hispânico do pai (Almeida, 1956, p. 135; Albertos Firmat, 1965, p. 133), *Veibalus*, é o único exemplar conhecido, pelo que não se sabe qual a forma do nominativo. A forma de se identificar corresponde ainda a uma primeira fase de aculturação onomástica romana.
O erro *monimentum* poderá ser uma mera gralha do gravador ou um erro decorrente da oralidade.
Além do uso do dativo, a própria palavra *monumentum* reforça o objectivo de homenagear *Maturovius*, não designando qualquer monumento particular (Bonneville, 1984, p. 128).
A simplicidade textual e a onomástica apontam para o século I, provavelmente primeira metade.

N.º 89 – Est. XI, 22
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com cordão duplo.
Dimensões: 45 x 102 x 41
Campo epigráfico: 23,5 x 80

MEMMIA FLACCILLA / IVNIAE VLLEAE F(*iliae*) / MATRI F(*aciendum*) C(*uravit*)

Memia Flacila, mandou fazer à mãe, Iunia, filha de Ulea.

Almeida, 1956, 107; *HAE*, 1149; *ILER*, 3994.

Variantes: l. 2: VLLEA F (*HAE*)

Paginação segundo um eixo de simetria. Caracteres capitais quadrados de gravação nítida.

De imediato destaca-se o facto de a dedicante estar referida em primeiro lugar, com o objectivo óbvio de se destacar. Trata-se de uma mulher da *gens Memmia*, que surge diversas vezes na Península e normalmente acompanhada de cognomes latinos (*ILER*, p. 720), como aliás é o caso. José d'Encarnação (*IRCP*, p. 175, 1989, p. 318) referiu-se aos *Memmii* como pertencentes a um estrato sócio-económico elevado, que esta primeira referência à dedicante parece confirmar.
A defunta identifica-se através do gentilício *Iunia*, que usa como nome. A filiação é referida através do nome da mãe, de origem indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 134),

situação invulgar, podendo, portanto, indiciar a pouca consideração social de que gozaria o avô de *Memmia Flaccilla*, ou até uma situação de ilegitimidade.
O epitáfio permite ainda verificar a adopção progressiva das regras identificativas romanas: enquanto a filha já se identifica à maneira romana, a mãe mantém a estrutura identificativa indígena.
A onomástica aponta para a segunda metade do século I, datação que a paleografia não contraria.

N.º 90
Ach.: Junto da muralha, aquando da construção da Escola Primária, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura do tipo gola directa com ranhura exterior.
Dimensões: 40 x 84 x 39
Campo epigráfico: 18,5 x 66

ṆỊG̣ẸṚ ṬỌṆG̣Ị(*i*) / F̣(*ilius*) H(*ic*) Ṣ(*itus*) E(*st*)

Aqui jaz Níger, filho de Tôngio.

Almeida, 1956, 134; *HAE*, 1173; *ILER*, 2426.

Paginação correcta. Caracteres capitais quadrados. O texto está muito degradado.

O defunto, apesar do nome latino bem documentado na Península (Untermann, 1965, mapa 57, p. 138), identifica-se ainda de acordo com a segunda fase da aculturação onomástica latina: um nome latino, seguido do patronímico indígena (Untermann, 1965, mapa 76, p. 173).
A simplicidade textual aponta para o século I.

N.º 91 – Est. XII, 23
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura simples e esquemática, resultante do rebaixamento do campo epigráfico.
Dimensões: 26 x 48 x 31
Campo epigráfico: 18,5 x 37,5

PINTAMVS / LOVCINI . F(*ilius*) / . H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) .

Aqui jaz Píntamo, filho de Loucino.

Almeida, 1956, 110; *HAE*, 1151; *ILER*, 2424.

Variantes: l. 2: LOVGINI (Almeida)

Paginação algo imperfeita com tendência para alinhamento à esquerda. Caracteres actuários.

O defunto identifica-se de acordo com a primeira fase de aculturação romana: nome e patronímico, ambos indígenas. *Pintamus* é um nome indígena (Untermann, 1965, mapa 61, p. 147) que já surgiu em Idanha (cf. n.º 62); o patronímico, *Loucinus*, é menos comum na Península (Albertos Firmat, 1977a, p. 37; Untermann, 1965, mapa 49, p. 123).
Este texto é da primeira metade do século I.

N.º 92
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito cinzento claro com moldura dupla: faixa sucedida de cordão.
Dimensões: 42 x 88 x 28
Campo epigráfico: 24 x 74,5

PROBINAE . PROBI . F(*iliae*) / TONGETA . PROBINAE / LIB(*erta*) . EX . ṬEṢT(*amento*) . F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Probina, filha de Probo. Tongeta, liberta de Probina, mandou fazer por disposição testamentária.

Lambrino, 1956, 35; Almeida, 1956, 112; *AE*, 1967, 172; *HAE*, 1153; *ILER*, 3716.

Paginação incorrecta: as linhas 1 e 3 encostam à moldura direita e a l. 2 à esquerda. Letras capitais quadradas.

O nome latino (Kajanto, 1965, p. 253) da defunta é raro. Esta deveria ser uma mulher de posses que deixou em testamento a liberdade de *Tongeta*, uma indígena (Untermann, 1965, mapa 76, p. 173), e a obrigação de esta lhe erigir o monumento funerário. O texto aponta para o século I.

N.º 93
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito de topo arredondado, com moldura resultante do rebaixamento do campo epigráfico. Tem um crescente por cima da primeira linha.
Dimensões: 133 x 36 x 18
Campo epigráfico: 61,5 x 22,5

PṾḄẸṢCE/ṆṢ. EGO . / ṆEC . VEṚIT/VS MISEṚẠ/[5]BILE . FṾṆṾS / AṆCEITṾS . / CELTI . FATA/ TVLEI . BṚ/EṾIA . HEIC (*sic*) /[10] SITVS . HEIC (*sic*) / CINERES . ES/TẸ . QVIETEI (*sic*)

Ainda jovem e sem temer a triste morte, eu, Anceito, de Céltio, terminei a minha curta vida. Os meus despojos jazem aqui. Vós, minhas cinzas, descansai em paz.

Lambrino, 1956, 6; Almeida, 1956, 60; *AE*, 1967, 146; *HAE*, 1110; *ILER*, 5812; Mantas, 1988 p. 437.

Paginação imperfeita, não tendo sido respeitada a regra da integridade das palavras. Os espaços interlineares são muito reduzidos dando a ideia que as linhas se amontoam. A pontuação circular está bem colocada. As letras são actuárias.

É o epitáfio de *Anceitus*, que usa nome de origem celta (Almeida, 1956, p. 124, Palomar Lapesa, 1957, p. 34; Albertos Firmat, 1966, p. 23, 1964, p. 219, 1977a, p. 51). O epitáfio é métrico, raro, mas não único. Interessa também pela ortografia dita arcaica de certas palavras: *heic* por *hic* e *quietei* por *quieti*.
A pedra tumular é ornada com uma meia-lua, símbolo tradicional das populações autóctones, que figura num grande número de monumentos funerários descobertos ao Norte do Tejo (Vasconcelos, 1913, p. 406). Desta forma, a sua família quis-lhe erigir uma estela com um epitáfio em latim. Quis também que o epitáfio fosse em verso, e é surpreendente constatar que existia na cidade um poeta, redactor de epitáfios, tão erudito para o compor, inspirando-se neste canto retirado da Lusitânia, em modas que vinham de Roma. Constata-se como foram consideráveis os progressos realizados pela penetração dos modos romanos nesta zona.
A paleografia, assim como o gosto pelas formas ditas "arcaicas", apontam para o século II.

N.º 94
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com cordão duplo.
Dimensões: 44 x 97 x 39
Campo epigráfico: 31 x 84

QVINTILLA AN(*norum*) III (*trium*) / M(*arci*) CVRI(*i*) QVIN̅T̅IO̅N̅IS E̅T̅ / CVRIA̅E̅ PRIMVLA̅E̅ DELICATAE / H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)

Aqui jaz Quintila, de 3 anos, criança adorada de Marco Cúrio Quintio e de Cúria Prímula. Que a terra te seja leve.

Lambrino, 1956, 27; Almeida, 1956, 113; *AE*, 1967, 165; *HAE*, 1154; *ILER*, 2691 = 6203a.

Má paginação: texto encostado à moldura direita. Na l. 3 faltou espaço, pelo que *Delicatae* é escrito com módulos mais pequenos e as letras *AE* já ficam em cima da moldura. A contrastar belos caracteres capitais quadrados de gravação nítida.

Delicata é um termo afectuoso usado em relação a uma criança de pequena idade, é de emprego raro nos epitáfios. O gravador concordou-a, por engano, com o genitivo que precede imediatamente. É por isso um instantâneo de grande ternura que, por si só, revela a relação com os outros dois personagens: os seus pais.
A pequena *Quintilla* tem um nome latino que é uma das muitas variantes femininas de *Quintus* (Kajanto, 1965, p. 38, 169). Os pais ao identificarem-se com os *tria nomina* demonstram uma perfeita aculturação onomástica romana. São os dois membros da *gens Curia* que já se conhece em Idanha (cf. n.os 49, 60) e têm cognomes latinos (Kajanto, 1965, p. 37, 174). O cognome da mãe deriva, provavelmente, de ter sido a primeira, de entre vários irmãos, a nascer.
A presença da fórmula *sit tibi terra levis*, e o uso do adjectivo *delicata*, datam a inscrição do século II.

N.º 95
Ach.: Dentro da muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 10.5).

Estela de granito, actualmente sem moldura, danificado ligeiramente na parte superior e nas margens e partida na parte inferior.
Dimensões: 49 x 45 x 23
Campo epigráfico: 25 x 45

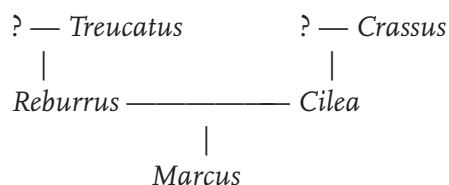
REBVRRO TREVCA/TI F(*ilio*) CILEAE CRASSI F(*iliae*) / MARCVS PATRI / MATRI F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Reburro, filho de Treucato, a Cílea, filha de Crasso. Marco mandou fazer à mãe e ao pai.

Almeida, 1956, 115; *HAE*, 1156; *ILER*, 4056; Albertos Firmat, 1977b, p. 195; Garcia, 1984, p. 109-110, n.º 31; Mantas, 1985, p. 229; Abascal Palazón, 1994, p. 531.

Variantes: l. 1: TREVOATI (Almeida, *HAE*, *ILER*, Albertos Firmat, Abascal Palazón)
l. 2: CRASI (*ILER*)

Paginação cuidada segundo um eixo de simetria. Na l. 1 não foi respeitada a integridade das palavras. Letras capitais quadradas.

É uma família indígena, onde os nomes latinos se misturam com nomes lusitanos. O pai usa nome indígena (Untermann, 1965, mapa 66, p. 155-156). O antropónimo *Treucatus*, apenas se assinala aqui, embora a sua raiz indo-europeia seja conhecida. O nome indígena da mãe é vulgar (Untermann, 1965, mapa 35, p. 100-101), tendo por pai um indivíduo de nome *Crassus*, *cognomen* latino pouco divulgado na Lusitânia (Kajanto, 1965, p. 244), e que, como adjectivo, significa "gordo".
Pode fazer-se o seguinte *stemma*:

A simplicidade textual e a própria onomástica apontam para o século I.

N.º 96
Ach.: Estava no muro de vedação das águas da Ribeira de Pônsul, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Bloco de granito, moldurado com um cordão.
Dimensões: 53 x 41 x 35
Campo epigráfico: 42,5 x 30,5

REDEMPTO / FLAVIVS / ZOSIMVS / PATRI /[5] F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Redento. Flávio Zósimo mandou fazer ao pai.

Lambrino, 1956, 36; Almeida, 1956, 189; *AE*, 1967, 173; *HAE*, 1202; *ILER*, 3903.

Paginação correcta segundo um eixo de simetria. Letras capitais quadradas de bela gravação.

O cognome *Redemptus* que significa a passagem a antropónimo de um adjectivo com o significado de "redimido", "libertado" (Encarnação, 1996b, p. 17, n. 7) indicia tratar-se de um liberto.
O dedicante apresenta um nome que é de origem grega e pertence à *gens Flavia*, muito comum (*ILER*, p. 694-695). O seu gentilício poderá ser o do seu antigo dono, quiçá uma família que teria recebido do Imperador Vespasiano o direito de cidadania, ou então ter sido ele próprio um liberto imperial, mas nesse caso referia-o. Ou então poder-se-ia tratar de um liberto público que não adoptou o *nomen Publicius*, assumindo directamente o apelativo da cidade, um município Flávio (cf. *HEp* 2, n.º 771; Crespo Ortiz de Zárate, 1999, p. 94). Ou ainda poderia ser o epitáfio de um indivíduo que tem cognome grego em recordação das suas remotas origens, ou simplesmente por moda (cf. Crespo Ortiz de Zárate, p. 93, n. 129).
A simplicidade textual aponta para o século I.

N.º 97
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado: um filete seguido de um cordão.
Dimensões: 34 x 86 x 33
Campo epigráfico: 20 x 60

RVFO ANTVTII . L(iberto) . AN(norum) XL/VIII (*quadraginta octo*) COCCEIA AMOEN/A . MARITO ET SIBI . F(*aciendum*) . C(*uravit*).

A Rufo, liberto de Antúcio, de 48 anos. Coceia Amena, mandou fazer para o marido e para si.

Alt. das letras: l.1:5; l.2:5 (1° O=3, 2); l.3:5, 7(2° T=3,5).Espaços: 1:1; 2:1; 3:1; 4:0,5.

Inédita?

Ocupou-se integralmente o campo epigráfico, não tendo sido respeitada a integridade das palavras. Os caracteres são capitais actuários com influências rústicas.

O defunto tem já um nome latino bem documentado na Península. O seu patrono, pessoa com certeza da nata local, tem nome indígena de que não lográmos encontrar outra referência, e cujo genitivo em *ii* determina o nominativo. Deve relacionar-se com *Antubelus*, *Antuca*, *Antulla* e *Antus*, que têm a mesma raiz.
A dedicante e esposa identifica-se à maneira romana através de um gentilício, já conhecido em Idanha (cf. n.os 41 e 81), e de um cognome latino.
O texto e a paleografia indiciam finais do século I - princípios do II.

N.° 98 – Est. XII, 24
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

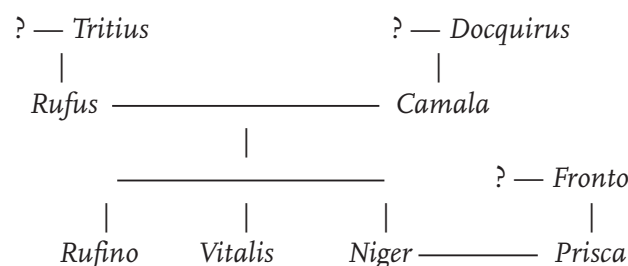
Grande bloco de granito, moldurado: cordão antecedida de uma faixa.
Dimensões: 46 x 109 x 42
Campo epigráfico: 29,5 x 92

RVFINO . ET NIGRO . FILIS / VITALI . FILIAE / PRISCAE FRONTONIS F(*iliae*) NIGRI . VXORI / CAMALAE . DOCQVIRI (*filia*). VXORI / RVFVS . TRITI . F(*ilius*) . F(*aciendum*) . C(*uravit*).

Aos filhos Rufino e Níger, à filha Vital, a Prisca, filha de Frontão e esposa de Níger, e à esposa Câmala, de Doquiro.
Rufo, filho de Tritio, mandou fazer.

Almeida, 1956, 116; *HAE*, 1157; *ILER*, 4855; Albertos Firmat, 1977b, p. 195.

Má paginação. Pontuação circular. Caracteres capitais quadrados.

Esta inscrição permite conhecer vários elementos de uma mesma família:

O dedicante, de nome latino, é filho de *Tritius*, personagem que usa nome indígena (Untermann, 1965, mapa 77, p. 175; Albertos Firmat, 1976, p. 66), vulgar na Península. Os filhos usam nomes latinos, sendo, provavelmente, o mais velho *Rufinus* porque surge em primeiro lugar e porque tem um nome derivado do de seu pai. A filha, a nora (Kajanto, 1965, p. 71, 288) e o pai desta também têm nomes latinos vulgares na Península. Por fim, a defunta, *Camala*, tem nome indígena (Untermann, 1965, mapa 26, p. 85-86) e o seu pai também.
O texto e a paleografia apontam para o século I.

N.° 99
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito moldurado. Pouco resta da moldura que parece ser do tipo gola directa.
Dimensões: 45 x 94 x 47
Campo epigráfico: 25,5 x 76

RVFVS REBVRRI F(*ilius*) AN(*norum*) XXVI (*viginti sex*) / REBVRRO DOCQVIRI (*filio*) / MARCIA MARCI(*i*) F(*ilia*) / FILIO VIRO ET SIBI F(*aciendum*) C(*uravit*)

Rufo, filho de Reburro, de 26 anos. Márcia, filha de Márcio, mandou fazer para o filho, para o marido, Reburro, de Doquiro, e para si.

CIL II, 448; Almeida, 1956, 119; *ILER*, 4838; Mantas, 1988, p. 437.

Variantes: l. 1: REBVRRI ANN XX (*ILER*)

Terá provavelmente sido feito em vida do filho, pois o texto está paginado e depois houve a necessidade de acrescentar a idade da morte deste, que teve de ser em módulos muito mais pequenos e sobre a moldura. Caracteres profundos em capital quadrada.

De destacar a referência à idade exacta de morte de *Rufus*. É a mãe que dedica o epitáfio ao seu filho, pelo que não será de estranhar esta referência a vincar o seu pesar.
Verifica-se em termos identificativos a utilização de onomástica indígena e latina. Assim, o primeiro defunto tem nome latino, bastante comum, sendo o patronímico indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 94; Untermann, 1965, mapa 66, p. 155-156); o avô tem também nome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 70). A dedicante manifesta ainda desconhecer as regras identificativas romanas, utilizando o *nomen* latino *Mar-*

cia na posição de *cognomen*; o patronímico desta é também provavelmente o gentilício *Marcius*.
A onomástica, a estrutura identificativa e a paleografia indiciam o século I.

N.º 100 – Est. XIII, 25
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, com simples moldura em cordão.
Dimensões: 44 x 108 x 37
Campo epigráfico: 29 x 93

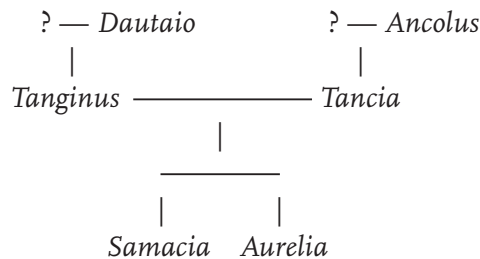
ṢAMACIAẸ ẸT ẠṾRELIAE / TANGINVS DẠṾṬAIONIS / PATER E̅T̅ ṬANCIAE ANÇỌL̅I̅ F(*iliae*) V̅X̅O̅R̅I̅

Tangino, de Dautaio, o pai, a Samácia e a Aurélia e à esposa, Tância, filha de Ancolo.

Alt. das letras: l.1:6, 5; l.2 e 3:6.Espaços: 1:1; 2:2, 5; 3:3; 4:5.

Inédita?

Paginação correcta. Caracteres capitais quadrados.

Mais uma família de indígenas que ainda não dominam as regras identificativas romanas:

Assim, as filhas do dedicante têm onomástica indígena, a primeira (Palomar Lapesa, 1957, p. 95), e a segunda tem nome latino, no entanto utiliza um *nomen* no lugar de *cognomen*. O pai apresenta onomástica indígena já conhecida (Palomar Lapesa, 1957, p. 101; Untermann, 1965, mapa 74, p. 170), no entanto deve verificar-se que o nome do avô adquire uma forma até agora desconhecida, tendo sido apenas referenciada a forma, da qual deriva certamente, de *Dauto* (Albertos Firmat, 1964, p. 246; Abascal Palazón, 1994, p. 342). O nome da esposa parece relacionar-se com *Tancina* (Palomar Lapesa, 1957, p. 101). Será inédito o seu patronímico *Ancolus* ou *Ancolius*, mas que certamente se relacionará com os nomes indígenas *Anceitus*, *Ancetolus* ou *Ancondus*.
O tipo de letra e o próprio texto leva a crer que se está perante um monumento do século I.

N.º 101
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com cordão duplo.
Dimensões: 46 x 87 x 46
Campo epigráfico: 27 x 65,5

SEL$\overline{\text{OC}}$A . FLACCIL/LAE LIB(*erta*) ANN(*orum*) ḶVIII (*quinquaginta octo*) H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) / PACATVS L(*ucii*) GVTI(*i*) F(*ilius*) F(*aciendum*) C(*uravit*) .

Aqui jaz Seloca, liberta de Flacila, de 58 anos. Pacato, filho de Lúcio Gútio, mandou fazer.

Almeida, 1956, 120; *HAE*, 1159; *ILER*, 5062.

Má paginação: alinhamento à esquerda. Letras capitais quadradas.

Mais uma liberta de Idanha, desta vez de *Flaccilla*, com certeza alguém de reconhecido prestígio social. A defunta tem nome indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 123).
O dedicante, *Pacatus*, já adoptou onomástica latina. O seu pai identifica-se com dois nomes: o primeiro, o *praenomen Lucius*, e o segundo, no lugar de gentilício, o antropónimo indígena *Gutius*, documentado nas províncias de Cáceres, Badajoz, Beira Baixa e Alto Alentejo (Albertos Firmat, 1982 p. 54). Este facto demonstra mais uma vez o desconhecimento das regras identificativas romanas.
No que diz respeito à relação entre o dedicante e a defunta, são viáveis, quer a hipótese de se tratar do filho — mas é estranho não o referir, como era comum, a não ser que quisesse esconder a sua origem — ou então, mais provavelmente, tratar-se-ia do seu companheiro amoroso.
O monumento parece ser do século I. A onomástica e a estrutura identificativa não o desmentem.

N.º 102
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com um filete e cordão. Está fragmentada no canto superior esquerdo. Deve ter sido reaproveitada como soleira de porta, pois apresenta, sensivelmente, abaixo da palavra *patri*, um buraco profundo.
Dimensões: 44 x 98 x 45
Campo epigráfico: 30,5 x 84

SEVERO PINTAMI F(*ilio*) / SEVERINA SEVERI F(*ilia*) / PATRI

A Severo, filho de Píntamo. Severina, filha de Severo, ao pai.

Almeida, 1956, 121; *HAE*, 1160; *ILER*, 3896.

Linhas 1 e 2 perfeitamente paginadas. Na l. 3 a palavra patri alinha-se à direita, dando a impressão que se pretenderia gravar mais alguma coisa. Caracteres capitais quadrados.

Mais uma família de indígenas que já adoptaram a onomástica latina. O pai, *Severus*, tem um nome muito comum na Hispânia (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 508-510), sendo o da filha e dedicante, seu derivado, como aliás era habitual. Já o pai de *Severus* usa ainda cognome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 92; Untermann, 1965, mapa p. 147). Conhece-se outro indivíduo com o nome *Pintamus*, filho de *Loucinus* (cf. n.° 91). Poder-se-ia tratar do mesmo indivíduo.
A simplicidade textual e a paleografia apontam para o século I.

N.° 103 – Est. XIII, 26
Ach.: Na muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.° inv. 10.18).

Bloco de granito, com moldura de cordão triplo de que só resta o canto superior esquerdo. Tem um grande buraco no lado direito e dois pequenos, um em cima e outro na parte posterior. O campo epigráfico foi bastante afectado pela erosão.
Dimensões: (43) x (91) x 44
Campo epigráfico: (25) x (71,5)

SILẠ SILONIS F(*ilia*) / H(*ic*) Ṣ(*ita*) Ẹ(*st*) Ṣ(*it*) Ṭ(*ibi*) Ṭ(*erra*) Ḷ(*evis*)

Aqui jaz Sila, filha de Silão. Que a terra te seja leve.

Almeida, 1956, 123; Garcia, 1984, p. 111, n.° 32.

Paginação correcta. Caracteres capitais quadrados.

O nome da falecida e do pai são vulgares no Ocidente da Península Ibérica e estão particularmente bem representados na antroponímia de Idanha-a-Velha (cf. n.os 14, 41, 48, 69, 87, 104).
É um epitáfio extremamente simples. A presença da fórmula *sit tibi terra levis* aponta para a segunda metade do século I.

N.° 104
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

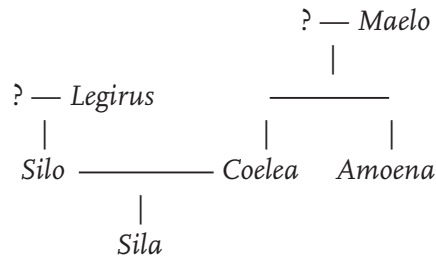
Placa de granito, moldurada com cordão duplo.
Dimensões: 43 x 97 x 16,5
Campo epigráfico: 27 x 80

SILO LEGIRI F(*ilio*) COELEA MAE/LONIS F(*ilia*) AMOENA MAELO/NIS F(*ilia*) H(*ic*) S(*iti*) S(*unt*) S(*it*) V(*obis*) T(*erra*) L(*evis*) / SILA SILONIS F(*ilia*) PATRI MATRI /5 ET MATERTERAE F(*aciendum*) (*hedera*) C(*uravit*)

Aqui jazem Silão, filho de Legiro; Coelea, filha de Melão; Amena, filha de Melão. Sila, filha de Silão, mandou fazer ao pai, à mãe e à tia materna. Que a terra vos seja leve.

Almeida, 1956, 124; *HAE*, 1163; *ILER*, 4856; Albertos Firmat, 1977b, p. 195-196.

Paginação correcta segundo um eixo de simetria, embora nem sempre se tenha respeitado a integridade das palavras. Caracteres monumentais quadrados. É possível que, na 3.ª linha, dado o distanciamento entre as letras, existam *hederae*, mas dada a degradação da superfície da pedra, é difícil verificar.

Este epitáfio permite construir o seguinte *stemma*:

Ficam a conhecer-se três gerações de uma mesma família que, apesar de tudo, mantêm a forma identificativa. Assim, a dedicante e o pai usam nomes comuns na região. O avô paterno, *Legirus*, usa também antropónimo indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 250); a mãe, *Coelea*, usa antropónimo hispânico (Albertos Firmat, 1964, p. 241), e o seu patronímico é também indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 81; Untermann, 1965, mapa 52, p. 129). *Amoena*, nome da tia materna, é de origem latina, vulgar na Península, especialmente no feminino.
O epitáfio, tendo em conta a paleografia, a onomástica e a estrutura identificativa, é do século I. A presença da fórmula *sit tibi terra levis* aponta para a sua segunda metade.

N.º 105
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito, moldurada em resultado do rebaixamento do campo epigráfico.
Dimensões: 104 x 36,5 x 24
Campo epigráfico: 36 x 26

TALAB/VS . SA/LICI(*i*) . F(*ilius*)/ H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*)

Aqui jaz Talabo, filho de Salício.

Almeida, 1956, 132; *HAE*, 1171; *ILER*, 2425.

Variantes: l. 1: TATAR (Almeida)

Paginação descuidada. Pontuação circular correctamente colocada. Caracteres actuários com influências cursivas.

O defunto é indígena e como tal se identifica, sendo o nome e o patronímico indígenas (Albertos Firmat, 1965, p. 121, 1972b, p. 312, 1977a, p. 38).
A simplicidade textual aponta para a primeira metade do século I.

N.º 106

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de estela de granito sem vestígios de moldura.
Dimensões: (52) x (34) x 16.

TANGINỤṢ / MEIDVENI / F(*ilius*) . H(*ic*) . S(*itus*) . EST .

Aqui jaz Tangino, filho de Meidueno.

Lambrino, 1956, 41; Almeida, 1956, 129; *AE*, 1967, 178; *HAE*, 1168; *ILER*, 2403.

Pontuação circular. Gravação profunda dos caracteres actuários.

Este defunto identifica-se de acordo com a primeira fase de aculturação onomástica romana: nome e patronímico, ambos indígenas (Palomar Lapesa, 1957, p. 101; Albertos Firmat, 1965, p. 113).
Pela estrutura identificativa, é de inícios do século I.

N.º 107

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

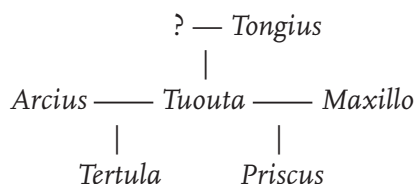
Grande bloco de granito com moldura de cordão duplo.
Dimensões: 48 x 61 x 31
Campo epigráfico: 39 x 50

TERTVLA . ARCI(*i*) F(*ilia*) . ET . / P̣ṚỊṢÇỤṢ . MAXILLONIS . F(*ilius*) / ṬṾỌṾṬAE . TONGI . F(*iliae*) / MATRI . MVNIMENTV (*sic*) /5 STATVERVNT . H(*ic*) . S(*ita*) . E(*st*) / S(*it*) (*hedera*) T(*ibi*) (*hedera*) T(*erra*) (*hedera*) L(*evis*)

A Tuouta, filha de Tôngio. Aqui jaz.
Tertula, filha de Árcio, e Prisco, filho de Maxilão, ergueram o monumento à mãe. Que a terra te seja leve.

Almeida, 1956, 133; *HAE*, 1172; *ILER*, 3475; Albertos Firmat, 1977b, p. 195.

Paginação segundo um eixo de simetria. Pontuação triangular, à excepção da l. 6 onde se usam *hederae*. Caracteres do tipo capital quadrado.

É possível fazer o seguinte *stemma*:

A defunta usa um nome indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 130) que parece ser único até à data (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 533). O patronímico, também indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 105; Albertos Firmat, 1965, p. 129; Untermann, 1965, mapa 76, p. 173), é comum na Península.
Os seus filhos têm já nome latino (Kajanto, 1965, p. 124, 292). O pai de *Tertula* usa nome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 39; Albertos Firmat, 1964, p. 223; Untermann, 1965, mapa 10, p. 58) assim como o pai de *Priscus* (Albertos Firmat, 1965, p. 113, 1972b, p. 300) cujo nome se documenta apenas aqui e em Mérida (*AE*, 1967, 192). Documenta-se assim a aculturação onomástica latina ao longo das gerações. Este epitáfio permite ainda uma incursão pela vida privada ao revelar os dois casamentos de *Tuouta*. Esta hipótese é mais plausível que a possibilidade de se tratar de filha e genro, hipótese colocada por María de Lourdes Albertos (1977b, p. 195).
A simplicidade com que é indicada a relação familiar, somente pelo vocábulo *mater*, sem qualquer adjectivo, a fórmula *sit tibi terra levis* e a paleografia sugerem a segunda metade do século I.

N.º 108
Ach.: Na muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura do tipo gola directa.
Dimensões: 38 x 87 x 42
Campo epigráfico: 24 x 65

TI(*berio*) CLAVDIO REDEMP/TO . VRBANA . LONGINI / LIB(*erta*) . ET . SIBI . F(*aciendum*) C(*uravit*)

Urbana, liberta de Longino, mandou fazer para si e para Tibério Cláudio Redento.

Almeida, 1956, 66; *HAE*, 1115; *ILER*, 5060.

Paginação correcta. Pontuação circular. Caracteres capitais quadrados de gravação nítida.

O defunto identifica-se com os *tria nomina*, denunciando uma perfeita aculturação onomástica romana. O *praenomen* em sigla como mandava a regra; o *cognomen*, latino, é

já conhecido (cf. n.º 96); pertence à *gens Claudia* que, apesar de se tratar de um gentilício imperial, não foi muito difundido na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 29-30). Pelo *praenomen* e *nomen* poderá ser liberto de uma família que recebeu o direito de cidadania romana através de Cláudio ou de Nero, também ele *Ti. Claudius* (Nony, 1968, p. 58-59). A favor deste estatuto de liberto está o facto de não referir a filiação. A existência deste indivíduo mostra que o mecanismo de libertação na *civitas Igaeditanorum* pode fazer-se remontar ao reinado do Imperador Cláudio (Encarnação, 1996b, p. 17, n. 6).
A dedicante, provavelmente sua esposa ou companheira, usa um nome latino (Solin e Salomies, 1994, p. 416) e identifica-se expressamente como liberta de *Longinus*. Aliás, este indivíduo e o que identificámos na n.º 60, no epitáfio de *Chresumus* e *Amoena Longinus lib(erti)*, poderão ser a mesma pessoa.
A estrutura identificativa sugere a segunda metade do século I.

N.º 109
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Pequeno bloco fragmentado de granito.
Dimensões: 33 x 46 x 30.

TONGIVS / TANGINI / E (*sic*) [F(*ilius*)] . H(*ic*) . S(*itus*) EST

Aqui jaz Tôngio, filho de Tangino.

Lambrino, 1956, 45; Almeida, 1956, 136; *HAE*, 1175; *ILER*, 2427.

Variantes: l. 1: TONFIVS (*ILER*)

De assinalar, na linha 3, que o gravador, por erro, colocou um *E* no lugar de um *F*.

O defunto identifica-se com nome e patronímico indígenas (Palomra Lapesa, 1957, p. 101, 105), ambos bem documentados na Península.
A simplicidade textual aponta para a primeira metade do século I.

N.º 110
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito, de topo arredondado, de que não restam vestígios de moldura. Está partida sensivelmente abaixo da última linha.
Dimensões: 70 x 42 x 20

TVATRO / FRO$\overline{\text{NT}}$O/NIS F(*ilio*) CLVN(*iensi*) / REB$\overline{\text{VR}}$RVS /5 FRATER / F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Tuatro, filho de Frontão, cluniense. Reburro, seu irmão, mandou fazer.

CIL II, 450; Almeida, 1956, 137; *HAE*, 1176; Albertos Firmat, 1965, p. 132; *ILER*, 4699; Abascal Palazón, 1994, p. 539.

Variantes: l.1: VATRO (Abascal Palazón)

Texto bem paginado. O campo epigráfico confunde-se com a superfície que resta do monumento. Letras actuárias.

Em relação ao primeiro nome, María de Lourdes Albertos (1965) refere que D. Fernando de Almeida (1956) leu erroneamente *Tuatro*. No entanto, lê-se claramente este nome, de que não se conhece outro exemplo.
O defunto é natural de Clúnia. O irmão e dedicante usa também nome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 94; Albertos Firmat, 1965, p. 120, 1972b, p. 308). Já o pai de ambos, *Fronto*, usa cognome latino (Kajanto, 1965, p. 17, 26, 118, 236) muito frequente na Península (cf. Borges, 1976, mapa 2 p. 123-124; Mantas, 1982, p. 52; Abascal Palazón, 1994, p. 372-373)
A simplicidade textual e a própria paleografia apontam para o século I.

N.º 111
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito rosado. Destruída na altura e na base, à esquerda e à direita das primeiras linhas da face escrita. Sem moldura nem decoração.
Dimensões: 78 x 39 x 22

VALGIAE C(*aii*) . F(*iliae*) / FLACCILLAE M(*arcus*) . AL$\overline{LA}$CARIVS / CELER . PAVLLIA/^{5}NVS CONIMBRI/GENSIS

A Válgia Flacila, filha de Caio. Marco Alacário Céler Pauliano, de Conimbriga.

Lambrino, 1956, 47; Almeida, 1956, 143; *AE*, 1967, 183; *HAE*, 1181; *ILER*, 5304; Étienne et al., 29 p. 56-57, pl. IX.

Variantes: l. 1: VALGIAE C I (*HAE*)
l. 3: AL$\overline{LA}$CARIV[S]; l. 6: GENSI[S] (Étienne et al.)

Paginação com alinhamento à direita. Pontos triangulares. Letras monumentais quadradas.

A defunta é mãe, ou mais provavelmente esposa ou companheira de Alacário e é identificada à maneira romana: *nomen*, *cognomen* e patronímico. Assim seria membro da *gens Valgia*, da qual só se conhece outro elemento em Caparide (concelho de Cascais) e com a grafia *Valcia* (*ILER*, 2523; Encarnação e Cardoso, 1981-1982, p. 90-91; Encarnação, 1994b, p. 56-57), o que leva a pensar numa possível origem itálica em ligação com *C. Valgius Rufus*, consul em 12 a.C. (Étienne et al., p. 57; Encarnação, 1994b, p. 57); o *cognomen* é latino e bem documentado na Península (Abascal Palazón, 1994, p. 365),

e nomeadamente na região em estudo (cf. n.^{os} 89 e 101); o patronímico é referido através do *praenomen* em abreviatura seguido de *F*, entre o gentilício e o *cognomen*, como manda a regra romana.
O homem identifica-se usando dois *cognomina* ambos latinos, embora o primeiro bastante melhor documentado que o segundo (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 322-323, 452); já o seu gentilício *Allacarius* é o único exemplo conhecido na Península Ibérica, mas que talvez se possa relacionar com uma raiz céltica (Albertos Firmat, 1964, p. 217).
Estamos perante dois indivíduos perfeitamente romanizados, sendo que *Valgia Flaccilla* poderia ser mais um membro do grupo de pessoas que, vindas de Itália, se estabeleceram como colonos por estas paragens, nos começos do Império. Por outro lado, a presença deste indivíduo perfeitamente romanizado na *civitas Igaeditanorum* atesta as ligações de Conimbriga com o Este lusitano.
A simplicidade do formulário, sem indicação de qualquer fórmula funerária, faz pensar, em acordo com a paleografia, num monumento do século I.

N.º 112

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito com moldura simples do tipo cordão.
Dimensões: 53 x 57 x 10
Campo epigráfico: 38 x 44

VEGETINO / AMOENAE . LIB(*erto*) / ANN(*orum*) . XXVI (*viginti sex*) . AM$\overline{\text{OE}}$/NA . EVTYCHIAE . LIB(*erta*) / FILIO . ET . SIḄI . F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Vegetino, liberto de Amena, de 26 anos. Amena, liberta de Eutíquia, mandou fazer para o filho e para si.

Almeida, 1956, 144; *HAE*, 1182.; *ILER*, 5041.

Paginação descuidada. Pontuação circular. Caracteres actuários com influências cursivas. Os módulos dos caracteres vão diminuindo assim como os espaços interlineares devido à falta de espaço, levando ao amontoar das últimas três linhas.

A mãe é uma liberta que, por sua vez, liberta o filho. Os dois identificam-se através de antropónimos latinos. É interessante verificar que a dedicante se diz liberta de *Eutychia*, personagem que usa antropónimo grego (Solin, 1982, p. 1230), denunciando também, por um lado, a sua origem servil e, por outro, a sua ascensão social e económica que lhe permitiu a ela própria ter escravos.
A onomástica, assim como a paleografia, apontam para os finais do século I.

N.º 113

Ach.: Na parede de um pátio do Sr. João dos Reis, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

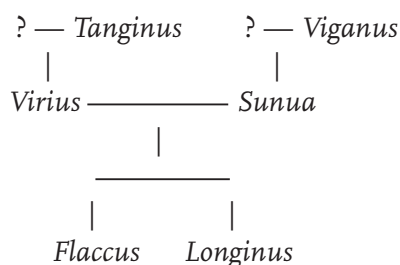
Bloco de granito, moldurado com gola directa e ranhura exterior.
Dimensões: 42 x 87 x 30
Campo epigráfico: 25 x 69,5

VIRIO TANGINI ET / SVNVAE VIGANI FLAC/CVS ET LONGINVS PARENTI/BVS SVIS FACIENDVM C̣ṾṚẠRVN̅T̅ /5 S(*it*) V(*obis*) T(*erra*) L(*evis*)

A Vírio, de Tangino, e a Súnua, de Vigano. Flaco e Longino mandaram fazer aos seus pais. Que a terra vos seja leve.

Almeida, 1956, 147; *HAE*, 1185; *ILER*, 4053 = 6257; Albertos Firmat, 1977b, p. 195.

Não há qualquer critério de paginação, resultando esta perfeitamente descuidada. Caracteres capitais quadrados.

Podem vislumbrar-se três gerações e a adopção progressiva de onomástica romana:

O defunto usa um nome indígena característico da área lusitano-galega (Palomar Lapesa, 1957, p. 110; Albertos Firmat, 1965, p. 134; Untermann, 1965, mapa 84, p. 189). O patronímico é também indígena e está bem documentado nesta região (cf. n.os 6, 21, 28, 106, 109). A defunta usa também nome indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 124), assim como o seu pai, cujo nome será a forma sonorizada de *Vicanus*, provavelmente de origem latina (Albertos Firmat, 1965, p. 134, 1972b, p. 317, 1977a, p. 50).
Os filhos já se identificam com onomástica latina, bastante bem documentada na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 366, 401-402). Assim, *Flaccus*, etimologicamente "o orelhudo" (Kajanto, 1965, p. 140), é frequente; *Longinus* é um nome já aqui documentado (cf n.os 60, 66, 108): tratar-se-á do indivíduo com capacidade económica, possuidor de escravos, já identificado (n.os 60 e 108)?
A fórmula *sit tibi terra levis* indicia a segunda metade do século I ou inícios do II.

N.º 114 – Est. XIV, 27
Ach.: Na muralha, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Cipo de granito com moldura resultante da delimitação do campo epigráfico através de uma ranhura.
Dimensões: 62 x 40 x 37,5
Campo epigráfico: 50 x 34,5

VITALIS / FVSCI F(*ilia*) / H(*ic*) . S(*ita*) . E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Aqui jaz Vital, filha de Fusco. Que a terra te seja leve.

Almeida, 1956, 148; *HAE*, 1186; *ILER*, 2694.

O texto concentra-se na metade superior do campo epigráfico. O espaço restante poder--se-ia destinar a acrescentar outro nome. Letras capitais quadradas.

A defunta usa nome latino (Kajanto, 1965, p. 274) já documentado na região (cf. n.os 49, 60, 98). O patronímico é também latino e frequente no conjunto peninsular (Kajanto, 1965, p. 228).
O formulário sugere como datação a segunda metade do século I - inícios do II.

N.º 115
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito. Perdeu alguns centímetros da sua largura à direita, o que fez desaparecer as letras da extremidade das linhas. Está fragmentada na parte superior.
Dimensões: 88 x 58 x 20.

L(*ucio*) . MARCI[O] / FVSCI . F(*ilio*) . QVIR(*ina tribu*) AVIṬ[O] / PRAEF(*ecto*) FABR(*um*) / PRAEF(*ecto*) COH(*ortis*) I S[V]/^{5}ROR(*um*) ṢAGITTẠ[R(*iorum*)] / TRIB(*uno*) MIL(*itum*) LEG(*ionis*) X (*decem*) FRETEN[SIS] / PRAEF(*ecto*) . EQ(*uitum*) ALAE I (*primae*) SING̣[V]/LAR(*iorum*) C(*ivium*) R(*omanorum*) DONIS DONA[TO] / MARCIVS MATERNVS E[QV]/^{10}ES ALAE EIVSDEM PRAEFE[CTO] / OPTVMO OB MERIṬỌ

A Lúcio Márcio Avito, filho de Fusco, da tribo Quirina, perfeito "fabrum", prefeito da I.ª coorte dos Sagitários da Síria, tribuno "militum" da X legião Fretense, prefeito de cavalaria da 1.ª ala dos cidadãos romanos. Foi condecorado. Márcio Materno, cavaleiro da mesma ala, por mérito, ao óptimo prefeito.

Lambrino, 1956, 5; Almeida, 1956, 21; *HAE*, 1077; *AE*, 1961, 358 = 1967, 145; *ILER*, 6379; Mantas, 1988 p. 424; Le Roux, 1982, p. 225 n.º 188 ; González Herrero, 1997, p. 80.

Variantes: l. 6: FRETEN[S] (Mantas)
l. 6: omite Mil(*itum*) (Le Roux)
l. 11: OB MEM(*oriam*) (Lambrino, *Egitânia*, *ILER*, Le Roux 1982)
l. 11: OB MERITA (González Herrero)

Caracteres capitais quadrados, cujos módulos vão diminuindo.

Na l. 11 escreveu-se *optumo* por *optimo*. Tal é frequente na epigrafia latina, reflectindo uma flutuação das grafias latinas I e V (cf. Siles, 1986) ou exprimindo a pronúncia (Niedermann, 1953, p. 18-19).

Conhecem-se alguns cavaleiros na Lusitânia, sobretudo nas regiões meridionais, mais romanizadas, mas esta inscrição destaca-se por apresentar o *cursus honorum* de um oficial de cavalaria contendo os *tres militae* completos.
É o monumento honorífico *post-mortem* de *Lucius Marcius Avitus*[1], cidadão romano, que foi *praefectus fabrum*, depois, conforme a regra, prefeito de uma corte, tribuno legionário e, enfim, prefeito de um esquadrão. Morreu em serviço, pois um soldado do mesmo esquadrão erigiu-lhe este monumento. Comandante e cavaleiro encontram-se em Idanha, onde estas tropas devem ter residido algum tempo, pois conhece-se o cavaleiro que erigiu o monumento, graças ao seu próprio epitáfio (n.º 151): *L(ucio) Marcio, Tangini f(ilio) Materno dec(urioni) alae I [singularium c. R]*. Cidadão romano, mas filho de um celta livre de Idanha, ele morreu também, parece, durante o serviço. Antes da morte obteve o grau de decurio na mesma *ala I singularium* onde serviu na qualidade de cavaleiro. Uma vez que ele tem o mesmo gentilício, *Marcius*, que o comandante poderia ser seu parente. Mas, a isso se opõe a diferença de classes sociais em que aparecem e, sobretudo, o facto de a homenagem se aderessar ao "excelente comandante", fórmula oficial que exprime mais a gratidão do subalterno que a afeição de um parente. Tratar-se-ia essencialmente de uma relação de clientela, pois o patronato, como instituição orientada ao estabelecimento de uma rede de vínculos de dependência e fidelidade que assegurem a manutenção do poder económico e político, teve também o seu peso na instituição militar (González Herrero, 1997, p. 87). De qualquer maneira, o esquadrão deve ter residido durante muito tempo em Idanha depois do desaparecimento do prefeito *Marcius Avitus*, para que o *eques Marcius Maternus* possa ter, antes da morte, chegado a *decurio*.
A forma das letras parece indicar a primeira metade do século I d.C. Mas a identificação do nome do comandante indica a *tribu Quirina*. O nome desta tribo não se espalhou na Península antes de 75. É então que as autoridades começaram a pôr em aplicação a disposição do imperador Vespasiano de dar o direito latino a todas as cidades peregrinas da Península. Os novos cidadãos eram inscritos nesta *tribu* que era a do imperador. *Marcius Avitus* deve ter vivido até depois de 75 e o seu epitáfio deverá colocar-se, o mais tardar, no fim do século. No entanto, há uma objecção: o esquadrão que *Marcius Avitus* comandou no fim da sua vida chamava-se simplesmente *ala singularium* no início do reinado de Vespasiano, em 70. Depois dos serviços que a *ala* fez ao imperador, ela recebeu o epíteto honorífico de *Flavia* e apareceu por conseguinte com o nome *ala I Flavia Singularium Civium Romanorum*. Assim em 70 e mesmo 69 ela não poderia encontrar-se em Idanha. Só resta admitir que o monumento foi gravado na primeira metade ou em meados do primeiro século e que a *ala* esteve em guarnição numa área compreendida entre a *civitas Igaeditanorum*, onde se conhecem dois testemunhos, e *Caurium*, onde existe outro testemunho epigráfico da unidade (González Herrero, 1997, p. 81), durante certo tempo, antes do ano 69. Quanto aos motivos que requerem o estacionamento da ala *I Singularium Civium Romanorum* na Lusitânia deveriam ter provavelmente a ver com a conjuntura conflituosa que se viveu na Hispânia durante a primeira metade do século I. No tempo de Nero produziu-se um levantamento geral na província e no ano de 58 teve lugar a sublevação dos Astures, a que se juntou a dos Baleáricos e revoltas na Lusitânia. E há ainda que considerar o interesse do Estado na exploração das minas da província e o papel desenvolvido pelo exército como mecanismo de controlo da mão-de-obra (González Herrero, 1997, p. 82-83). Assim, se *Marcius Avitus* fez parte da tribo Quirina, não foi forçosamente porque recebeu o direito de cidadania graças à medida de Vespasiano. Ora, sabe-se que, bem

antes, o imperador Cláudio tinha já acordado o direito de cidadania a certos autóctones da Península, inscrevendo-os na *tribu Quirina*. É provável que *Marcius Avitus* se tenha tornado cidadão desta forma. Isto dá a vantagem de melhor precisar a data de estadia do esquadrão em Idanha, quer dizer aproximadamente entre 41 e 69 d. C. (Lambrino, 1956, p. 30). No entanto, como refere Daniel Nony (1968, p. 58), esta inscrição faz menção à ala *I Singularium Civium Romanorum*, e esta indicação aponta para data posterior (cf. Nony, 1968; González Herrero, 1997, p. 83).

N.º 116

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito. Está fragmentada na parte inferior direita.
Dimensões: 108 x 59 x 25
Campo epigráfico: 83 x 59

IVLIAE / VARILLAE / CELERIS . F(*iliae*) / L(*ucius*) . IVLIVS . QVIR(*ina tribu*) /[5] MODESTVS / VXORI STATVAM / CVM BASI . F(*aciendum*) . C(*uravit*) / IVLIA AMOENA / SABINI . F(*ilia*) . MATE[R] /[10] AVRAVIT

A Júlia Varila, filha de Céler. Lúcio Júlio Modesto, da tribo Quirina, mandou fazer a estátua com base à esposa. A mãe, Júlia Amena, filha de Sabino, dourou-a.

Almeida, 1956, 93; *HAE*, 1138; *ILER*, 1772; Mantas, 1988, p. 434.

Paginação segundo um eixo de simetria. Pontuação circular. Caracteres monumentais quadrados.

Esta é uma inscrição de contexto claramente funerário: é uma homenagem póstuma. De acordo com o texto parecia tratar-se de um monumento bem mais rico do que o que resta.
Pode fazer-se o seguinte *stemma*:

O dedicante, cidadão romano da tribo Quirina, identifica-se através dos *tria nomina*; por omitir a filiação poderá ser um indígena romanizado ou até um liberto. De qualquer forma é alguém de boas condições económicas. A esposa é identificada também à maneira romana: o gentilício e o cognome romano *Varilla* (Kajanto, 1965, p. 170, 242), a que junta o nome latino do pai (Kajanto, 1965, p. 66, 248).
A mãe da defunta, igualmente da *gens Iulia*, tem um cognome latino bastante comum nos meios indígenas (Untermann, 1965, mapa 8, p. 55-56) e que muitas vezes identifica *Iuliae*, nomeadamente na região de Lisboa (cf. Mantas, 1982, p. 11-12, 90, 91;

Encarnação, 1994b, p. 44); o patronímico, *Sabinus*, é latino (Kajanto, 1965, p. 51, 186) e muito comum na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 493).
A menção da tribo, sugerindo que beneficiou da cidadania com os Flávios, data a inscrição de finais do século I ou inícios do II.

N.º 117
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito que terá tido moldura, no entanto, o estado actual do monumento não permite identificar de que tipo.
Dimensões: (34) x 80 x 44

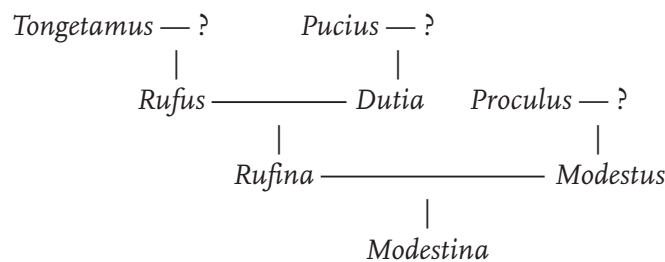
MODESTO PROCVLI F(*ilio*) /DVTIAE PVCI(*i*) F(*iliae*) RVFINA RVFI (*filia*) / TONGETAMI . F(*ilii*) . MARITO . ET / MATRI . MODESTINA . MO/[5]DEST[I F(*ilia*) ?] E[X] T(*estamento*) [F(*aciendum*) C(*uraverunt*)]?

A Modesto, filho de Próculo e a Dúcia, filha de Púcio. Rufina, de Rufo, filho de Tongetamo, ao marido e à mãe. Modestina, filha de Modesto, (mandou fazer ou mandaram fazer) por disposição testamentária.

CIL II, 447; Almeida, 1956, 108; *ILER*, 4860.

Variantes: l. 5: DESTI [F] F . C . (*ILER*)

Paginação imperfeita: as linhas encostam à moldura direita. Caracteres capitais quadrados.

Este epitáfio permite fazer o seguinte *stemma*:

Verifica-se a adopção gradual da onomástica latina. Quer *Tongetamus* quer *Pucius* são nomes indígenas (Albertos Firmat, 1965, p. 128). A segunda geração masculina já adoptou onomástica latina, ao contrário da mulher que mantém nome indígena (Untermann, 1965, mapa 39, p. 108). As terceira e quarta gerações já adoptaram a onomástica romana, tendo as filhas, como aliás era comum, adoptado nomes derivados dos de seus pais.
A maneira como se identificam aponta para o século I.

N.º 118
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito, moldurada com cordão duplo, o primeiro mais pequeno que o segundo. O campo epigráfico na metade direita está picado.
Dimensões: 44 x 85 x 26
Campo epigráfico: 30 x 72

QASAE TARANTELLI (*filiae*) / AMOENA FILIAE / MAELA . ṢẸ[V]ERI . F(*ilia*) / TANGINVS AR[ANTO]NI . F(*ilius*) / TVRANTIVS LOVESI(*i*) . Ḟ(*ilius*) . F(*aciendum*) . C(*uraverunt*)

A Casa, de Tarantelo. Amena à filha, Maela, filha de Severo, Tangino, filho de Arantónio e Turâncio, filho de Lovésio, mandaram fazer.

Lambrino, 1956, 17; Almeida, 1956, 53; *AE*, 1967, 156; *HAE*, 1104; *ILER*, 3614.

Má paginação: as linhas encostam à moldura direita. Letras capitais quadradas.

A defunta tem o mesmo nome indígena, de origem celta (Albertos Firmat, 1965, p. 119), que a do epitáfio n.º 57, mas desta vez sob a forma de *Qasa*.
O monumento foi erigido pela mãe e por três outros personagens, parentes, provavelmente, da defunta. O nome do pai não se encontra atestado noutra parte, pelo que só se conhece este exemplo em genitivo. Entre os dedicantes a onomástica latina mistura-se com a indígena. A mãe da defunta teria nome latino, mas membro de repertório indígena (Untermann, 1965, mapa 8, p. 55-56); *Maela* tem nome indígena (Untermann, 1965, mapa 52, p. 129-130) apesar de o do seu pai ser já romano (Solin e Salomies, 1994, p. 402). Os outros dois dedicantes têm nome e patronímico indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 38; Albertos Firmat, 1965, p. 131; Untermann, 1965, mapa 48, 74 e 78, p. 121, 170-171 e 177-178).
A forma como se identificam e a paleografia apontam para o século I.

N.º 119
Ach.: Em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com faixa e cordão.
Dimensões: 47 x 96 x 46
Campo epigráfico: 25,5 x 74

L(*ucius*) [GRAE]CINIVS . L(*ucii*) . LIB(*ertus*) / SEXTIO AN(*norum*) . XLI (*quadraginta unum*) H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*) / GRAECINIA . AVELEA . CONIV/GI ET SIBI F(*aciendum*) C(*uravit*)

Aqui jaz Lúcio Grecínio Sextio, liberto de Lúcio, de 41 anos. Que a terra te seja leve. Grecínia Avelea, mandou fazer para si e para o seu cônjuge.

Almeida, 1956, 87; *HAE*, 1133; *ILER*, 4638.

Variantes: l. 1: L G[RAE]CINIVS (*Egitânia*, *HAE*)
l. 2: SEXTII (*ILER*)

Linhas 1, 3 e 4 bem paginadas. A l. 2 com alinhamento com tendência para a direita. Pontuação circular. Letras capitais quadradas.

Mais um defunto da *gens Graecinia* (cf. n.os 29 e 74) e também liberto, o que significa que o seu gentilício será o do seu antigo patrono e indicia a existência de uma *gens Graecinia* em Idanha com grande capacidade económica. Este indivíduo identifica-se com os *tria nomina*, sendo o *cognomen* obtido de *praenomen* romano (Kajanto, 1965, p. 165). A esposa, cujo cognome *Avelea* denuncia a sua origem indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 227, 1977a, p. 35), tem o mesmo gentilício deixando supor tratar-se também ela de liberta, possibilidade que aumenta com a omissão da filiação.
A presença do formulário final leva-nos a datar a inscrição da segunda metade do século I.

N.º 120 – Est. XV, 28
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com um cordão.
Dimensões: 41 x 99 x 39
Campo epigráfico: 28 x 88

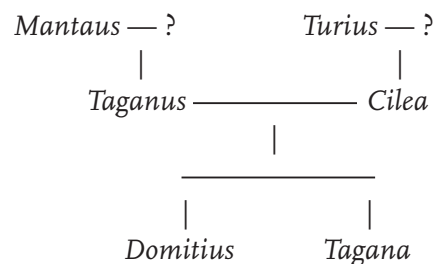
TAGANO . MANTAI (*filio*) / CILEAE TVRI(*i*) (*filiae*) TAGANAE TAGAN[I] (*filiae*) / $\overline{DO}$MITIVS PA$\overline{T}$RI $\overline{MAT}$RI SOROṚ[I]

A Tagano, de Mantao, a Cílea, de Túrio e a Tagana, de Tagano. Domício ao pai, à mãe e à irmã.

Lambrino, 1956, 40; Almeida, 1956, 127; *AE*, 1967, 176; *HAE*, 1166; *ILER*, 4857.

Variantes: l. 3: SORO$\overline{RI}$ (Lambrino)
l. 3: TAGANI (*ILER*)

Paginação mal feita, de tal modo que, na segunda e terceira linhas, houve necessidade de gravar em cima da moldura. Letras capitais quadradas.

Pode fazer-se o seguinte *stemma*:

O defunto e a sua filha chamam-se *Taganus* e *Tagana*, antropónimos indígenas (Palomar Lapesa, 1957, p. 100; Albertos Firmat, 1965, p. 125). O nome de um dos avós da família, *Mantaus*, tem raiz céltica (Lambrino, 1956, p. 62; Palomar Lapesa, 1957, p. 83; Albertos Firmat, 1965, p. 111, 1972b, p. 299, 1977a, p. 46). A esposa do defunto usa nome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 63; Albertos Firmat, 1965, p. 239) várias vezes documentado nesta região (cf. n.os 61, 77, 95); o seu patronímico é igualmente indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 132; Untermann, 1965, mapa 78, p. 177-178). Por fim, o dedicante, a testemunhar que ainda não domina as regras identificativas romanas, utiliza um *nomen* latino (*ILER*, p. 687) em lugar de cognome.
A onomástica, a forma de identificação e a paleografia indiciam o século I.

N.º 121
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com gola directa e ranhura exterior bastante acentuada.
Dimensões: 44 x 89 x 42
Campo epigráfico: 26,5 x 70

CALAETVS . BOVTI F(*ilius*) / AN(*norum*) . LXXX (*octoginta*) . H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*) / FLACCVS . CALAETI / PATRI . EX TESTAME$\overline{\text{NT}}$[O]

Aqui jaz Caleto, filho de Bócio, de 80 anos. Flaco, de Caleto, ao pai, por disposição testamentária. Que a terra te seja leve.

Lambrino, 1956, 15; Almeida, 1956, 46; *AE*, 1967, 154; *HAE*, 1097; *ILER*, 6244.

Variantes: l. 3: CALAE$\overline{\text{TI}}$ F (Lambrino)
l. 4: TESTAME$\overline{\text{NT}}$(*o*) (Almeida)

Belos caracteres capitais quadrados.

Calaetus, o nome do defunto é de uso corrente na Gália, na Grã-Bretanha e na Península, sob esta forma ou a de *Caletus* (Albertos Firmat, 1964, p. 234, 1966, p. 72, 1977a, p. 43; Untermann, 1965, mapa 25 p. 84). O seu pai, *Boutius*, tem um nome céltico muito comum na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 303-304). O filho já usa nome romano — *Flaccus*.
De realçar a idade avançada do defunto.
A presença da fórmula *sit tibi terra levis* permite datar a inscrição da segunda metade do século I.

N.º 122
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com cordão duplo e uma unha a separá-los.

Dimensões: 44 x 82 x 28
Campo epigráfico: 25 x 56

D(*iis*) . M(*anibus*) . S(*acrum*) / C̣ỌṚ[NEL]IVS TROPHIMVS / CỌ[RN]ELIAE CAL-LIỌP̣E VXORI / CỌ[RNEL]ỊṾṢ TRA̅N̅Q[VIL]LVS /[5] [...]IVS / [...]LI

Consagrado aos deuses Manes. Cornélio Trophimo à esposa, Cornélia Caliope. Cornélio Tranquilo...

Almeida, 1956, 111; *HAE*, 1152.

Variantes: l. 2: Q(*uintus*) P[OMP]EVS; l. 4: C[...]TRAIO[...]I[...]IVS; L. 6: [...]D (Almeida)
l. 2: Q(uintus); l. 3: POMPEIVS TROPHIMVS; l. 4: IIIAE CALLIOPE VXOR; l. 5: C[...]ITRAIO I[...]IVS; l. 6: [...] I[...]IVS; l. 7: [...]D (*HAE*)

O texto encosta à moldura, tendo por isso sido utilizado todo o campo epigráfico. Caracteres actuários.

Estão presentes elementos da *gens Cornelia*, assaz bem representada na Península (*ILER*, p. 682-684), o que provavelmente se explicará pelas antigas relações de clientela com algumas das prestigiosas figuras que o introduziram na Hispânia desde os primeiros momentos da conquista.
Quer o defunto quer a dedicante denunciam a sua origem de servidão pelos cognomes de origem grega e pela omissão da filiação.
Surge um terceiro indivíduo que ousaríamos identificar como filho. Há a transmissão correcta do *nomen*, apresentando já um *cognomen* de origem latina (Kajanto, 1965, p. 262).
A presença da consagração aos deuses Manes e a paleografia permitem datar o monumento do século II.

N.º 123
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito moldurado com um cordão antecedido de um filete. O campo epigráfico encontra-se bastante desgastado, o que torna a leitura difícil.
Dimensões: 44,5 x 91 x 37
Campo epigráfico: 31 x 77,5

F̣ḶẠC̣C̣Ọ ẠṂṂỊṆỊ F(*ilio*) / F̣ṾṢC̣ṾṢ [M]ẠṆỊ F(*ilius*) ET / PROCVLVS MATERNI F(*ilius*) / EX T̅E̅STAMEN̅T̅O F(*aciendum*) C(*uraverunt*)

A Flaco, filho de Amino. Fusco, filho de Mano e Próculo, filho de Materno, mandaram fazer por disposição testamentária.

Lambrino, 1956, 29; Almeida, 1956, 183; *AE*, 1967, 166; *HAE*, 1197; *ILER*, 3721.

Variantes: l. 2: FVSCVS AN F ET (Almeida)
l. 3: MATERN (*ILER*)

Paginação imperfeita, com tendência para alinhamento à direita. Caracteres capitais quadrados.

O defunto apresenta um antropónimo romano (Kajanto, 1965, p. 240) muito comum na Península.
Quanto aos dedicantes, ambos usam onomástica de origem latina (Solin e Salomies, 1994, p. 336, 385). O pai do primeiro dedicante, *Manus*, tem um nome indígena[2] que aparece em outras inscrições de Idanha (cf. n.os 43, 65) o que parece indiciar que a reconstrução está correcta; o pai do segundo dedicante, *Maternus*, tem nome de origem latina bastante frequente na Península[3], nomeadamente na população que se identifica ainda à maneira indígena.
Fica por esclarecer a relação, para além da legal, entre o defunto e os herdeiros.
A forma como se identificam indicia o século I.

N.º 124

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

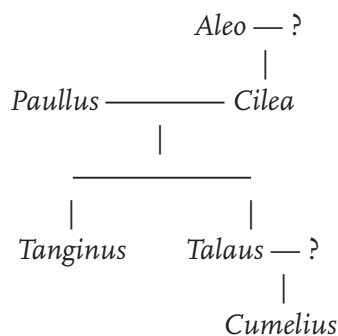
Estela de granito, de topo triangular, moldurada com um cordão duplo e decorada: tem em cima um crescente e duas rosáceas, de seis bicos, inscritas em dois círculos rebaixos e separados por duas linhas verticais. Está partida na parte inferior.
Dimensões: (101) x 40 x 22
Campo epigráfico: (49) x 29

TANGINO / PAVLI . F(*ilio*) / CVMELIO / TALAI . F(*ilio*) / CILEA . AL/EONIS . F(*ilia*) / MATER . FIL/IO . ET . NEP(*oti*) *vel* NEP/[OTI] [F(*aciendum*) C(*uravit*)]?

A Tangino, filho de Paulo e a Cumélio, filho de Talao. A mãe, Cílea, filha de Aleão, (mandou fazer)? ao filho e ao neto.

Almeida, 1956, 130; *HAE*, 1169; *ILER*, 4858; Albertos Firmat, 1977b, p. 190.

Paginação irregular. Pontuação correcta através de pontos circulares. Caracteres capitais quadrados.

É possível conhecerem-se quatro gerações de uma mesma família:

A dedicante, *Cilea*, identifica-se à maneira idígena, usando um antropónimo hispânico; o seu patronímico é também indígena e relacionar-se-á, provavelmente, com outros antropónimos já conhecidos, como *Aleoni*, *Aleonei* e *Aleonicus* (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 266); o seu marido já adoptou onomástica latina (Solin e Salomies, 1994, p. 376). Os seus filhos, *Tanginus* e *Talaus*, usam onomástica indígena, sendo o segundo bem menos vulgar (Albertos Firmat, 1965, p. 125, 1966, p. 217, 1972b, p. 312). O neto mantém onomástica indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 243; Curado, 1984a).
O crescente ligado ao culto dos mortos surge frequentemente nas epígrafes peninsulares (Abásolo, 1974, p. 170), tradicionalmente com as pontas para cima como este.
A onomástica e a paleografia permitem datar o monumento do século I.

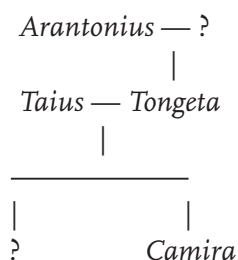
N.º 125
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia.

Estela de granito.
Dimensões: 86 x 46 x 21.

[...]ANVS / I . T . AI(*i*) F(*ilio*) AN(*norum*) / XXV (*quinque et viginti*) CAMI/RAII TAI(*i*) . F(*iliae*) . /[5] AN(*norum*) . XVI (*sedecim*) / TONGETA / ARANTON[I(*i*) / F(*ilia*)] MATER

A ..., filho de Taio, de 25 anos; a Camira, filha de Taio, de 16 anos. A mãe, Tongeta, filha de Arantónio.

Lambrino, 1956, 44; *AE*, 1967, 179; Albertos Firmat, 1977b, p. 189.

Na l. 2 o *I* será o final do nome do defunto que não ousámos reconstruir. A defunta tem antropónimo tipicamente lusitano (Untermann, 1965, mapa 27, p. 85). O pai de ambos usa também antropónimo indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 125).
A dedicante e mãe de ambos, identifica-se também de acordo com a primeira fase de identificação onomástica romana: nome e patronímico, ambos indígenas (Palomar Lapesa, 1957, p. 104; Albertos Firmat, 1965, p. 129; Untermann, 1965, mapa 76, p. 173).
Assim, pode fazer-se o seguinte *stemma*:

A presença da idade a marcar a dor da mãe pela perda precoce dos filhos.
A estrutura identificativa e a onomástica parecem indiciar um texto do século I.

N.º 126
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito truncado, sem vestígios de moldura.
Dimensões: (64) x 68 x 30.

RVFINVS (*hedera*) RVF̣Ị / F(*ilius*) (*hedera*) ANN(*orum*) (*hedera*) XXV (*viginti quinque*) (*hedera*) H(*ic*) . S(*itus*) . ES[T] / TV (*hedera*) QVI LEGIS (*hedera*) AVE / PERLEGISTI VALE

Aqui jaz Rufino, filho de Rufo, de 25 anos. Qua a terra te seja leve. Olá, tu que lês! Já leste, passa bem!

Lambrino, 1956, 38; Almeida, 1956, 117; *HAE*, 1158; Ferreira, 1996, 2.

Variantes: l. 1: RVFINVS RUFI[NI]; l. 2: E(*st*) S(*it*) [T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)] (*Egitânia*) Não concordamos com esta leitura, porque não nos parece haver espaço, a não ser que a inscrição tenha uma grande fractura do lado direito, o que não é provável.

Paginação descuidada. Letra capital actuária.

O defunto seria um indígena recém-romanizado, uma vez que, permanecendo o esquema identificativo indígena, verifica-se já a adopção de dois cognomes latinos (Kajanto, 1965, p. 409) frequentes nas áreas de onomástica pré-romana (*IRCP*, p. 548) e nomeadamente na região em estudo (cf. n.os 8, 38, 53, 58, 74, 75, 97, 98, 99, 117).
Repete-se aqui a saudação já encontrada no epitáfio de *Ceionius Rufini F(ilius)* (n.º 58), proveniente do mesmo local, o que poderá significar que terão sido feitas na mesma oficina. Curiosa é também a coincidência de idades no falecimento. E é possível falar também numa relação familiar entre ambos, dada a coincidência de nomes.
A ausência de invocação aos deuses Manes, a ausência de dedicante e a paleografia induzem-nos a datar a inscrição da primeira metade do século I.

N.º 127
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito moldurada, resultante do rebaixamento do campo epigráfico. Encontra-se partida na parte superior e bastante danificada na sua metade esquerda.
Dimensões: 35 x 120 x 17
Campo epigráfico: 21 x 106

[FIRM?]Ọ CAMALI F(*ilio*) . PATRI / [...]AE . MEDAMI F(*iliae*) MAT̅R̅I / [...] F̣ỊṚMI . F(*ilio*) . FRATRI / [...]O FIRMO . FIL(*io*)

Ao pai, Firmo, filho de Câmalo; à mãe, ..., filha de Medamo; ao irmão, ..., filho de Firmo; ... ao filho Firmo.

Almeida, 1956, 48; *HAE*, 1099; *ILER*, 4851.

Variantes: l. 4: FIL[IO] (Almeida)

O texto ocupa todo o campo epigráfico. Na l. 4 havia espaço para concluir a palavra *Filio*. Caracteres monumentais quadrados.

No início da l. 4 estaria, decerto, o nome do dedicante, sendo abusiva a proposta de qualquer reconstrução com base apenas na última letra, pelo que são ínfimas as hipóteses de acertar no nome.
Verifica-se que a estrutura identificativa pouco evoluiu ao longo de quatro gerações. Os anciãos da família, *Camalus* e *Medamus*, apresentam antropónimos indígenas comuns em território peninsular (Untermann, 1965, mapa 26 e 54, p. 85-86 e 133). O pai do dedicante, *Firmus*, tem já nome latino (Kajanto, 1965, p. 68, 258), assim como o seu filho que, de acordo com a reconstrução apresentada, recuperava o nome indígena do avô.
O texto e a onomástica apontam para o século I d.C.

N.º 128
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com cordão duplo, sendo o primeiro mais pequeno que o segundo.
Dimensões: 43 x 94 x 46
Campo epigráfico: 29 x 73

[. . .]ỊṆẠ CATTYGAE F(*ilia*) / AN(*norum*) LXXV(*quinque et septuaginta*) . H(*ic*) . S(*ita*) . E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*) / CẠMIRA TOṆGATI . F(*ilia*) / MATRI . F(*aciendum*) . C(*uravit*)

Aqui jaz . . . , filha de Catiga, de 75 anos. Que a terra te seja leve.
Camira, filha de Tongato, mandou fazer à mãe.

Almeida, 1956, 54; *HAE*, 1105; *ILER*, 3993; Albertos Firmat, 1977b, p. 189.

Variantes: l. 1: [...]NNA (Almeida, *HAE*)
l. 1: [...] NVA (*ILER*)
l. 1: ANNA (Albertos Firmat)

Paginação correcta. Pontuação circular. Caracteres actuários.

Dado o estado actual da inscrição não se consegue determinar o nome da defunta. Trata-se, no entanto, dada a restante onomástica, de uma autóctone. Estranho é ser identificada através da filiação materna, *Cattyga*, que indicia uma origem de servidão. A filha usa um antropónimo característico da região a sul do rio Douro (Untermann, 1965, mapa 27, p. 87) e que surge mais vezes nesta região (n.^{os} 4, 12, 61, 78, 125).
A presença da fórmula *sit tibi terra levis* data a inscrição da segunda metade do século I.

N.º 129

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Cipo de granito, com moldura de gola directa e ranhura exterior acentuada. Falta a metade esquerda.
Dimensões: 90 x (51) x 41
Campo epigráfico: 67 x (?)

[...] F(*ilio* ?) . RVFO / [...AVV]NCVLO / [...]EAE DAV/[...]AE MEAE / [...]E F(*iliae* ?) MATER / [...] . RVFINA / [...]I . F(*ilia* ?) . EX . TEST(*amento*) . F(*aciendum*) C(*uravit*)

A ... Rufo ...., tio-avô ... A mãe, ...Rufina, filha de ..., mandou fazer por disposição testamentária.

Caracteres capitais quadrados.

Alt. das letras: l. 1: 8; 2: 7,3; 4: 7,5 (T=8); 5: 7; 6: 7,3 (Ts=8). Espaços: 1: 2,2; 2: 1,5; 3: 2,7; 4: 1,5; 5, 6 e 7: 2; 8: 1,7.

Inédita?

O estado actual da inscrição não permite avançar qualquer interpretação. De referir apenas a presença de onomástica latina comum e a disposição testamentária que determinou a feitura do monumento.

N.º 130

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito. Está cortado na parte superior devido à reutilização. Não restam vestígios da moldura.
Dimensões: (44/32) x (89) x 27

FLA[VIO ...] / LVCRIO (*hedera?*) GEMELLỴṢ / CARVS (*hedera?*) LIBERTI . H(*eredes*) / EX . TESTAMENTO . F(*aciendum*) . C(*uraverunt*)

A Flávio . . . Os libertos Lucrião, Gémeo e Caro, herdeiros, mandaram fazer por disposição testamentária.

Almeida, 1956, 83; *HAE*, 1129; *ILER*, 5061.

Paginação imperfeita com tendência para alinhamento à direita. Quanto à pontuação é difícil confirmar a presença das *hederae* dada a degradação do texto. Letras monumentais quadradas.

O defunto seria um membro da *gens Flavia*. No entanto, é muito frágil esta sugestão até porque, em primeiro lugar, deveria, seguindo a regra identificativa romana, estar o *praenomen*. Certo é que os dedicantes eram seus escravos, provavelmente libertos em testamento, no mesmo onde se estabeleceu a disposição de lhe erguerem o monumento funerário. Os três libertos apresentam onomástica latina (Kajanto, 1965, p. 73, 134, 284-286).

N.º 131
Ach.: Servia de suporte à parede mestra de uma casa em ruínas contígua à muralha, sita na rua de S. Dâmaso, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco paralelepipédico de granito de grão médio. Apresenta o campo epigráfico ligeiramente rebaixado e envolvido por uma dupla moldura de gola encurtada, hoje totalmente danificada nas faces laterais e nas zonas superior direita e inferior esquerda.
Dimensões: 49 x 78 x 30
Campo epigráfico: 33 x (61)

[S]VLLA LVCRIO / [...] ỌROSVCELAEBVLỌ / [LA]ṆCIENSI OPPIDAN[O] / VXOR F(*aciendum*) C(*uravit*)

Sula Lucrião. Ao ... Orusucelébulo (?), lanciense opidano. A esposa mandou fazer.

Côrte-Real e Encarnação, 1990; *AE*, 1990, 508; *HEp* 4 1994, 1039, 5 1995, 988.

Variantes: l. 1: TVLLA (AE)

Paginação cuidada, segundo um eixo de simetria e sem pontuação. A altura das letras diminui gradualmente de cima para baixo, não só por se ter dado relevo à identificação do homenageado, como também porque o bloco se destinava a ser lido de um plano inferior. Os caracteres são de tipo monumental quadrado.

Sulla, cognome que I. Kajanto (1965, p. 106) considera de muito provável origem etrusca, regista-se noutra epígrafe de Idanha (n.º 137), mas a sua ocorrência é rara no território peninsular. *Lucrio* pertence, segundo I. Kajanto (1965, p. 73, 285), ao número dos cognomes comparativamente frequentes em meio servil e libertino, como aliás também se verifica na inscrição anterior.
Segundo José d'Encarnação e Artur Côrte-Real pode incluir-se o homenageado num meio servil, sendo o segundo nome um *agnomen* relacionado com a sua produtividade, "útil".
A ausência de pontuação dificulta a interpretação da l. 2, em cujo início faltará, decerto, uma consoante. Entre a identificação do homenageado e a menção da sua naturalidade, o mais plausível será ver, na palavra *orosucelaebulo,* uma função certamente mais de teor técnico-profissional que administrativo.
Não é singular a referência a lancienses opidanos na epigrafia de Idanha. Também não se estranha, dada a ocorrência de muitos exemplos, a forma de identificação da dedicante, que omite o seu nome e usa, abusivamente do ponto de vista jurídico, em meio servil, da palavra *uxor*, como se de esposa legítima se tratasse.
Pela paleografia o texto é do primeiro quartel do século I d.C.

N.º 132
Ach.: Encontrada a cerca de 50 m a Sul da capela de São Dâmaso, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito, cujos lados estão mutilados, principalmente o inferior direito, motivo pelo qual se desconhecem as últimas letras. O campo epigráfico é delimitado por uma moldura em forma de corda entroncada, apenas visível no lado esquerdo da placa.
Dimensões: 42 x 61,5 x 19
Campo epigráfico: 39 x 51,5

ACCAE CELE/RIS (*filiae*) . STATVLICI / VXORI / MATVRVS . ET (*hedera*) /[5] POMPEIẠ [F(*aciendum*)] Ç(*uraverunt*)

A Aca, de Céler, esposa de Estatúlico. Maturo e Pompeia, mandaram fazer.

Varela, 1982; *AE*, 1982, 478.

A lápide apresenta boa paginação com alinhamento à esquerda e à direita, em caixa. A l. 3, bem centrada, é colocada em relevo. São ainda visíveis vestígios de linhas auxiliares. Existe apenas pontuação na l. 4 através de um ponto triangular e de uma *hedera*. A letra é capital quadrada e está bem desenhada.

Esta epígrafe revela um cognome inédito na Península Ibérica — *Statulicus, ius*. Os outros são já conhecidos em inscrições de Idanha-a-Velha, não parecendo, no entanto, haver relação entre eles. De *Maturus* há vários exemplares na Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 420). *Pompeia* é geralmente gentilício latino, mas nada impede que, em ambiente indígena, haja sido adoptado como cognome; daí que José Varela (1982, p. 12) coloque a hipótese de, na l. 5, se reconstituir *Pompeiana*. Não nos parece que haja espaço para tal reconstituição.
A homenageada pertencerá a uma família indígena romanizada, de certo peso social. O marido, provavelmente falecido, é também importante, pois ao seu nome é dado certo relevo. *Acca* é um nome indígena já identificado no masculino (Albertos Firmat, 1966, p. 82), mas o patronímico *Celer* é latino. Os dedicantes seriam provavelmente filhos da defunta.
Pelo tipo de letra, pelos cognomes indígenas e pela simplicidade textual é um texto a situar-se no século I.

N.º 133
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito. Encontra-se partida no canto inferior esquerdo e superior direito.
Dimensões: 46 x 61 x 18
Campo epigráfico: 46 x 61

CELER ḄỌL/SI F(ilius) TECTOR / AN(*norum*) LXV (*sexaginta quinque*) H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*) /[CI]ḶEA AEBICI F(*ilia*) /5 [VX]ỌR F(*aciendum*) C(*uravit*)

Aqui jaz Céler, estucador, filho de Bolso, de 65 anos. A esposa, Cílea, filha de Ebico, mandou fazer. Que a terra te seja leve.

Almeida, 1956, 58; *HAE*, 1108; *ILER*, 4616; Albertos Firmat, 1977b, p.194.

Variantes: ls. 1/2: BOL[O]/SI; l. 5: VXOR (Todos os autores) Esta reconstrução não nos parece possível pois não há espaço suficiente para o *O*. Caso contrário, não faria sentido ter-se grafado o segundo *T* da fórmula *STTL* muito mais pequeno para que a fórmula coubesse na linha.

Paginação com tendência para alinhamento à direita. Caracteres capitais quadrados de boa gravação.

Celer é um antropónimo latino muito comum na Península e já registado em Idanha (cf. n.os 40, 111, 116, 132). O segundo nome corresponde à indicação da profissão — *tector* — “estucador, caiador”. O nome do pai surge aqui pela primeira vez, não sendo portanto possível determinar com exactidão o nominativo. A esposa, *Cilea*, usa um antropónimo indígena bastante comum na região de Idanha (cf. n.os 61, 77, 95, 120, 124). O seu pai tem também um antropónimo indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 214), *Aebicus*, que apenas se repete em Soure (*AE*, 1988, 691).
A presença da fórmula *sit tibi terra levis* data a inscrição da segunda metade do século I.

N.º 134
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com um cordão.
Dimensões: 41 x 75 x 42
Campo epigráfico: 25,8 x 55,5

D(*iis*) M(*anibus*) S(*acrum*) / VAL(*eriae*) . SEXTIAE AN(*norum*) [...] / Ḷ(*ucius*) Ç̣ẠẸLIVS MAṬṚỊ / PIENTISSỊMẠẸ /5 F(*aciendum*) C(*uravit*)

Consagrado aos deuses Manes. A Valéria Sexta , de . . . anos. Lúcio Célio mandou fazer à mãe, modelo de piedade.

Almeida, 1956, 142; *HAE*, 1180; *ILER*, 4016.

Paginação correcta. A superfície do campo epigráfico está bastante desgastada o que dificulta a leitura. Caracteres capitais quadrados.

A defunta é identificada, como é regra, com o gentilício e o cognome. O gentilício é muito comum na Hispânia; o cognome é latino e obtido de *praenomen* (Kajanto, 1965,

p. 41, 75, 174). O dedicante, seu filho, já pertence à *gens Caelia*, de que se conhecem outros membros na Hispânia e mesmo em Idanha (n.os 86, 87); não se compreende a ausência de cognomen, uma vez que o texto parece terminar aí, pelo que esta ausência é propositada. Estará relacionada com o facto de ambos omitirem o patronímico: será sua intenção esconder uma possível origem indígena ou até servil?
A presença da fórmula de consagração aos deuses Manes acrescida do uso de um superlativo, *pientissimae*, comum a partir do século II (Curchin, 1982, p. 182), a qualificar a defunta, sugerem que a inscrição seja da segunda metade do século II.

N.º 135
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de qualquer informação relativa às características do monumento.

AEMIL[I]A[E] . RVFINA[E] / L(*ucius*) . ANTIVS . AVITVS . SALMANTIC(*ensi*) ./ MAR(*itus*) . [ET] . H(*eres*) EX TE[STAMENTO] [F(*aciendum*) C(*uravit*)]?

A Emília Rufina. Lúcio Âncio Avito, Salmanticense, marido e herdeiro, (mandou fazer)? por disposição testamentária.

CIL II, 438; Almeida, 1956, 26; *ILER*, 5452.

Estamos perante dois personagens romanizados: não só pela identificação com os *tria nomina*, mas pela utilização de formulário legal romano. No entanto, na sua identificação há vestígios de indigenismo já que os cognomes, embora romanos, são típicos de ambiente indígena. A *gens Aemilia* é muito comum na Península (*ILER*, p. 653-654). Já da *gens Antia*, só se conhece outro elemento em Plasencia (*ILER*, 4674). Ainda em relação a este indivíduo há a realçar o facto de indicar a sua *origo*, revelando assim mais um imigrante em terras da Beira Interior.
As características textuais, nomeadamente a onomástica e a estrutura identificativa, apontam para uma inscrição de finais do século I.

N.º 136
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito. É provável que tenha tido moldura, no entanto, não restam vestígios.
Dimensões: (46) x (55) x 50

P(*ublio*) VALEṚIỌ / CELTI(*i*) (*hedera*) F(*ilio*) (*hedera*) $\overline{\text{QV}}$I[R(*ina tribu*)] / CLEMENTI / C(*aius*) VALERIVS /5 GAL(*eria tribu*) . CLV(*niensis*) *vel* CIV[...] / [...] [F(*aciendum*) C(*uravit*)]?

A Públio Valério Clemente, filho de Céltio, da tribo Quirina. Caio Valério, Cluniense, da tribo Galéria, ..., (mandou fazer)?.

Lambrino, 1956, 46; Almeida, 1956, 188; *AE*, 1967, 182; *HAE*, 1201; *ILER*, 5157.

Variantes: l. 1: VALERI[O] (Lambrino)
l. 5: CAICI [...] (*HAE*); CAICIV [...] (Lambrino)

Caracteres capitais quadrados de gravação nítida. Já a gravação das *hederae* não tem a mesma qualidade, estando quase imperceptíveis.

O defunto é identificado com os *tria nomina*, com referência à tribo, sendo portanto um cidadão de pleno direito, denunciando pela filiação uma muito rápida aculturação onomástica: o patronímico prova a sua ascendência indígena.
O dedicante, também cidadão, é da mesma *gens*, mas de outra tribo, uma vez que é, provavelmente, natural de Clúnia. Fica por esclarecer a sua relação com o defunto.
A cidadania do defunto, obtida provavelmente sob os Flávios, indicia tratar-se de um texto de finais do século I - inícios do II.

N.° 137 – Est. XV, 29
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito moldurado com cordão. Resta o lado direito.
Dimensões: 57 x (71) x 28
Campo epigráfico: 37 x (58)

[CA]TVRONI / [ME]DAMI . F(*ilio*) . PAESV(*ro*) / [A]N(*orum*) L (*quinquaginta*) SVLLA ARC̅I̅(*i*) F(*ilius*) / [EX T]EṢTAMENTO . F(*aciendum*) . C(*uravit*)

A Caturão, filho de Medamo, de 50 anos, pesuro.
Sula, filho de Árcio, mandou fazer por disposição testamentária.

Lambrino, 1956, 18; Almeida, 1956, 55; *AE*, 1967, 157; *HAE*, 1106; *ILER*, 3715a.

Variantes: l. 2/3: M[E]DAMI . F. PAESV/RI (Lambrino, *AE*). Esta leitura só é possível se à época em que foi feita, a inscrição ainda não estivesse partida, o que é provável, pois na publicação do *AE* a largura do monumento é de 114 cm.
l. 2: ... PAESV[RO] (Almeida). Esta leitura é impossível, uma vez que não há espaço.

Caracteres capitais quadrados, que diminuem de módulos de cima para baixo. Pontuação circular.

O defunto e seu pai, *Caturo* e *Medamus*, têm nomes hispânicos, sendo típicos representantes da área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapas 33 e 54, p. 96-97). O seu herdeiro, *Sulla*, é filho de *Arcius*, que usa um nome já nosso conhecido (n.° 107). Fica por esclarecer uma eventual relação familiar.
O interesse deste texto é o de oferecer um étnico raro — *Paesuro*. Conhece-se este povo graças a Plínio que lhes chama *Paesuri* e os situa no Norte da Lusitânia, perto do Douro.

Apesar de já conhecerem o formulário legal romano, em termos onomásticos ainda estão numa fase inicial de aculturação. O texto será do século I.

N.º 138
Ach.: Junto à ponte, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Aquando da publicação do livro *Egitania*, estava "quem vai de Idanha-a-Velha e atinge a ponte, encontra esta inscrição no primeiro corta mar". Parece, entretanto, ter-se perdido.

Bloco moldurado.
Dimensões: 45 x 90 x ?

DOVV[...]I ARAN/TONI [...] DVRII[...] / FVSCVS RIIP[...]A / IXIIII IN F(*aciendum*) C(*uravit*)

Almeida, 1956, 177; *HAE*, 1195.

Apesar do desgaste do monumento pode ler-se um nome indígena, *Arantonius*, e outro latino, *Fuscus*.

N.º 139
Ach.: No portado de um curral de porcos em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com um cordão largo e fragmentado do lado direito.
Dimensões: 47 x (93) x 38
Campo epigráfico: 29 x 85

GRAECINO CE[...] / ṬẠNG̣IṆṾṢ ET CIL[IVS ?] / G̣ṚẠẸÇỊṆỊ . LIB(*erti*) H(*eredes*) ẸX̣ Ṭ[EST(*amento*)] F(*aciendum*) [C(*uraverunt*)]

A Grecino . . ., Tangino e Cílio, libertos e herdeiros de Grecino, mandaram fazer por disposição testamentária.

Almeida, 1956, 86; *HAE*, 1132; *ILER*, 6310.

Variantes: l. 1: GRAECINI CI[...] (*HAE*); GRAECINO CI (Almeida. *ILER*)

As letras são capitais quadradas e a pontuação, a ter existido, já não é visível.

Propomos a reconstrução do nome *Cilius*, tendo em conta o espaço disponível e as letras iniciais visíveis, além de que este é um nome indígena bastante comum na Península e até na região em estudo (cf. n.os 3, 11, 33, 61, 62, 72, 77).
Mais dois antigos escravos que adquiriram a liberdade por disposição testamentária, disposição esta que também os obriga a erguer o monumento ao seu antigo senhor. Este usava nome de origem latina (Kajanto, 1965, p. 204).
O texto seria do século I.

N.º 140 – Est. XVI, 30
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, fracturado em toda a volta, com vestígios de moldura cuja tipologia não é possível determinar.
Dimensões: 42 x 117 x 34
Campo epigráfico: 29 x 102

CADỊẠ̄Ẹ̄ [.] TANGINI (*filiae*) . SELOCAE / MAE[LO ?] [...] [V]X̣ORI . / R[...] / MA[...] [...]I F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Cádia Seloca, filha de Tangino. Melão (?), ..., mandou fazer à esposa ...

Alt. das letras: l. 1: 5,5; l. 2: 5,3; l. 3: 5,2; l. 4: 5. Espaços: 1: 2,8; 2: 1,7; 3: 1,5; 4 e 5: 1.

Inédita?

Má paginação com tendência para alinhamento à esquerda. Apresenta uma leitura difícil devido à degradação do monumento. As letras são capitais quadradas. A pontuação, apenas visível nas linhas 1 e 2, é constituída por pontos triangulares.
Podia supor-se nas palavras que não se conseguem ler um adjectivo a valorizar a esposa e a identificação do marido.

Mais uma família de indígenas em que o pai tem um antropónimo pré-romano (Untermann, 1965, mapa 74, p. 170-171) já conhecido. A defunta apresenta já os *tria nomina*, não tendo rejeitado a sua origem indígena, pois o seu cognome, *Seloca*, que surge pela segunda vez (cf. n.º 101), é de origem celta (Albertos Firmat, 1965, p. 123).
Tendo em conta a estrutura identificativa e a onomástica ousaríamos datar a inscrição do século I.

N.º 141
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito moldurado com um cordão antecedido de uma faixa. Está partida na parte superior.
Dimensões: (28 x 58 x 40
Campo epigráfico: (17,5) x 40

[...] / ÇẠBVREINA MAE/L̄Ọ̄NIS F(*ilia*) FRẠTRI / EX̣ . TEṢTA(*mento*) . F(*aciendum*) C(*uravit*)

... Cabureina, filha de Melão, mandou fazer, por disposição testamentária, ao irmão.

Alt. das letras: l. 1: 4, 5; l. 2: 4, 7; l. 3: 4, 8. Espaços: 1 e 2: 1; 3: 0, 8; 4: 1.

Inédita?

Nas linhas visíveis a paginação, embora transgrida a regra de não cortar os nomes, pode considerar-se boa. Os caracteres são capitais quadrados de gravação nítida.

Na l. 1 estará a identificação do defunto. O seu pai tem um nome indígena já registado na zona (cf. n.os 19 e 26). Já a dedicante, *Cabureina*, apresenta nome indígena certamente aparentado com *Caburena* e *Caburia* (Albertos Firmat, 1966, p. 65). Verifica-se o conhecimento perfeito do formulário legal romano.
A paleografia e a onomástica sugerem o século I.

N.º 142
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Reutilizada no exterior da "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito, cortada do lado direito. Apesar de apenas restarem vestígios de moldura no canto superior direito, parece ter sido do tipo cordão.
Dimensões: (46) x (86) x 22.

C(*aio*) CANTIO MODES[TO] / C(*aius*) CANTIVS / MODESTINVS PAT[RI]

A Caio Câncio Modesto. Caio Câncio Modestino ao pai.

Mantas, 1988, p. 427; *HEp* 2, 1990, 772.

Paginação perfeita segundo um eixo de simetria. Caracteres capitais quadrados.

Trata-se certamente de um texto funerário, se não do epitáfio, certamente de uma homenagem póstuma.
A inscrição revela dois indivíduos que se identificam com os *tria nomina*, tendo provavelmente já ascendido à categoria de cidadãos. Ambos usam o mesmo *praenomen*, o segundo mais comum na Hispânia (Cf. Abascal Palazón, 1994, p. 28). Pertencem à *gens Cantia* e parecem ser, de acordo com o estudo de Juan Manuel Abascal Palazón (1994, p. 107), os únicos representantes desta *gens* na região em estudo.
C. Cantius Modestinus é já conhecido pelo seu evergetismo manifestado na construção de templos (Mantas, 1988, p. 428).
A estrutura identificativa e a onomástica datam o monumento de finais do século I.

N.º 143
Ach.: Na muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Cipo de granito. Foi cortada no bordo direito e no superior.
Dimensões: 120 x 51 x 40

SILO TAN[GIVS *vel* GVS] / SILONIS F(*ilio*) /AVITA TACI*(i)* F(*ilia*) / MATER / F(*aciendum*) C(*uravit*)

Silão Tângio, filho de Silão. A mãe, Avita, filha de Tácio, mandou fazer.

Almeida, 1956, 125; *HAE*, 1164; *ILER*, 4333.

Letras capitais quadradas.

Trata-se da memória de um indivíduo que é identificado com dois nomes. O segundo deles é sugerido com base no espaço e na existência do nome, no genitivo, *Tangi*, na povoação de Ninho do Açor (*AE*, 1936, 5). No entanto, conhece-se também *Tanusi* na povoação de Matança (*AE*, 1967, 179), pelo que o mesmo argumento seria válido. Optámos pela primeira possibilidade dada a maior frequência da raiz *Tang*: é, no entanto, uma mera sugestão.
A mãe usa um antropónimo latino (Untermann, 1965, mapa 14, p. 65-66) bem documentado na região (cf. n.os 14, 16, 41, 73, 76, 83, 86) e o seu patronímico, *Tacius*, é indígena[4].
A paleografia assim como a simplicidade textual permitem datar o monumento do século I.

N.º 144
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Cipo de granito fragmentado no canto inferior esquerdo e no lado direito. Não há vestígios de moldura a delimitar o campo epigráfico.
Dimensões: (62) x 41 x 37.

TANGI̅N̅[O] / FLAVINỊ (*filius*) / ẠRANTON̅I̅VS / [T]VRANI (*filius*) D(*e*) S(*uo*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Tangino, de Flavino. Arantónio, de Turano, mandou fazer a expensas suas.

Almeida, 1956, 128; *HAE*, 1167.

Variantes: l. 1: TANCI̅N̅[O]; l. 2: FLAVINI [F(*ilio*)] ; l. 3: [A]RANTON̅I̅VS (Almeida)
l. 1: TANCIN; l. 3: ARANTONIS (*HAE*)

Paginação imperfeita: o espaço interlinear entre as linhas 2 e 3 é grande em relação aos restantes. Caracteres capitais quadrados com influências actuárias, de tamanho irregular, dando à inscrição um aspecto tosco.

O defunto identifica-se com um antropónimo característico da regiõ entre o Douro e o Tejo (Untermann, 1965, mapa 74, p. 170-171); sendo o patronímico já latino (Solin e Salomies, 1994, p. 333).
O dedicante usa um antropónimo que parece ser característico desta região (cf. n.os 9, 19, 26, 41, 57, 118, 125, 138), também o seu patronímico é indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 131, 1966 p. 237, 1977a, p. 50). Este indivíduo deveria ter capacidade económica pois faz questão de referir que mandou fazer o monumento a expensas suas.
O uso da expressão *de suo faciendum curavit* determina algum grau de romanização, sendo provável que o monumento seja da segunda metade do século I.

N.º 145
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Estela de granito, de topo arredondado. Partida ao longo do bordo esquerdo. Um rebaixo em forma de semicírculo delimita superiormente o campo epigráfico.
Dimensões: 74 x 41 x 28
Campo epigráfico: 57 x 41

LVATRO / FRON̅T̅O/[N]IS F(*ilio*) CLVN(*iensi*) / [R]EBVRRVS / [F]ṚATER / 5 F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Luatro, filho de Frontão, de Clúnia. Reburro, seu irmão, mandou fazer.

Almeida, 1956, 138; *ILER*, 4699.

Paginação com tendência para alinhamento à esquerda. Letras actuárias.

Inscrição com texto igual à n.º 110, apenas difere no primeiro nome: ou são irmãos ou, por qualquer motivo, eventualmente um erro no nome do defunto, houve necessidade de fazer uma segunda inscrição.
A forma como se identificam permite datar a inscrição do século I.

N.º 146 – Est. XVI, 31
Ach.: Na Capela de São Dâmaso, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Fragmento de placa de mármore, moldurada com gola directa decorada com folhas de palma estilizadas.
Dimensões: (22) x 19 x 4,5
Campo epigráfico: 17,5 x (19)

[FLAC?]C̣ILLAE . FV[. . .] / [. . . I]G̣AEDITAN[. . .] / [. . .] [AN(*norum*) . . . ?]XXIII (*viginti trium*) . CI[. . .] / [CAMI?]RẠ[...] LI . F(*il...*) . Ṃ[. . .] /5 [. . .] ẸX̣ [TEST(*amento*) F(*aciendum*) C(*uravit*) ?]

Alt. Das letras: l. 1 e 2: 2,7; l. 3 e 4: 2,5; l. 5: 2,6.Espaços: 1: 0,6; 2, 3 e 4: 0,5; 5: 0,2; 6:?.

Inédita?

Caracteres capitais quadrados com influências actuárias, de gravação nítida. Pontuação triangular. Vestígios de linhas auxiliares.

Perante o estado actual do monumento apenas é possível verificar a apreensão do formulário legal romano através da provável fórmula final.
A reconstrução, na l. 1, do nome *Flaccilla* parece o mais provável tendo em conta as letras terminais e a frequência do nome na região (cf. n.os 89, 101, 111). Na l. 4 a

hipótese de se tratar do nome Camira é ínfima, no entanto, consideramos hipótese a não rejeitar.
O texto destaca-se pela referência à *origo*: um igeditano (cf. n.os 172, 179) que assim se identifica na sua própria terra.
O material do monumento deixa antever que o defunto seria alguém de destaque económico e financeiro.

N.º 147

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito. Não restam vestígios de moldura.
Dimensões: 37 x 77 x 33

Ḷ(*ucius*) COCCEIVS / ITẠLICVS . ITA[L(*icensi*) ?] / PATRI . COCCEI[O] / [...] ?

Lúcio Coceio Itálico, de Itálica (?) ao pai, Coceio...

Lambrino, 1956, 25; Almeida, 1956, 69; *AE*, 1967, 162; *HAE*, 1118; *ILER*, 5346.

Caracteres capitais quadrados, de gravação profunda, cujos módulos vão diminundo. Pontuação triangular.

O dedicante é, provavelmente, um indivíduo que adquiriu a cidadania romana à época de Nerva devido ao gentilício *Cocceius*. O cognome é latino (Kajanto, 1965, p. 180) e deixa antever a sua *origo* que parece ser posteriormente repetida. O monumento é dedicado ao pai, de cuja identificação conhecemos apenas o *nomen*. Não é comum o nome do dedicante surgir em primeiro lugar, e destacado, uma vez que as letras são bastante maiores na l. 1 e aqui não parece ser com o objectivo de se ler melhor pela colocação do monumento em local elevado, mas parece haver uma nítida intenção de destacar o dedicante.
A presença do gentilício *Cocceius* aponta para a primeira metade do século II.

N.º 148

Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito sem vestígios de moldura.
Dimensões: (41) x 59 x 57.

C(*aio*) . CVRIO / C(*aii*) . F(*ilio*) . Q(*uirina tribu*) CLEMEN/TINO / C(*aius*) . VALERIVS . RV[FVS] / [...]

A Caio Cúrio Clementino, filho de Caio, da tribo Quirina. Caio Valério Rufo...

Almeida, 1956, 75; *HAE*, 1123; *ILER*, 5125.

Belos caracteres monumentais quadrados.

Esta inscrição revela-nos dois indivíduos, o primeiro dos quais cidadão romano, cidadania recentemente adquirida, daí a sua menção. O seu *cognomen*, *Clementinus*, etimologicamente "gentil, meigo", é latino (Kajanto, 1965, p. 263). Este cidadão pertence à *gens Curia*, que se regista várias vezes na Península (*ILER* p. 685) e no território em estudo (cf. n.os 49, 60, 94). A completar a identificação à maneira romana, o patronímico.
O dedicante é representante da *gens Valeria* (*ILER*, p. 761-762) e tem um cognome latino (Kajanto, 1965, p. 65, 121, 134, 229) bastante comum na Península e quase exclusivo de indígenas. De qualquer forma o gentilício *Valerius* é geralmente usado por famílias de grande relevância social nas províncias romanas e, por outro lado, os *Valerii* são dos grupos onomásticos mais frequentes na Hispânia e no Império (Crespo Ortiz de Zárate, 1999, p. 89).
Fica por esclarecer a relação entre estes dois indivíduos, embora possamos arriscar algumas considerações nesse sentido. Tratar-se-ia, quiçá, de uma mera relação de amizade, o que não nos parece, dada a frieza do epitáfio, ou, mais provavelmente, de uma relação institucional, talvez de patrono e cliente. A solução estará, com certeza, nas linhas perdidas.
A tribo Quirina, geralmente associada a Vespasiano, data a inscrição da segunda metade do século I.

N.º 149
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado: cordão antecedido de um filete. Partido do lado direito.
Dimensões: 45 x 74 (?) x 40
Campo epigráfico: 25 x 64 (?)

FLACCO . RVFI . [F(*ilius*)] . / PLAC̣ỊḌṾṢ . C̣ẠP̣ỊṬON[IS F](*ilius*) / AMICO

A Flaco, filho de Rufo. Plácido, filho de capitão, ao amigo.

Alt. das letras: l.1: 5, 5; l. 2: 5, 5 (T= 6, 3; I= 6, 3); l. 3: 4. Espaços: 1: 2; 2: 4; 3: 3; 4: 4.

Inédita?

Paginação com alinhamento com tendência para a esquerda. Caracteres capitais quadrados.

O estado degradado da inscrição dificulta imenso a leitura, no entanto é possível identificar os quatro personagens constantes.
Mais um defunto de nome *Flaccus* (cf. n.os 25, 52, 121, 123) com um patronímico também de origem latina (cf. n.º 148).
O dedicante, um "amigo", tem nome e patronímico de origem latina (Untermann, 1965, mapa 29, p. 89; Kajanto, 1965, p. 18, 118-120, 235, 262).

Quanto à relação que unia estes dois indivíduos não seria a amizade, mas a palavra *amico* deve ser utilizada no sentido de cliente (cf. n.º 17).
A simplicidade textual aponta para o século I.

N.º 150
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito de topo arredondado, moldurada com cordão. Partida na parte inferior.
Dimensões: (68) x 47 x 17
Campo epigráfico: (60) x 36

L(*ucio*) COVTIO / NARSI . F(*ilio*) / CAENA$\overline{\text{NI}}$/CVS . ET . / 5 ICATL/[...] [F(*aciendum*) C(*uraverunt*))] ?

A Lúcio Coutio, filho de Narso. Cenanico e ...(mandaram fazer?)

Almeida, 1956, 73; *HAE*, 1122; *ILER*, 5124.

Variantes: l. 3: CAENAN[I]; l. 5: [...]CATE (?) (Almeida)
l. 5: [...]CATL (*HAE*)

Má paginação. Pontuação circular colocada a meia altura. Letras actuárias.

O defunto identifica-se com o *praenomen Lucius* e o *nomen* latino (Solin e Salomies, 1994, p. 62) *Coutius*, aliás do qual só se conhecem quatro exemplos na Península (*ILER*, 283, 2733, 4376, 5124). Parece verificar-se a ausência de *cognomen*, provavelmente por não se conhecerem ainda correctamente as regras de identificação romana. Supõem-se dois dedicantes, sendo um deles *Caenanicus*, nome indígena (Untermann, 1965, p. 79).
O monumento seria do século I.

N.º 151
Ach.: Na muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito. Parece corresponder ao campo epigráfico, não restando vestígios da moldura.
Dimensões: 37,5 x 56 x 45

L(*ucio*) . MARCIO / TANGINI . F(*ilio*) / MATERNO / DEC(*urioni*) . ALAE I (*primae*) / [SINGVLAR(*ium*) . C(*ivium*) . R(*omanorum*) ?]

A Lúcio Márcio Materno, filho de Tangino, decurião da ala primeira dos cidadãos romanos.

Almeida, 1956, 22; *HAE*, 1078; *ILER*, 6394; Le Roux, 1982, p. 225, n.º 188; Mantas, 1988, p. 424; González Herrero, 1997, p. 78-79.

Paginação com tendência de alinhamento à direita. Pontuação circular. Capitais quadradas.

O texto interessa de modo particular pelas funções que o defunto ocupou. Em 68/69 a *ala I Singularium* estava na Germânia. O título da *ala* com a menção *c. r.* é aqui honorífico e também posterior à na época Júlio-claudiana. O soldado falecido, filho de Tangino, seria, muito provavelmente, pela filiação — patronímico indígena (Untermann, 1965, mapa 74, p. 170-171) — originário de Idanha. Ele deve o seu gentilício ao seu prefeito, que já se conhece (cf. n.º 115).
Verifica-se que numa geração se passou à utilização exclusiva de elementos da onomástica romana.
Em relação à datação desta inscrição, remetemos para a análise da inscrição n.º 115. Esta é seguramente posterior à outra, sendo provavelmente de finais do século I.

N.º 152 – Est. XVII, 32
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito com moldura resultante do rebaixamento do campo epigráfico.
Dimensões: 100 x 37 x 32
Campo epigráfico: 46 x 25

[D(*iis*) M(*anibus*)] S(*acrum*) / TAPOR/A . LEVRI (*filia*) / LANTV/5TRA CAT/VRONIS (*filia*)

Consagrado aos deuses Manes. Tapora, de Leuro. Lantutra, filha de Caturão.

Lambrino, 1956, 43; Almeida, 1956, 131; *HAE*, 1170; *AE*, 1967, 180; *ILER*, 6091.

Variantes: l. 4 - 5: IANTV/TRA (Lambrino); LANTVRA (*AE*, *ILER*)

Não foi respeitada a regra da integridade dos nomes. Pontuação circular. Caracteres capitais actuários.

Mais duas indígenas que se identificam apenas com um nome e o patronímico.
Tapora apresenta o patronímico *Leurus*, que é nome indígena, também conhecido no nominativo *Leurius* (Palomar Lapesa, 1957, p. 77; Albertos Firmat, 1964, p. 251).
Lantutra é um antropónimo do qual se conhece, até ao momento, apenas este exemplo. O pai, *Caturo*, tem um nome bem atestado em várias regiões da Hispânia, sendo um representante típico da área luso-galaica (Palomar Lapesa, 1957, p. 62; Albertos Firmat, 1964, p. 226, 228, 1966, p. 81; Untermann, 1965, mapa 33, p. 96-97).
Entre as defuntas, e porque têm um epitáfio em comum, existiria uma relação, provavelmente de parentesco, mas difícil de determinar uma vez que o pai não é o mesmo, o que não exclui a hipótese de serem irmãs. Não obstante, podemos também colocar

a hipótese de a segunda personagem ser a dedicante, o que não resolve o problema relativo à identificação do tipo de relação entre elas.
A invocação dos deuses Manes aliada à paleografia, induz-nos a datar o epitáfio do século II.

N.º 153
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de granito sem vestígios de moldura.
Dimensões: 43 x 59 x 46.

M(*arco*) (*hedera*) IVNIO / SERE$\overline{\text{NI}}$ F(*ilio*) GAL(*eria tribu*) / CRASSO / M(*arcus*) (*hedera*) IVNIVS / [...] [F(*aciendum*) C(*uravit*)] ?

A Marco Júnio Crasso, filho de Sereno, da tribo Galéria. Marco Júnio ..., (mandou fazer)?.

Almeida, 1956, 95; *HAE*, 1140; *ILER*, 5126.

Belos caracteres capitais quadrados. As *hederae* estão quase imperceptíveis.

Na última linha teria, provavelmente, o cognome do dedicante e, quiçá, o grau de parentesco: provavelmente irmão, pai ou filho dado o facto de ter o mesmo *praenomen* e gentilício.
A inscrição dá a conhecer mais um cidadão romano, este inscrito na tribo Galeria. Esta é a mais frequente das registadas na Península antes da época flaviana (Cagnat, 1914^{4}, p. 78; *ILER*, p. 698) e a sua inscrição nesta tribo significa que não era de Idanha, mas quiçá um cluniense, uma vez que há outros indivíduos em Idanha (cf. n.^{os} 82, 110, 136, 145, 156, 210) com essa procedência e a tribo onde se encontram inscritos é a Galéria. A sua *gens Iunia* está bem documentada na Península (*ILER*, p. 708-709), mas nesta região apenas se conhece outro exemplo em Idanha (cf. n.º 204). O seu cognome *Crassus* é latino (Kajanto, 1965, p. 244), também o patronímico *Serenus* tem essa origem (Kajanto, 1965, p. 261).
A menção da tribo e a paleografia apontam para o século I.

N.º 154
Ach.: Encontrado à saída do Aqueduto, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de placa de granito. Não restam vestígios da moldura.
Dimensões: (28,5) x (58) x 23

M(*arco*) IVLIO P(*ublii*) F(*ilio*) / QVIR(*ina tribu*) . AVITO / IVLIA . SEVERA / [F(*aciendum*) C(*uravit*)]?

A Marco Júlio Avito, filho de Públio, da tribo Quirina. Júlia Severa (mandou fazer)?

Almeida, 1956, 91; *HAE*, 1137; *ILER*, 5156 = 6461.

Belos caracteres capitais quadrados de gravação nítida. A pontuação é circular.

Na última linha pode ainda supor-se a indicação da relação: *marito*, “ao marido”, ou *uxor*, “a esposa”.
O defunto é cidadão romano da tribo Quirina. À onomástica, latina, acresce a perfeita identificação à maneira romana, no defunto: *praenomen* seguido de *nomen*, patronímico (através de *praenomen*) e *cognomen*. A dedicante, possivelmente esposa, identifica-se com *nomen* e *cognomen*.
A menção da tribo permite datar o texto da segunda metade do século I.

N.º 155
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Perdida.

Não se dispõe de qualquer descrição do monumento.

[...] / RVFI . F(*ilia vel us*) . IPPA . ET . AVIVS . RVF[I] . [F(*ilii*)...] / [...]TO . RVFI [F(*ilio*)] . TRI[...]

..., filho(a) de Rufo. Ippa e Ávio, filhos de Rufo a ..., filho de Rufo, ...

CIL II, 449; Almeida, 1956, 118; *ILER*, 6506.

A leitura é discutível. A ser correcta, *Ippa* é o único exemplo conhecido deste nome (Palomar Lapesa, 1957, p. 74).
Sem mais informações não ousamos apresentar uma proposta de datação.

N.º 156
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Estela de granito, de topo triangular, moldurada com uma ranhura ao longo de toda a estela. Em cima tem uma meia lua com duas estrelas de seis bicos inscritos em dois círculos rebaixos. De ambos os lados apresenta decoração geométrica.
Dimensões: 187 x 43 x 13

ATERNVS A[...]/CAE . F(*ilius*) . CLVN(*niensi*) / AN(*norum*) . XX (*viginti*) . H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) . S(*it*) . [T(*ibi*)] . T(*erra*) . L(*evis*)

Aqui jaz Aterno, filho de ..., cluniense, de 20 anos. Que a terra te seja leve.

Vasconcelos, 1913, p. 409, n. 2, fig. 179; Lambrino, 1956, 9; Almeida, 1956, 34; *HAE*, 1086; *ILER*, 5297.

Variantes: l. 1: [P *vel* M]ATERNVS (Lambrino) Não concordamos pois não há qualquer vestígios da gravação da letra, não sendo no local o desgaste suficiente para a ter apagado.

O defunto é originário de Clúnia, como muitos dos seus companheiros que se estabeleceram em Idanha. Chamar-se-ia *Aternus*, antropónimo latino raro na Península (Kajanto, 1965, p. 188). Não se consegue determinar o nome relativo à filiação, mas parece tratar-se de um feminino. Assim, no patronímico surgiria a mãe e não o pai: seria filho ilegítimo? A presença da fórmula final *sit tibi terra levis*, em siglas, leva-nos a datar a inscrição da segunda metade do século I - inícios do II.

N.° 157
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito, sem vestígios da moldura.
Dimensões: (41) x (68) x 34
Campo epigráfico: 35 x 68

[...] CO[...]I F(*ilius, a*) AV[...] / [...] COCCEIO . ITA[LICO *vel* LIC(*ensi*)?] [F]/LACCO FRATR[I] / [...]

....ao irmão Coceio Flaco, de Itálica ...

Lambrino, 1956, 24; Almeida, 1956, 185; *HAE*, 1199; *ILER*, 5348.

Variantes: ls. 1, 2 e 3[...CO]CC[E]I F AVI[TVS] / L(*ucius*) COCCEIO ITA[LIC(*ensi*)?] / FLACCO FRATRI (Lambrino e *HAE*) Na l. 1 pode admitir-se *Coccei* se existir algum nexo, doutro modo não há espaço; em relação a *Avitus*, embora possível, é demasiado forçado.

Epitáfio de um cidadão romano que deve ter obtido o direito de cidadania sob o imperador Nerva, dado o seu gentilício. Poder-se-á tratar do mesmo *L. Cocceius Italicus* (n.° 147) que dedica um monumento a seu pai. Aqui poderá ser ele o defunto e o seu irmão o dedicante. O estado actual da inscrição não permite mais considerações.

N.° 158
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito, truncado, com vestígios de uma faixa a delimitar o campo epigráfico.
Dimensões: (43) x (83) x 40
Campo epigráfico: (36) x (73)

[A]RCONI (*hedera*) [...] / HOSPI$\overline{\text{TI}}$ (hedera) AI[...] [CA]/BVRO$\overline{\text{NI}}$S (*hedera*) A[...] / [...] . EX (*hedera*) T[ESTAMENTO] *vel* (*estamento*) [F(*aciendum*) C(*uravit vel uraverunt*)] ?

Almeida, 1956, 30; *HAE*, 1084.

Belos caracteres capitais actuários. A pontuação através de *hederae* dá uma grande beleza ao conjunto.

O primeiro nome não levanta dúvidas, tratar-se-ia de *Arco*. Nas ls 2/3 estará, muito provavelmente o genitivo do antropónimo *Caburo*, registado em Robledillo de Trujillo (*AE*, 1993, 134). O dativo *hospiti* parece revelar um caso de hospitalidade, de relação de clientelismo (cf. *IRCP*, 98 e 106).
A onomástica sugere a primeira metade do século I. Mas a presença das *hederae* pode indiciar um texto de finais do século ou até do II, uma vez que estas só aparecem na segunda metade do século I e não se difundirá o seu uso até ao século seguinte (López Barja, 1993, p. 36).

N.º 159
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Estela de granito, partida superior e inferiormente, moldurada com uma ranhura que acompanha verticalmente os lados da estela e, muito provavelmente, o topo. Está decorada com um crescente imediatamente anterior ao texto.
Dimensões: (60) x 43 x 13.
Campo epigráfico: (60) x 36.

BRV$\overline{\text{TTI}}$VS / SEGO$\overline{\text{NTI}}$VS / $\overline{\text{ME}}$L$\overline{\text{MA}}\overline{\text{NI}}$ F(*ilius*) / [. . .]

Brutio Segontio, filho de Melmano.

Alt. das letras: l. 1: 5 (TTI = 6,5); l. 2: 5 (NTI = 7,5); l. 3: 5 (NI = 7,5). Espaços: 1:?; 2: 2,5; 3:2,5; 4:2,5; 5:6?.

Inédita?

Paginação imperfeita com tendência para alinhamento à esquerda. Letras actuárias.

É o primeiro indivíduo, identificado na região, pertencente à *gens Bruttia*, pouco representada na Península[5] (*ILER*, 264, 2141, 3308, 5015, 5142, 5266) e de que só se conhece outro membro em território actualmente português (*CIL* II, 5178 = *ILER*, 2141) e com a grafia *Brutius*. O seu cognome indígena é comum na Península (Albertos Firmat, 1965, p. 122). O pai usa nome indígena pouco comum (Albertos Firmat, 1966, p. 155).
A ausência de *praenomen* parece aqui ter mais a ver com o desconhecimento das regras identificativas romanas que com a supressão do mesmo, o que dataria a inscrição de época tardia, sendo que ela nos sugere o século I.

N.º 160
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito sem quaisquer vestígios de moldura.
Dimensões: 44 x 66 x 37.

[...] / [...] CLARA N[...] [...] / [...] PAVLLINAE F(*iliae, o*) [...] / [ARANT]ONI(*i*) F(*iliae, o*) MẠṬṚỊ

Almeida, 1956, 65; *HAE*, 1114; *ILER*, 3967.

Variantes: ls. 2-4: [...] CLARA N[AEVI ? F(*ilia*) ...] / PAVLINAE / [ET ... ARANT]ONI (Almeida)

Letras capitais quadradas de gravação nítida.

O estado actual da inscrição permite apenas identificar três (?) personagens. Uma seria *Clara*, que usava nome de origem latina (Solin e Salomies, 1994, p. 314), outra *Paullina*, com nome também de origem latina (Kajanto, 1965, p. 244). Por fim, *Arantonius* por demais conhecido na região.

N.º 161
Ach.: Encontrada no alicerce da parede da cavalariça do Sr. João dos Reis, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito sem quaisquer vestígios da moldura.
Dimensões: (48) x (57) x 42.

L(*ucio*) . IVLIO . L(*ucii*) . F(*ilio*) / Q(*uirina tribu*) . MODESTINO / L(*ucius*) . IVLIVS . [. . .] / [F(*aciendum*) C(*uravit*)]?

A Lúcio Júlio Modestino, filho de Lúcio, da tribo Quirina. Lúcio Júlio ... (mandou fazer)?

Almeida, 1956, 90; *HAE*, 1136; *ILER*, 5155.

Pontuação circular colocada a meia altura das letras. Caracteres capitais quadrados de gravação nítida.

O defunto que se identifica com os *tria nomina*, pertencia à *gens Iulia*, cuja difusão foi extraordinária. O seu *cognomen* é latino (Solin e Salomies, 1994, p. 364) e comum na Península. A forma de identificação é perfeita: *tria nomina*, filiação através do *praenomen* do pai e tribo.
Do dedicante, provavelmente pai ou filho, não se conhece o *cognomen* que estaria, com certeza, na l. 3 após o *nomen*.

A menção da tribo, indiciando que adquiriu a cidadania com os Flávios, permite datar a inscrição da segunda metade do século I ou inícios do II.

N.º 162
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Cipo de granito, moldurado com cordão duplo. Falta-lhe a parte superior.
Dimensões: (58) x 44 x 27
Campo epigráfico: 38,5 x 26

[...]/TI LIBER/TO IVLIA / IVLI F(*ilia*) / VXOṚ/ F̣(*aciendum*) C(*uravit*)

A . . . , liberto de . . . . A esposa Júlia, filha de Júlio, mandou fazer.

Almeida, 1956, 89; *HAE*, 1135; *ILER*, 4617.

Má paginação. Não parece que tenham sido usadas quaisquer linhas auxiliares, dado o aspecto rude do monumento. Caracteres actuários com influências cursivas.

Na primeira linha estaria com certeza o nome do defunto e do seu patrono, do qual só se conhece a terminação, muito pouco para avançar qualquer hipótese de reconstrução. Fica apenas a conhecer-se o estatuto de liberto do defunto.
A esposa que se identifica com nome e patronímico latinos, seria a dedicante. Verifica-se aqui, mais uma vez, a utilização de um *nomen* como nome único, denunciando alguma confusão na adopção da onomástica latina.
A ausência da fórmula *sit tibi terra levis* e a estrutura identificativa apontam para o século I.

N.º 163 – Est. XVIII, 33
Ach.: Encontrada próxima da ponte de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 82.62).

Placa de granito com moldura de gola directa. Falta-lhe o lado direito.
Dimensões: 41 x 46,5 x 14,5
Campo epigráfico: 29 x 39

G(*aio*) . VIBIO . T[...] / PA$\overline{\text{TR}}$I . FADI[A?] [..] / G(*aius*) . VIBIVS . E[...] [F(*aciendum*) C(*uravit vel uraverunt*)]?

A Gaio Víbio ... Fadia (?) ...Gaio Víbio ... (mandou ou mandaram fazer)? ao pai.

Garcia, 1984, p. 183-184.

Tendo em conta o que resta do monumento a paginação parece perfeita. Os caracteres são capitais quadrados de gravação nítida. Pontuação circular.

Parece verificar-se a homenagem de um filho e de uma filha ao pai. *Fadia* parece ser o único nome latino que se pode admitir, embora bastante raro, e tê-lo-ia adquirido, quiçá, do marido. Nenhum dos três cognomes se conservou.
A *gens Vibia*, embora rara no território, é bastante comum no império. Conhece-se um procônsul no Norte de África, *A. Vibius Habitus*, e um oficial superior do exército romano, *C. Vibius C. f. vel. Publilianus*, que serviu na Macedónia e na Germânia durante os reinados de Cláudio e Nero (Pflaum, 1978, p. 89, 128). Além disso, os *Vibii* em Itália estão representados entre as mais destacadas famílias das élites locais, alguns com direito a lugar marcado no anfiteatro e que contam com uma flamínica entre os seus, *Vibia Modesta*, filha de *C. Vibius Libo* (Dias, 1989, p. 334).
Tendo em conta a estrutura identificativa e a onomástica latina, deveria ser monumento de finais do século I.

N.º 164

Ach.: No leito da ponte de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não dispomos de quaisquer descrições do monumento.

[...]/A . RAC . IAF[...]IV/B . IIII A IV [...] IIII / F(*aciendum*) C(*uravit*)

Almeida, 1956, 163; *HAE*, 1188.

A insuficiência de dados descritivos leva-nos a atribuir a esta peça apenas um valor estatístico.

N.º 165

Ach.: Dentro da muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não dispomos de quaisquer descrições do monumento.

[...] SILA . SILI . AN(*norum*) XI (*undecim*) / LIB(*erta*) $\overline{\text{ET}}$ SIBI F(*aciendum*) C(*uravit*)

... Sila, liberta de Silo, de 11 anos, mandou fazer para... e para si.

Almeida, 1956, 123; *HAE*, 1162.

A inscrição deve estar incompleta, pois não é natural uma liberta de 11 anos mandar erigir um sepulcro para alguém e para si. E por outro lado, sendo a criança a mandar fazer, também para si, como se justifica a indicação da idade?
Sila é um nome latino comum na região, o do seu antigo dono é também latino (Solin e Salomies, 1994, p. 403), ou ainda podemos admitir tratar-se do *nomen Silius*, aqui usado como *cognomen*.

N.º 166
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito, moldurado: uma faixa antecedida de um cordão. Resta apenas o canto superior esquerdo.
Dimensões: (31) x (57) x 27
Campo epigráfico: (22) x (48)

FVSCO . BOLBI(*i*) [F(*ilio*)] / PROCVLAE . FVS[CI] / [F(*ilia*)?...] . [...] / [...]

A Fusco, filho de Bólbio e a Prócula, filha de Fusco . . .

Alt. das letras: l.1: 4,5; l.2: 3,8; l.3: 4,5; l. 4: ?. Espaços: 1: 1,7; 2: 1,8; 3: 1,2; 4: 4 (?).

Inédita?

Caracteres capitais quadrados: a l. 1 destaca-se pois os módulos são bastante maiores. Pontuação triangular.

O defunto, apesar de indígena, apresenta um nome de origem latina (Kajanto, 1965, p. 64-65, 134, 228). Quanto ao patronímico a hipótese de *Bolbius* não é definitiva, uma vez que só se conhece outro exemplo deste nome, em Bensafrim (*HAE*, 482), ambos em genitivo.
A simplicidade textual data o monumento do século I.

N.º 167
Ach.: Estava no muro de vedação das águas da Ribeira de Pônsul, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de qualquer descrição do monumento.

REBVRRVS RVFINI F(*ilius*) / [...] / [...] / [...] MATRI F(*aciendum*) C(*uravit*)

Reburro, filho de Rufino, mandou fazer à mãe, ...

Almeida, 1956, 114; *HAE*, 1155.

Mais um indivíduo de nome *Reburrus* em Idanha (cf. n.os 78, 95, 99, 110, 145). Este é filho de *Rufinus*, personagem que já usa cognome latino. Nas linhas que não se lêem estaria, com certeza, além de outras informações, o nome da mãe, a quem dedica o monumento.
Pela forma identificativa, ousaríamos, sem outros elementos, datar este monumento do século I.

N.º 168
Ach.: Estava dentro da muralha de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Junior, Castelo Branco (n.º inv. 10.96).

Bloco de granito moldurado com cordão. O campo epigráfico encontra-se quase todo deteriorado.
Dimensões: 47 x 96 x 30
Campo epigráfico: 32 x 79

CAELIAE ACCI F(*ilia*) / MATRI (?) [...] LIB(*ertae*) (?) / [...] F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Célia, filha de Aco ..., ... mandou fazer à mãe.

Almeida, 1956, 42; *HAE*, 1093; Garcia, 1984, p. 107, n.º 30; Mantas, 1985, p. 229.

Variantes: l. 1, 2, 3 e 4: CAELIAE [FL]ACC[I / LIB(*ertae*)] / MATRI [...] LIB(*ertae*) / [...] F(*aciendum*) C(*uravit*) (Almeida)
l. 1: CAELIAE [FL]ACC[I] (*HAE*)

O que resta do texto não permite avaliar da qualidade da paginação.
Caracteres capitais quadrados.

Quer a leitura de *matri* quer de *lib* nos parece pouco segura.
O patronímico de *Caelia* é raro tanto na forma *Accus* (Albertos Firmat, 1966, p. 82), como na *Accius* (Albertos Firmat, 1964, p. 214, 1966, p. 5).

N.º 169
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito de cor clara, sem vestígios de moldura. O texto está danificado na parte direita.
Dimensões: (40) x (85) x 57.

RVFINỌ[...] / ḌVTIẠ [...] / [...] ẸX Ṭ[ES]Ṭ[AM]ẸNTO F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Rufino . . . . Dúcia ... mandou fazer por disposição testamentária.

Lambrino, 1956, 37; Almeida, 1956, 190; *HAE*, 1203; *ILER*, 3724.

Variantes: l. 3: EX TESTAME ... (*HAE*, *ILER*)

Letras capitais quadradas.

Na l.1 o que não se lê será, provavelmente, a filiação do defunto. A dedicante seria *Dutia*, que tem nome indígena (cf. n.º 117). No espaço seguinte é possível que estivesse explícita a relação desta com o defunto.
Paleograficamente é um monumento do século I.

N.º 170 – Est. XVIII, 34
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito, moldurado com faixa e cordão. A superfície do monumento está muito desgastada, encontrando-se o texto praticamente todo danificado: restam apenas a l. 1, uma letra na l. 3 e duas na l. 4.
Dimensões: 40 x 100 x 33
Campo epigráfico: 27,5 x 86,5

TANGINVS CAPITO$\overline{\text{NI}}$S F(*ilius*) / [...]I / [...] / [...] ẸX̣ [T(*estamento*)] [F(*aciendum*) C(*uravit*)]?

. . . Tangino, filho de Capitão . . .(mandou fazer)? por disposição testamentária.

Alt. das letras: l.1:5,5(T=6,5; NI=6,5); l.2: ?; l.3:?. Espaços: 1:1, 5; 2:1, 8; 3:?; 4:?.

Inédita?

Caracteres capitais quadrados.

Este texto dá a conhecer mais um indígena de nome *Tanginus*. O seu patronímico é cognome latino muito frequente (Kajanto, 1965, p. 235).
A estar correcta a leitura, na l. 4, de *ex* é quase certo que iniciaria a fórmula *ex testamento*, sendo por isso provável que a l. 2 identificasse o dedicante que quis expressamente dar a conhecer que tinha erguido o monumento por disposição testamentária.
A onomástica e a estrutura identificativa indiciam um texto do século I.

N.º 171 – Est. XIX, 35
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de topo arredondado, de granito, fragmentada inferiormente e do lado esquerdo. O campo epigráfico está delimitado com uma ranhura.
Dimensões: (56) x (41) x 18
Campo epigráfico: (40) x (37)

[A?]NIVS / [C]ELTI . F(*ilius*) / [T]ẠPORVS / [... C]AREO / [...]Ṣ / [...] ?

Ânio (?), filho de Céltio, Taporo ...

Lambrino, 1956, 20; Almeida, 1956, 59; *HAE*, 1109; Ferreira, 2000, 7.

Má paginação. Pontuação triangular. Caracteres actuários.

Provavelmente, nas linhas em que a leitura é impossível, devido à fragmentação do monumento na sua parte inferior, estaria o dedicante e a fórmula final *Hic Situs Est Sit Tibi Terra Levis*.
O defunto identifica-se com um nome único, que parece ser *Anius* tendo em conta o espaço, onde deverá caber apenas uma letra como nas linhas posteriores, e o étnico *Taporus*: mais um taporo a viver em Idanha (cf. n.os 28, 152). *Anius* é uma forma indígena, pese embora a sua semelhança com outras formas latinas (Palomar Lapesa, 1957, p. 35; Albertos Firmat, 1964, p. 221, 1966, p. 27).
Apesar das limitações provocadas pelo facto de o texto estar incompleto, ousaríamos, dada a ausência da invocação aos deuses Manes, a própria simplicidade textual e a paleografia datar o epitáfio do século I.

N.° 172
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de qualquer descrição do monumento.

[...] / [...] / C(*aius*) . CVRIVS . C(*aii*) . F(*ilius*) IGEDITAN(*us*) . H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*)

Aqui jaz ...Caio Cúrio, Igeditano, filho de Caio.

CIL II, 61; Almeida, 1956, 74.

Hübner considera-a falsa por faltar a letra *A* depois do *G*. Mas pode ser erro de gravação, o que não seria estranho na região.

N.° 173 – Est. XX, 36
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco
Par.: Na “catedral” de Idanha-a-Velha.

Fragmento de placa de granito moldurada com cordão.
Dimensões: (35) x 39 x 16
Campo epigráfico: (35) x 33

[...] / MADV/RI . FI̅L̅IAE / ṢṾAE . /5 [...]

...de Maduro, à sua filha.

Inédita?

Caracteres capitais quadrados com influências cursivas, gravados profundamente. Pontuação circular.

Pode colocar-se a hipótese de *Madurus* ser o patronímico da defunta, que estaria identificada na l. 1; na última linha estaria a identificação do dedicante, certamente um dos

pais, ou a fórmula *Hic Sita Est*. De qualquer forma há a ressaltar a expressão *Filiae Suae* por extenso, como que a chamar a atenção para a dor profunda do dedicante.

N.º 174
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito partida na parte superior e fragmentada lateralmente. Campo epigráfico rebaixado donde resulta uma moldura delimitada lateralmente com uma ranhura.
Dimensões: (66) x (43) x 25
Campo epigráfico: (48) x (25)

[CAMA]LVS [PI]/SIRI F(*ilius*) / AN(*norum*) XV (*quindecim*) / H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) . /5 S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)

Aqui jaz Câmalo, filho de Pisiro, de 15 anos. Que a terra te seja leve.

Almeida, 1956, 50; *HAE*, 1101; *ILER*, 2696.

Letras actuárias. Pontuação circular.

A reconstrução do primeiro nome parece fiável dada a frequência com que aparece na região (cf. n.os 11, 46, 55, 56, 127) e o espaço disponível. Já no que diz respeito ao antropónimo hispânico *Pisirus* (Albertos Firmat, 1965, p. 118, 1972a, p. 305) ele surge apenas numa epígrafe proveniente de Castelo Branco (n.º 2), no entanto as letras visíveis parecem não deixar dúvidas na reconstrução.
A presença da fórmula final *sit tibi terra levis* aponta para a segunda metade do século I ou inícios do II.

N.º 175 –Est. XX, 37
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Cipo de granito com vestígios da moldura que parece ter sido simples: resultante do rebaixamento do campo epigráfico que se encontra bastante desgastado.
Dimensões: 110 x 49 x 42
Campo epigráfico: 96 x 49

D(*iis*) . M(*anibus*) . S(*acrum*) / L(*ucius*) . [...]ORI[...] / SP(*urii*) . F(*ilius*) [...] / [...] /5 [...]O / [...]O / Ḥ(*ic*) S(*itus*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Lúcio ..., filho de Espúrio. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: l. 1: 9,5; l. 2: 7,5; l. 3: 5,5; l. 4: 4; l. 5 e 6: 5; l. 7: 6. Espaços: 1: 5; 2: 2,5; 3 e 4: 2; 5: 1,5; 6: 1; 7: 1,5; 8: 40,5.

Inédita?

Letras actuárias. Pontuação circular.

Deste epitáfio pouco se pode desvendar, a não ser que o defunto se identifica com os *tria nomina*, dos quais só se conhece o *praenomen Lucius*, e que seria filho de *Spurius*, indiciando ser o pai filho ilegítimo.
A presença da consagração aos deuses Manes permite datar o epitáfio dos inícios do século II, datação confirmada paleograficamente.

N.º 176
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito. O registo inferior está ornado com um ramo estilizado. Encontra-se partida na parte superior e inferior. Campo epigráfico rebaixado. Lateralmente duas ranhuras verticais acompanham o monumento.
Dimensões: 115 x 57 x 26
Campo epigráfico: 29 x 57

[...] / DOC/QVIRI . / CVN/TIRI . /5 F(*ilius*) . H(*ic*) . S(*ita, us*?) . E(*st*) .

Aqui jaz ...., de Doquiro, filho de Cuntiro.

Lambrino, 1956, 28; Almeida, 1956, 79; *HAE*, 1126; *ILER*, 2423.

Variantes: l. 1-2 [...] CILEA / DOC[...] (Todos os autores. Scarlat Lambrino afirma mesmo que "Embora, só esteja a parte inferior das letras a leitura *Cilea* é assegurada", no entanto, na actualidade nada se consegue ler.
l. 5: TICI (*ILER*)

Letras capitais quadradas.

O nome do pai, *Docquirus*, aparece outras vezes na região (cf. n.os 12, 21, 69, 98, 99). O nome do avô, *Cuntirus*, de origem celta (Albertos Firmat, 1964, p. 243), aparece aqui pela primeira vez e, uma vez que surge aqui em genitivo, não é possível determinar com certeza o nominativo, sendo portanto possível tratar-se de *Cuntirius*.
Quanto à datação ousaríamos, dada a previsível simplicidade textual, a onomástica e a paleografia, apontar para o século I.

N.º 177

Ach.: No muro do rio Pônsul, na margem direita a montante da ponte, em Idanha-a--Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito com moldura em cordão. Resta apenas a metade esquerda.
Dimensões: 44 x (48) x 31.
Campo epigráfico: 30 x 35,5.

TONGỊ(*i*) [...] / AN(*norum*) XVI (*sedecim*) . [...]/BRIGENSI[...]

De Tôngio ..., de 16 anos, ...

Almeida, 1956, 135; *HAE*, 1174.

Caracteres capitais quadrados.

O defunto usa um nome indígena já conhecido (cf. n.os 26, 33, 73, 90, 107, 109). Na primeira linha estaria ainda, muito provavelmente, o patronímico do defunto. De referir ainda que o nome do defunto surge em genitivo, denunciando um indígena recentemente romanizado.
É indicada a *origo* do defunto. No entanto, é difícil determinar qual seria exactamente: *Mirobrigensis*? *Conimbrigensis*, à semelhança de outro indivíduo residente em Idanha (n.º 111)? *Turubrigensis*?
Pelas características textuais e paleográficas é monumento dos começos do século I.

N.º 178

Ach.: Num muro da margem do ribeirinho, perto do Chão do Freixo, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de placa de granito. Parece ser a parte do meio da inscrição.
Dimensões: 37 x 37 x 22

[...] ? ATTIA / [...]VRANIẠ/ FRONT[...] / [...] ?

Almeida, 1956, 165; *HAE*, 1190.

Variantes: l. 3: IRON[...] (Almeida, *HAE*).

Caracteres capitais quadrados de gravação nítida.

A não existir nada antes de *Attia*, seria possível ler-se apenas o nome *Urania*. *Attia* é um gentilício documentado na Península (*ILER*, p. 664; Mantas, 1982, p. 25-26). Este é um dos nomes que María de Lourdes Albertos Firmat (1977b, p. 196) diz ter recoberto um indígena, o que por vezes cria problemas na classificação a atribuir.

Se for possível aceitar o nome *Urania* teríamos a presença de uma mulher com um nome de origem grega (Solin, 1982, p. 393).
Pode ainda colocar-se a hipótese de uma terceira personagem eventualmente com o nome *Fronto*.

N.º 179
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco de granito. Parece corresponder ao campo epigráfico.
Dimensões: (38) x (53) x 60.

DECIA VE/TVSTA IGAE(*ditana*)?/ vel [DITANA] [...]?

Décia Vetusta, Igeditana, ...

Almeida, 1956, 77; *HAE*, 1124; *ILER*, 5322.

Variantes: l. 2: NVSTA IGAE (*HAE*, *ILER*)

Letras capitais quadradas muito elegantes. A metade inferior do monumento está muito desgastada, pelo que não é possível determinar se houve gravação.

Epitáfio extremamente simples de uma mulher da *gens Decia*, documentada raramente na Península (*ILER*, 1793, 1808, 1888, 1890, 1897), e cujo cognome, *Vetusta*, é latino (Kajanto, 1965, p. 302).
Interessante é apresentar a origem igeditana, facto não inédito (cf. n.os 146 e 172 (?)).
A onomástica sugere o século I.

N.º 180
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de qualquer descrição do monumento.

D(*iis*) [M(*anibus*) S(*acrum*)] / VERM[...] / FORT[VNA] / MAR[ITO PIIS]/SIMO [F(*aci-endum*) C(*uravit*)]

Consagrado aos deuses Manes. A Verm..., Fortuna mandou fazer ao marido, modelo de piedade.

Almeida, 1956, 146; *HAE*, 1184; *ILER*, 4560.

Variantes: l. 2: VERM[INO *vel* INIVS] (Todas as publicações)
l. 3: FORT[VNIA] (Todas as publicações) Não encontramos fundamento para esta reconstrução, pois este nome nem sequer se encontra registado. Preferimos *Fortuna*, uma vez que este já se encontra documentado na Península.

Pela consagração aos deuses Manes e pela presença do superlativo na homenagem ao defunto, o epitáfio será da segunda metade do século II.

N.º 181 – Est. XXI, 38
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito danificado na sua metade direita. Não restam vestígios da moldura.
Dimensões: 40 x 57 x 57

M(*arco vel us*) . IV[LIO *vel* VS] / RVFI [F(*ilius*) ...] / P R[...] / [...] . M[...] RVFIN[A *vel* VS] / [F(*aciendum*) C(*uravit*)]

Inédita?

Pontuação circular. Caracteres capitais quadrados. Os módulos das linhas 1 e 3 são maiores, provavelmente com o intuito de as destacar.

A reconstrução do gentilício levanta a dúvida de se tratar de *Iunius* ou *Iulius*, optámos pelo segundo, por mera estatística. Depois da filiação, na l. 2, estaria com certeza o cognome do defunto.

N.º 182
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento rectangular de bloco de granito.
Dimensões: 27,5 x 96,5 x 46.

[...] MATER NEPO[*S*] / HEREDES / [...] ?

... mãe, neto, os herdeiros.

Almeida, 1956, 171; *HAE*, 1192.

Letras capitais quadradas de gravação profunda.

Deve ser um fragmento de um grande monumento funerário. Seriam estes os dedicantes? A palavra *heredes* destaca-se: a mãe e o neto seriam os herdeiros?

N.º 183
Ach.: Na Rua Nova, Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Placa de granito da qual resta apenas o canto superior direito. Teria tido moldura, no entanto foi completamente destruída.

Dimensões: (31) x (59,5) x 26
Campo epigráfico: (21) x (49)

[...] [LVB]AENI · F(*ilius*?) PATRI AT/[...] · SORORI / [...] ?

...filho de Lubeno (?), ao pai... e à irmã...

Almeida, 1956, 164; *HAE*, 1189.

Variantes: l. 1: [...C]AENI (Almeida) Pensamos que o autor pretenderia referir-se ao nome *Caeno*, cujo genitivo é *Caenonis*, não se conhecendo o nome *Caenus*, esse sim com o genitivo em *Caeni*.
l. 1: ...ENI (*HAE*)

Pontuação circular. Na l. 1 há vestígios de linhas auxiliares. Letras actuárias.

Coloca-se a hipótese da presença do nome *Lubaenus*, já documentado na região, no feminino, *Lubana* (n.º 67). É discutível, mas parece-nos uma hipótese razoável.

N.º 184
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Não se dispõe de qualquer descrição do monumento.

[...]M[...] / I[...] / [...] / PAFPAD / H(*ic*) S(*itus* ?) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

CIL II, 452; Almeida, 1956, 169.

É possível apenas verificar que se trata de uma inscrição funerária pelo fomulário final.

N.º 185
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito de grão grosseiro. Realça-se a rusticidade da pedra na face interior do bloco que corresponderia à zona que se encontrava enterrada. Tem dois orifícios laterais, assimétricos, o da esquerda de forma circular e o da direita rectangular. Está fragmentada no canto superior direito.
Dimensões: 130 x 44 x 30
Campo epigráfico: 84 x 44

QVA[D]/RATV[S] / CVRI(*i*) . F(*ilius*) / H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*)

Aqui jaz Quadrado, filho de Cúrio.

Côrte-Real, 1990; *HEp* 2 1990, 1040; *AE*, 1990, 509.

Apresenta uma paginação pouco cuidada, não se verificando preocupação por parte do *ordinator* de distribuir o texto com grande simetria. Letras do tipo monumental quadrado. A forma final distribui-se de forma espaçada, abrangendo toda a largura do campo epigráfico. Pontuação circular.

A antroponímia identifica indígenas que já adoptaram onomástica latina (Kajanto, 1965, p. 65, 232), no entanto ainda não conhecem bem a função dos nomes, pois como patronímico é usado um gentilício.
A paleografia, a utilização do nominativo e a ausência da fórmula *DMS* apontam para a primeira metade do século I d.C.

N.º 186
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Estela de granito partida na parte inferior e na lateral direita. Não restam vestígios de moldura ou decoração.
Dimensões: (35) x (19) x 21

ARA$\overline{\text{NT}}$[ONIVS] / DOQ(*uiri*) . F(*ilius*) / $\overline{\text{AN}}$(*norum*) [...] H(*ic*) S(*itus*) E(*st*)

Aqui jaz Arantónio, filho de Doquiro, de ... anos de idade.

Alt. das letras: l. 1: 5,5; l.2: 4,5; l.3 e 4: 4,3 (?). Espaços: 1: 2,5; 2 e 3: 2,6; 4: 2, 8; 5: 8.

Inédita (?)

Caracteres actuários com influências cursivas, o que dá ao monumento um aspecto rude.

A superfície está muito desgastada o que dificulta a leitura, no entanto parece certo que o defunto é identificado à maneira indígena e com onomástica indígena.
A simplicidade textual e a onomástica apontam para a primeira metade do século I.

N.º 187
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Metade esquerda de um bloco de granito, moldurado com cordão duplo.
Dimensões: 44 x (32) x 38.
Campo epigráfico: 24,5 x (21,5)

PENTI[O *vel* IVS] / LIB(*erto vel us*) . C[...] / PA$\overline{\text{NI}}$(*i*) . L[IB(*ertus* ?)]

Almeida, 1956, 109; *HAE*, 1150.

Variantes: l. 1: PENT[OVIVS ...] (Almeida e *HAE*). Não podemos aceitar esta reconstrução pois com o espaço que ainda existe após o *T* ver-se-ia a barriga do *O*, e o que se vê parece ser a metade superior de um *I*.

Letras capitais quadradas de gravação nítida. Pontuação circular.

O antropónimo proposto, *Pentius*, está documentado na Península (Albertos Firmat, 1966, p. 180). Já o segundo nome não está documentado, mas lê-se claramente este genitivo, pelo que se deve tratar do gentilício romano *Panius* (Solin e Salomies, 1994, p. 137) aqui usado como nome único.

N.º 188
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Pequena placa de barro cozido. Tem um orifício na parte superior. Devia ter pertencido a um columbário.
Dimensões: 22 x 16 x 7,5.

[...]S . FLAVI[O]? / NVTRO / MIL[...] / [...] I[...] / [...]

Almeida, 1956, 84.

Parece tratar-se de um elemento da *gens Flavia* que se identifica com os *tria nomina*. O seu cognome, *Nutro*, é indígena (Albertos Firmat, 1965, p. 116). Pode supor-se o *praenomen* na primeira linha por extenso.

N.º 189
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Grande bloco de granito, partido em duas partes e incompleto.
Dimensões: I = 29 x 66 x 58 II = 58 x 66 x 58

SEVERA // MATER / F(*aciendum*) C(*uravit*)

Severa...A mãe mandou fazer.

Almeida, 1956, 122; *HAE*, 1161.

Caracteres capitais quadrados de gravação profunda. Deve ter sido um grande monumento funerário.

Resta apenas a identificação de uma pessoa, cujo nome latino é já conhecido na região (cf. n.os 76, 154), mas que não se pode determinar se é dedicante ou defunta.

N.º 190
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Desconhecido.

Fragmento de um bloco com moldura.
Dimensões: 40 x 33 x 30

[A]VITO / CAMPANI . F(*ilio*) / [...] ?

A Avito, filho de Campano...

Lambrino, 1956, 10; Almeida, 1956, 184; *AE*, 1967, 149 ?; *HAE*, 1198; *ILER*, 2199.

Belos caracteres monumentais quadrados.

Mais um defunto de nome *Avitus*, com um patronímico, *Campanus*, também latino (Kajanto, 1965, p. 190).
A paleografia e a estrutura identificativa levam-nos a considerar o monumento da primeira metade do século I.

N.º 191 – Est. XXI, 39
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito com moldura do tipo gola directa com ranhura exterior.
Dimensões: 45,5 x 83 x 42.
Campo epigráfico: 28,5 x 66,5.

FLACO [...] / C̣ỊḶẸẠ[...] / [...] ?

Alt. das letras: l. 1: 6; l. 2: 5,5; l. 3: 3,5 (?). Espaços: 1: 1,5; 2: 1; 3: 5; 4: 5 (?).

Inédita?

O campo epigráfico está bastante desgastado, pelo que a leitura é bastante difícil. Os caracteres parecem capitais quadrados.

O estado actual do monumento só permite identificar dois indivíduos: *Flacus*, o provável defunto, e *Cilea*, a provável dedicante. O primeiro usa antropónimo latino (Solin e Salomies, 1994, p. 332). A segunda tem nome indígena que surge várias vezes na zona em estudo (cf. n.os 61, 77, 95, 120, 124, 133).

N.º 192
Ach.: No pátio da casa da Sr.ª Emília Franco Frazão, em Idanha-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Canto inferior direito de um bloco funerário de granito com moldura de gola directa com ranhura exterior.
Dimensões: (20) x (67) x 40
Campo epigráfico: (14,5) x (58)

[...ARAN]TONI F(*ilius*) VXORI

..., filho de Arantónio, à esposa.

Almeida, 1956, 175; *HAE*, 1194.

Caracteres capitais quadrados.

Nada mais se pode adiantar, além da referência a mais um *Arantonius* de Idanha.

N.º 193
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento inferior de bloco de granito, sem vestígios da moldura.
Dimensões: (33) x (58) x 42

[...] FRONTO . PATR[I] [...] ?

... Frontão ao pai. (?)

Lambrino, 1956, 31; Almeida, 1956, 187; *HAE*, 1200.

Variantes: FRONO . PATER (*HAE*)

Caracteres capitais quadrados. Pontuação circular.

Mais uma epígrafe cujo interesse é meramente estatístico, pois há a registar, uma vez mais, o nome *Fronto, onis*, de origem latina (Kajanto, 1965, p. 118, 236).

N.º 194
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Canto superior direito de bloco funerário de granito. Foi moldurado, no entanto não é possível actualmente determinar o tipo.
Dimensões: (20) x (61) x 46.

[. . .] / ALLVCQVI F(*ilius, a*?) [. . .] / [. . .]

Lambrino, 1956, 8; Almeida, 1956, 181; *AE*, 1967, 150; *HAE*, 1196.

Caracteres capitais quadrados.

Allucquius é um nome bastante atestado na Península e com diversas grafias (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 33, 268). Esta grafia já está registada noutro epitáfio (n.º 31).

N.º 195
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de um bloco funerário de granito, moldurado. Resta o canto inferior esquerdo.
Dimensões: 39 x 41 x 27,5.

[...] CI[...] / M[...] / RI[...] / EX . T(*estamento*)

Lambrino, 1956, 51; Almeida, 1956, 182.

A tipologia do monumento e a fómula final indiciam tratar-se de um monumento funerário, no entanto dado o estado actual do mesmo nada é possível avançar sobre o seu conteúdo e possível datação.

N.º 196
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de bloco funerário de granito.
Dimensões: (44) x (42) x 58.

[...] / [NEP]TIS . EORVM [...]

Lambrino, 1956, 52; Almeida, 1956, 174; *HAE*, 1193.

Caracteres capitais quadrados com as terminações requintadas.

N.º 197 – Est. XXII, 40
Ach.: Na muralha do lado Sul, em Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Metade direita de uma placa de granito. Teve moldura, no entanto, não é possível determinar o seu tipo.
Dimensões: 40 x (22) x 23
Campo epigráfico: 31 x (15,5)

VAL[ERIVS *vel* ERIA ? ...] / [...]NI . F(*ilius vel ilia*) . [...] / H(*ic*) . S(*itus vel ita*) . [E(*st*)]

Aqui jaz Valério(a) (?) . . . filho(a) de . . .

Alt. das letras: l.1:7; l.2:6,8; l.3:6. Espaços: 1:5; 2:4,5; 3:4; 4:6.

Inédita?

Pontuação triangular. Caracteres capitais quadrados terminados com requinte.

Parece registar-se o gentilício *Valerius*. Uma vez que não se refere *praenomen* pode colocar-se a hipótese de o defunto ser uma mulher.

N.º 198
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de palca de granito.
Dimensões: (17) x (37) x 19

ṾCC Ị PVBḶ

Alt. das letras: l. 1: 6,5. Espaços: 1: 6; 2: 5.

Inédita?

Apenas a tipologia indicia tratar-se de uma inscrição funerária. Os caracteres são actuários.

N.º 199
Ach.: Aplicada do lado direito da porta principal da "Catedral" de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No local do achado.

Canto superior esquerdo de bloco funerário de granito, moldurado com cordão.
Dimensões: (53) x (44) x ?
Campo epigráfico: (43) x (32)

IVLIA [...]

Almeida, 1956, 94.

A peça está extremamente degradada, especialmente a superfície relativa ao campo epigráfico. Mais uma vez tem apenas interesse estatístico: regista-se mais um elemento da *gens Iulia*.

N.º 200
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de placa de granito.
Dimensões: 21 x 37 x 15.

[...] / [...]S (*hedera*) D(*e*) (*hedera*) S(*uo*) (*hedera*) D(*edit*) (*hedera*) / [...]I

Almeida, 1956, 171.

Caracteres capitais quadrados.

N.º 201
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Canto superior direito de placa funerária de granito moldurada com faixa dupla.
Dimensões: (27) x (24) x 19
Campo epigráfico: (11) x (11)

[...]EOỊ / [...] I . E / [...]

Inédita ?

N.º 202
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de placa funerária de granito com vestígios de moldura cujo tipo é impossível determinar. Só resta o canto inferior esquerdo.
Dimensões: (27) x (25) x 23
Campo epigráfico: (19) x (14)

[...] / D(*e*) . S(*uo*) . F(*ecit*)

Almeida, 1956, 167.

Pontuação circular. Caracteres actuários de gravação profunda.

O estado actual da inscrição não permite avançar qualquer tipo de análise, apenas reafirmar que se trataria de uma inscrição funerária dada a tipologia do monumento. Pode ainda avançar-se que dada a fórmula *de suo fecit* quem dedicou o monumento quis expressar a sua capacidade económica.

N.º 203
Ach.: Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Fragmento de uma ara de granito de que só restam o capitel e parte do fuste.
Dimensões: (33) x 21 x 21

D(*iis*) / M(*anibus*) / [...]

(Consagrado) aos deuses Manes (. . .)

Lambrino, 1956, 50; Almeida, 1956, 186.

A presença da consagração aos deuses Manes permite avançar que a inscrição seria do século II.

N.º 204
Ach.: Incrustada na parede de um curral de cabras de uma casa, propriedade do Sr. José Martins (conhecido por José "Ambrósio", residente na Ribeira da Rainha), no lugar do Salgueiral, freguesia de Monsanto, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.
Par.: No local do achado.

Estela de granito de grão grosso, assemelhando-se a um paralelepípedo bastante tosco e irregular. Tendo no topo um "frontão" semicircular.
Dimensões: 157 x 55 x 24.

T(*itus*) IVNIVS T(*iti*) F(*ilius*) [...]/TVS ṂẠTER / P(*onendum*) C(*uravit*) / [H(*ic*)] Ṣ(*itus*) E(*st*) S(*it*) T̅(*ibi*) T̅(*erra*) L(*evis*)

Aqui jaz Tito Júnio ..., filho de Tito. A mãe mandou colocar. Que a terra te seja leve.

Luís, 1995; *HEp* 6 1996, 1031.

O texto está distribuído por 4 linhas irregulares na parte superior da epígrafe. Segue-se-lhe uma área em branco. O fundo apresenta uma área de cerca de 50 cm de alto, bastante rugosa, em bruto, que se destinou certamente a ser enterrada para manter a estela de pé. A superfície encontra-se bastante deteriorada, o que torna a leitura muito difícil. Não parece ter havido qualquer preocupação com a paginação. A existir pontuação é impossível determiná-la no estado actual de conservação da inscrição. O traçado das letras também é irregular. Interessante o nexo *TT*.

O defunto já é identificado através dos *tria nomina*, à maneira romana. É mais um membro da *gens Iunia* (cf. n.º 153). Este gentilício é tipicamente romano e bastante comum (*CIL* II, p. 1065). O cognome não se pode determinar, estaria no final da primeira linha
A estrutura identificativa e a presença da fórmula *sit tibi terra levis* data o monumento da segunda metade do século I.

N.º 205
Ach.: Bemposta, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: Na Casa-Museu propriedade do Dr. Mário Pires Bento, em Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.

Fragmento da parte superior de uma placa de granito de grão grosso.
Dimensões: (42,5) x (30) x 16

CARPA / [T]ONG[I(*i*)] F(*ilia*) / [...]VAN[...] / O[...]

Carpa, filha de Tôngio...

Leitão e Barata, 1980, p. 632; Barata e Leitão, 1982, p. 103-104; *AE*, 1982, 476.

Na quarta linha observam-se *puncta distinguentia*.

A defunta tem nome indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 237, 1966, p. 79). O patronímico é também indígena e já conhecido.
No que falta do texto estaria com certeza o nome do dedicante e o formulário final.
Pela onomástica e estrutura identificativa será monumento da primeira metade do século I.

N.º 206 – Est. XXIII, 41 e 42
Ach.: Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: Em Meimoa, modificada e reaproveitada como cruzeiro em época recente. Encontra-se em posição invertida.

Monólito com mais de 2 m de altura, por cerca de 40 cm de largura.

[...] / BOVTI[O] / PETOBI . [F(*ilio*)] / (*cui*) CIPVS / VIVO / MAELO / CILI(*i*) . F(*ilius*) . / DONAV(*it*) / ET P(*ecunia*) S(*ua*) . F(*ecit*)

Melão, filho de Cilo, em vida, dedicou e fez, a expensas suas, o monumento a Bócio, filho de Petobo.

Albertos Firmat e Bento, 1977, p. 1207-1208; Barata e Leitão, 1982, p. 107; Curado, 1985b, n. 1; *HEp*, 1 1989, 676.

Variantes: BOVTI(*i*) / F(*ilio*) ET OB M(*erita*) / Q(*u*)IVS / VIVO /5 MAELO / CILI F(*ilius*) / DONAV(*it*) / ET DED(*icavit* ?) (Barata e Leitão)

Os nomes indígenas *Boutius*, *Maelo* e *Cilius* são frequentes na região.
Há nitidamente um agradecimento de Melão ao defunto. Fica por determinar o motivo.
A onomástica e a paleografia — capitais quadradas — apontam para a primeira metade do século I.

N.º 207
Ach.: Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: Museu do Fundão.

Bloco de granito. O campo epigráfico está delimitado por uma moldura em cordão.
Dimensões: 42 x 145 x 32
Campo epigráfico: 32 x 101,5

CABRVLAE . PRISCI [F(*iliae*)] / MATRI / PRISCA . REBVRRI F(*ilia*) / F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Cabrula, filha de Prisco. Prisca, filha de Reburro, mandou fazer à mãe.

Vaz, 1977, p. 15-16; *AE*, 1977, 359; Vaz, 1978, p. 61.

A paginação da inscrição está um pouco fora do esquema tradicional: l. 1 e 2 aproximam-se, depois há um espaço e as ls. 3 e 4 voltam a aproximar-se. Há a assinalar na l. 1 o ponto triangular a separar as palavras e, na l. 3, um ponto circular. Letras capitais quadradas.

A defunta e a dedicante identificam-se apenas com um nome e o patronímico. O nome da defunta, *Cabrula*, surge aqui pela primeira vez, relacionando-se etimologicamente com os antropónimos *Cabruni*, *Cabrillus*, *Caprilla*, *Cabruleici* (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 306).
O nome *Priscus*, tal como a sua forma feminina, é nome tipicamente romano e como era habitual a filha recebe o cognome do pai.
Já o nome *Reburrus* é um nome celta que etimologicamente significa "calvo" (Palomar Lapesa, 1957, p. 94; Albertos Firmat, 1965, p. 120, 1972b, p. 308, 1977a, p. 48).
A simplicidade do formulário aponta para a primeira metade do século I.

N.º 208 – Est. XXIV, 43
Ach.: Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: Na Casa-Museu propriedade do Dr. Mário Pires Bento, em Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.

Fragmento da parte superior de uma estela de granito. Apresenta uma rosácea de cinco pétalas inscrita num círculo rebaixo e delimitado com um cordão. O campo epigráfico está delimitado com uma moldura do tipo gola directa.
Dimensões: (40) x 40 x 25
Campo epigráfico: (12) x 28

G(*aius*) . $\overline{\text{VA}}$L$\overline{\text{E}}$R(*ius*) / [...]

Albertos Firmat e Bento, 1977, p. 1207; Barata e Leitão, 1982, p. 107-108.

Variantes: l. 1: G . VAL (Todos os autores)

O defunto seria provavelmente *Gaius Valerius*, no entanto não se conhece o cognome, nem o restante conteúdo do texto.

N.º 209 – Est. XXIV, 44
Ach.: Encontrada no sítio de "Vale dos Frades", numa propriedade de José Augusto Romão, Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: Na Casa-Museu propriedade do Dr. Mário Pires Bento, em Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.

Canto inferior direito de placa de granito com moldura em cordão.
Dimensões: 45 x (45) x 23
Campo epigráfico: 43 x 37

[GRA]CILIS / [AR *vel* CON]CELTI(*i*) F(*ilio*) / [MA]ṆCVS / ẠMICO / D(*e*) S(*uo*) F(*aciendum*) C(*uravit*)

Grácil, filho de Arcelto (ou Concelto). Manco, mandou fazer, a expensas suas, ao amigo.

Albertos Firmat e Bento, 1977, p. 1206-1207; Barata e Leitão, 1982, p.106.

As letras são capitais quadradas. No fragmento que resta o texto encosta à moldura.

A primeira palavra pode ser parte do nome latino *Gracilis*, documentado em toda a Península (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 381). Na segunda linha, conserva-se *Celti*, porém se se pensar que podem faltar duas ou três letras, deve tratar-se de um composto como *Arceltius*, documentado em Coria (*AE*, 1977, 406), ou ainda *Conceltius*, documentado em Belver (*AE*, 1984, 471) e em Ibahernando (*AE*, 1990, 521). Seria muito ousado optar por um ou outro.
Quanto ao nome do dedicante poderia ser o nome indígena (Albertos Firmat, 1966, p. 145) *Mancus*, nome inscrito numa ara dedicada a *Nabia*, aparecida perto da Sertã (Albertos Firmat e Bento, 1977, p. 1206). A estar correcta a reconstituiçaõ seria a primeira evidência do nominativo. Com as devidas precauções parece-nos ser esta efectivamente a melhor hipótese de reconstrução.
O dedicante ao designar o defunto como "amigo" revela em relação a este uma dedicação afectiva, mas essencialmente uma atitude de dependência.
A estrutura identificativa e a paleografia indiciam um texto do século I.

N.º 210
Ach.: Encontrada aquando da demolição de uma casa para cuja construção havia sido aproveitada, em Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: Na Casa-Museu propriedade do Dr. Mário Pires Bento, em Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.

Placa de granito danificada: aquando do reaproveitamento foi cortada dos lados e em cima. Teria moldura, cuja tipologia é difícil de determinar na actualidade.
Dimensões: (49) x (71) x (20/24).

Campo epigráfico: (42) x (60).

Ṭ(*itus*) ḌỌṂỊṬỊṾṢ [GAL(*eria tribu*) *vel* Q(*uinti*) F(*ilius*)] / POSTVMVS CLVN(*iensis*) / AN(*norum*) LXVI (*sexaginta sex*) H(*ic*) S(*itus*) [E(*st*)] / L(*ucius*) DOM(*itius*) . POSTVMINVS P(*atri*) / F(*aciendum*) C(*uravit*)

Aqui jaz Tito Domício Póstumo (da tribo Galéria, ou, filho de Quinto), cluniense, falecido aos 66 anos. Lúcio Domício Postumino, mandou fazer, ao pai.

Bento e Curado, 1988; Bento, 1989; *AE*, 1989, 392; *HEp* 2 1990, 775; Bento e Curado, 1994; *HEp* 4 1994, 1046.

Paginação perfeita que é realçada por uma boa gravação, em bisel, dos caracteres capitais quadrados, com módulos decrescentes. Apenas se distingue, de forma ténue, um ponto de separação, sendo portanto possível que outros tenham existido e desaparecido por desgaste do suporte.
O espaçamento entre as linhas 3 e 4, à primeira vista exagerado, não deixaria de ser intencional: ou para destacar a identificação do homenageado, ou porque se guardou espaço para futura identificação de outro defunto (a esposa?) ou, também e simplesmente, porque, no momento a placa estaria embutida numa posição relativamente elevada.

Quanto à leitura, na primeira linha, de um Q ou um G, é mais provável esta última, se se tiver em conta o facto de a inscrição na tribo Galéria ser a mais vulgar entre a gente do município cluniense, mas, por outro lado, não é vulgar indicar a tribo apenas com a sigla *G*. Pode eventualmente tratar-se de alguém que ascendera à cidadania romana e por isso o quisesse sublinhar esquecendo a ascendência.
A boa qualidade do monumento pode indiciar alguém que terá investido na compra de terras e passado a viver numa *villa* abastada. Também a onomástica latina e o respeito pelas regras identificativas romanas pressupõe um alto grau de romanização e elevado *status* social.
Pela paleografia e onomástica, este monumento deverá ser da segunda metade do século I.

N.º 211
Ach.: Moinho do Pinheiro, Veigas da Bazágueda, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: No Museu Municipal de Penamacor.

Fragmento de estela funerária de granito.
Dimensões: (39) x 34 x 28

CVTAECO / $\overline{\text{MA}}$NTAI (*filio*) / [...]

A Cutaeco, de Mantau ...

Curado, 1985c; *AE*, 1985, 532.

Caracteres actuários com influências cursivas.

Mantaus, antropónimo indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 83; Albertos Firmat, 1965, p. 111, 1972b, p. 299), que foi já identificado por várias vezes na região. *Cutaecus*, nome indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 243), também já é conhecido (cf. n.º 75).
Na(s) linha(s) seguinte(s) estaria provavelmente o dedicante e quiçá uma fórmula final. Tendo em conta a onomástica e a estrutura identificativa, seria texto do século I.

N.º 212
Ach.: Encastrada na ponte sobre a Ribeira de Meimoa, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: No Museu do Fundão.

Bloco paralelepipédico granítico com o campo epigráfico rodeado por uma moldura de gola directa com ranhura exterior.
Dimensões: 42 x 80,7 x 37
Campo epigráfico: 36, 3 x 72,7

AMOENA LOVESI(*i*) / F(*ilia*) [ANN]O[RVM] XXVII (*viginti septem*) H(*ic*) S(*ita*) / E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*) . LOVESIVS TA/NCINVS PATER . F(*aciendum*) . C(*uravit*)

Aqui jaz Amena, filha de Lovésio, de 27 anos. O pai, Lovésio Tancino, mandou fazer. Que a terra te seja leve.

Vaz, 1977, p. 11-12; *AE*, 1977, 357; Vaz, 1978, p. 60.

Paginação correcta. Caracteres capitais actuários.

Lovesius[6] *Tancinus* dá à sua filha o nome de *Amoena*, que porém se diz *Lovesi filia* e não *Tancini filia*. *Amoena* é um nome latino que aparece com bastante frequência na Lusitânia misturado com nomes indígenas. Verifica-se a ausência de *praenomen*, com certeza associada à deficiente aculturação das regras identificativas romanas.
O pai marca a dor pela morte precoce da sua filha referindo a idade exacta com que esta terá falecido.
O formulário final e a paleografia indiciam princípios do século II.

N.º 213
Ach.: A cerca de 1 km para SO da capela da Sr.ª do Bom Sucesso, na margem esquerda da Ribeira da Baságueda, Penamacor, Castelo Branco.
Par.: Reaproveitada numa pequena arrecadação do alpendre da capela da Sr.ª do Bom Sucesso, Penamacor, Castelo Branco.

Fragmento de bloco de granito de grão médio, moldurado. O bloco foi adaptado a ombreira de uma pequena porta e foi precisamente a face epigrafada que se sacrificou. Resta uma pequena parte da face anterior, correspondendo apenas à última linha da epígrafe. Esta, apesar de desgastada, revela caracteres actuários gravados de forma cuidadosa e em bisel. A moldura seria de filete, a que se seguia um cordão.
Dimensões: (48) x 110 x 49
Campo epigráfico: (14) x 94

[...] / [...]RI FILI[...]A CABARI [...]

Curado, 1988c; *AE*, 1989, 393; *HEp* 2 1990, 776.

Apenas haverá que assinalar, pela primeira vez, o antropónimo *Cabarus* / *Cabarius*, embora existam várias formas com o mesmo radical (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 306).

N.º 214
Ach.: Cadaveira, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 10.8).

Placa de granito com uma moldura igual à anterior: um filete seguido de cordão. Falta-lhe a metade esquerda.
Dimensões: 37 x (47) x 20
Campo epigráfico: 23,5 x (30)

[...]ṚỊṢỊ ? F(*ilio*) CON/[CORD?]IENSI AN(*norum*) LX (*sexaginta*) / [CAMI?]RA PATERNI F(*ilia*) / [MA]RITO F(*aciendum*) C(*uravit*)

A ...., filho de ...., concordiense (?), de 60 anos. Camira, filha de Paterno, mandou fazer ao marido.

Garcia, 1984, p. 95-96 n.º 24; Mantas, 1985, p. 228; Alarcão, 1988a, p. 76, 4/503.

Algumas das letras apresentam uma grande erosão, a que se junta a perda de parte do monumento, para dificultar uma conveniente interpretação do texto. Os caracteres são capitais quadrados.

A grande importância desta inscrição radica-se na hipótese de o defunto ser um concordiense, isto é, natural de *Concordia*, povoação mencionada pelo geógrafo grego Ptolomeu e por Plínio, mas cuja localização é desconhecida. A não ser que corresponda eventualmente a uma outra povoação não identificada, julgamos que esta atribuição é válida, pois tem de contar com o começo em *CON* e a terminação em *IENSI*, além disso resta ainda uma barriga, no início da l. 2, que só pode ser de um *O* ou de um *D*. Para o *ubi* desta povoação, José Manuel Garcia (1984, p. 95) sugeriu a região de Castelo Branco onde abundam importantes vestígios romanos. Talvez se possa, pois, contar entre os seus naturais o defunto da Cadaveira, local que ainda deveria ficar no seu território.
Vasco Mantas (1985, p. 228) refuta esta hipótese pois não encontra nenhum elemento que autorize tal localização, tanto mais que a referência à origem normalmente indica o afastamento do local do achado.
A leitura *Camira* é uma sugestão com reservas, pois com apenas duas letras não se pode tirar uma conclusão incisiva. No entanto, tendo em conta a frequência deste nome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 58; Albertos Firmat, 1964, p. 235; Untermann, 1965, mapa 27, p. 87) na região em estudo (cf. n.os 4, 12, 61, 78, 125, 128), é muito provável que seja mesmo este o nome da dedicante. *Paternus* é um antropónimo latino vulgar entre os indígenas (Untermann, 1965, mapa 59, p. 142).

Distrito da Guarda

N.º 215
Ach.: Numa parede do Sítio do Verdugal ou Moradios, freguesia de Malhada Sorda, Almeida, Guarda.
Par.: Na posse de João Alberto Teles, morador na aldeia de Malhada Sorda.

Fragmento de bloco de granito, muito tosco e sem qualquer preparação aparente. Estão gravadas algumas letras com módulos diferentes. Além da má qualidade do suporte, também a gravação é bastante imperfeita, estando a primeira linha quase apagada e restando na segunda apenas quatro letras, das quais o C está inclinado sobre o A e o S é de pança superior maior que a inferior.
Porque se trata de um fragmento, a inscrição deveria estender-se para cima e para o lado direito.
Dimensões: (80) x (53) x 33.

[...] / CAES[...]

Curado, 1988b; *HEp* 2 1990, 791.

Não é possível qualquer interpretação. Tão pouco é provável, embora não impossível, a leitura *Caes(ar)*, porque poderia ser outro qualquer antropónimo indígena (por ex. *Caesarus*, *Caesia*, *Caesianus*, etc.).

N.º 216
Ach.: Junto à habitação de José Limão na freguesia de Parada, Almeida, Guarda.
Par.: Na posse do mesmo.

Placa de granito de grão médio sem qualquer moldura. Estava, aquando da descoberta, assente sobre uns muretes de tijoleira, então destruídos, será assim, provavelmente, uma tampa de sepultura.
Dimensões: 135 x 57 x 10/12
Campo epigráfico: 135 x 57

TALABVS / CAENONI (*sic*) / F(*ilius*) . HIC . STIT/VS (*sic*) . EST .

Aqui jaz Talabo, filho de Cenão.

Teles e Teles, 1985; *AE*, 1985, 521.

Epitáfio bastante simples, gravado com caracteres actuários com reminiscências cursivas, que não apresentam sempre o mesmo módulo. Paginação com tendência para alinhamento à esquerda. Pontuação circular.

A antroponímia é conhecida na região. Assim, *Talabus* é um antropónimo indígena (Albertos Firmat, 1972b, p. 312, 1977a, p. 38), já documentado nesta região (cf. n.os 26, 105). Apenas há a registar o patronímico *Caenoni*, pois seria de esperar o genitivo *Caenonis*, pois só *Caeno* foi, até agora, aqui identificado. No entanto, dada a existência de *Caenonius* noutra região hispânica será arriscado optar por qualquer deles, embora o primeiro seja o mais provável. Tendo em conta a grafia de *stitus* é provável que também *Caenoni* seja um lapso e não o genitivo de *Caenonius*. Assim, tanto uma hipótese como a outra são defensáveis, na medida em que a epígrafe documenta uma incipiente aculturação. Daí também que, em vez da utilização de siglas, a fórmula final venha por extenso e quiçá *stitus* corresponda com mais fidelidade ao que era voz corrente, não sendo assim um "erro", mas a reprodução fiel da linguagem falada.
A simplicidade do epitáfio, assim com a incipiente aculturação revelada no texto, apontam para o século I.

N.º 217
Ach.: No Mosteiro de Santa Maria de Aguiar, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda.
Par.: Guarda-se na sacristia do Mosteiro de Santa Maria de Aguiar, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda.

Fragmento inferior de uma placa de mármore branco, de que resta apenas a última linha. Teve moldura decorada com motivos vegetais, e delimitada exteriormente por um friso idêntico a outros já estudados (cf. n.os 4, 13, 49).
Dimensões: (45) x (47) x 14
Campo epigráfico: (30) x (47)

[...FLAC]CILLA . M[...]

Curado, 1985a, p. 651-652; *HEp* 1 1989, 678.

Caracteres capitais quadrados terminados com requinte.

Deve ter sido uma bonita e monumental inscrição de alguém com capacidade económica. Poder-se-ia colocar a hipótese de ser parte da epígrafe n.º 146. No entanto, o facto de essa estar desgastada na moldura não permite saber se teria o friso de pérolas. Por outro lado, as diferentes espessuras podem resultar de desgastes posteriores. Ainda a registar a coincidência de nomes.
A hipótese que se afigura mais plausível na reconstrução parece ser a apresentada.
A paleografia e a decoração apontam para finais do século I ou inícios do II.

N.º 218
Ach.: Embutida, em posição invertida, numa parede interior da residência de Joaquim Luís de Pina, Ramirão, Casal-Vasco, Fornos de Algodres, Guarda.
Par.: No local do achado.

Placa (?) de granito de grão médio, com moldura simples resultante do rebaixamento do campo epigráfico.

Dimensões: (31) x (73,5) x (?)
Campo epigráfico: (28) x (60/61)

LOBAENVS . / MANI (*filius*) . ANNO(*rum*) / VII (*septem*) . PATER . F(*ilio*) . F(*aciendum*) C(ur*avit*) .

Lobeno, de Mano, de 7 anos. O pai mandou fazer ao filho.

Curado, 1986a; *AE*, 1986, 302; *HEp* 1 1989, 680.

Paginação com alinhamento à esquerda. Pontuação circular profunda. Caracteres actuários de módulos irregulares.

O defunto tem um nome, *Lobaenus*, que parece identificar-se pela primeira no território peninsular (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 401). Já o patronímico, *Manus*, se encontra documentado na região (cf. n.^{os} 43, 65, 123).
Mais uma vez a menção exacta da idade de morte a marcar a dor do pai pela morte precoce do filho.
A simplicidade do texto e a onomástica induzem a primeira metade do século I.

N.º 219
Ach.: Embutida na fachada da Igreja de Santo Antão, Benespera, Guarda.
Par.: No local do achado.

Bloco com moldura simples resultante do rebaixamento do campo epigráfico.
Dimensões: 47 x 120 x ?
Campo epigráfico: 35 x 108

PROCVLO [A]EBARI (*filio*) / PROCVLO . MEIDVERI (*filio*) / PROCVLA PROCVLI / FILIA . ANN(*orum*) XV (*quindecim*) . H(*ic*) . S(*iti*) . S(*unt*) . S(*it*) . V(*obis*) . T(*erra*) . L(*evis*) /5 CASA . BOVTI (*filia*) . F(*aciendum*) . C(*uravit*)

A Próculo, de Ébaro. A Próculo, de Meiduero. Prócula, filha de Próculo, de 15 anos. Aqui jazem. Que a terra vos seja leve. Casa, filha de Bócio, mandou fazer.

CIL II, 458; *ILER*, 5366; Palomar Lapesa, 1957, p. 60 e 73; Albertos Firmat, 1977a, p. 36; Curado, 1985a, p. 645-646; *HEp* 2 1990, 795.

Variantes: l. 1: ERARI; l. 2: MEIDVBRI; l. 3: PROCVLIA . PROCVLIANA; l. 5: CASABOV (*CIL* II, Palomar Lapesa)

Pontuação circular. Caracteres actuários.

Esta inscrição além de incluir antropónimos indígenas já conhecidos na região lusitana, como *Aebarus*, *Casa* e *Boutius*, apresenta um novo elemento *Meiduerus*, quando o vulgar é *Meiduena*, *Meiduenus* (Albertos Firmat, 1965, p. 113, 1966, p. 154), pelo que não será absurdo tratar-se de um erro do lapicida e não de um novo nome (Curado, 1985a,

p. 646). A inscrição inclui ainda o nome latino (Kajanto, 1965, p. 176) *Proculus*, também na variante feminina.
Fica por esclarecer a relação entre defuntos e entre estes e a dedicante. Esta será, provavelmente, mãe de *Procula* e esposa ou companheira de um dos defuntos — qual deles, não é possível determinar. Quanto à relação entre os dois defuntos, não é de excluir a hipótese de serem irmãos, apesar dos pais diferentes.
A presença da fómula *sit tibi terra levis* aponta para a segunda metade do século I - inícios do II.

N.º 220
Ach.: No Outeiro de S. Miguel, utilizada como "alminhas", era conhecido como o "cruzeiro da Rasa", Guarda.
Par.: Desconhecido (terá sido recolhida por um particular em 1983).

Cipo de granito. Na face dianteira, ao alto, foi aberto um nicho ou templete (28 x 30) onde se pintaram as alminhas. O nicho poderia ser contemporâneo da inscrição colocada logo abaixo dele, tendo servido de moldura a um busto ou relevo da pessoa a quem é dedicado. Mas, apesar disso, Eugénio Jalhay pensa terem sido abertas posteriormente com o fim de lá se pintarem as "alminhas". Já Fernando Patrício Curado (1985a, p. 648) diz que tem uma concavidade na parte superior que corresponde ao encaixe da cruz de pedra (há muito desaparecida) que foi efectuado aquando da adaptação a cruzeiro, possivelmente no século XVIII.
Dimensões: 148 x 44 x 27.

CORIAE ET / PEINVC$\overline{AE}$ / TRITI . FILIAE / P$\overline{ATE}$R . F(*aciendum*) C(*uravit*)

A Cória e a Peinuca, filhas de Trítio. O pai mandou fazer.

Jalhay, 1950, p. 570-572; *HAE*, 234; *ILER*, 6447. Curado, 1985a, p. 647-648; *HEp* 2 1990, 797.

Variantes: l. 2 e 3: AN ... IIII (?) / ... FILIAE (Jalhay).
l. 4: PATER (*HEp*)

O texto concentra-se em quatro linhas que encostam ao limite do monumento. Letras capitais quadradas.

Coria é um nome feminino indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 68; Albertos Firmat, 1966, p. 96) e *Peinuca* parece surgir aqui pela primeira vez. O seu pai identifica-se também com nome indígena, característico da área lusitano-galega (Palomar Lapesa, 1957, p. 106; Albertos Firmat, 1965, p. 130, 1966, p. 234, 1972b, p. 315; Untermann, 1965, mapa 77, p. 175).
A paleografia, a onomástica e a estrutura identificativa apontam para o século I.

N.º 221
Ach.: Póvoa do Mileu, Guarda, Guarda.
Par.: No Museu da Guarda (n.º 608).

Placa de granito fracturada em duas partes, sem vestígios da moldura.
Dimensões: 44 x 80 x 20

D(*iis*) M(*anibus*) S(*acrum*) / FRONTONI LA/VRI F(*ilio*) . TAPORO A/NNORVM LXV (*sexaginta quinque*) QVIN/[5]TA TELCI LI[BE]RTA MARI/TO PIENTIS(*simo*) F(*aciendum*) . C(*uravit*) .

Consagrado aos deuses Manes. A Frontão, filho de Lauro, Taporo, de 65 anos. Quinta, liberta de Telco, mandou fazer ao marido, modelo de piedade.

HAE, 412 = 2025; Cortez, 1952, p. 177; Rodrigues, 1957-1958, 1962; *ILER*, 4577; Ferreira, 2000, 6.

Variantes: l. 4,5 e 6: OVIN/TA TEISI LI[BER]TA NOVAL(*is*) / ORIENTIS I(*ussit*) F(*aciendum*) C(*uravit*) (Cortez, *HAE*)
l. 6: TO PIENTIS[SIMO] P(*onendum*) C(*uravit*) (*HAE*)

Paginação segundo um eixo de simetria. Caracteres actuários.

Esta inscrição apresenta algumas dúvidas de leitura.
O defunto identifica-se, pois, com o nome latino *Fronto* (Kajanto, 1965, p. 17, 26, 118 e 236) a que se juntou o patronímico, igualmente latino (Kajanto, 1965, p 89, 334) e o etnónimo *Taporo*.
A esposa, que apresenta nome latino que habitualmente é *praenomem*, identifica-se como liberta, demonstrando assim orgulho pelo seu patrono *Telcus*, nome que se regista aqui pela primeira vez, daí a incerteza quanto ao nominativo, com certeza alguém importante na região.
A invocação aos deuses Manes, o uso do adjectivo, assim como a paleografia, sugerem os finais do século II.

N.º 222
Ach.: Embutida na fachada lateral da Igreja de Valhelhas, Guarda, Guarda.
Par.: No local do achado.

Cipo de granito de grão fino, de forma paralelepipédica, apresenta no alto um breve frontão ático, com um símbolo funerário semelhante a uma palma. Este frontão é separado do campo epigráfico por um duplo friso. Em baixo o campo é delimitado por frisos semelhantes. A base é formada por um pé geminado, que devia estar fixo ao solo, para maior segurança do cipo.

D(*iis*) . M(*anibus*) . S(*acrum*) . / PROCVLINVS / PROCVLI (*filius*) SIBI / ET VXORIBVS /[5] PIISSVMIS / VALERI(*a*)E . ET / AMABILI / NVTRICI / FILIORVM /[10] MEORVM / F(*aciendum*) . C(*uravit*)

Consagrado aos deuses Manes.
Proculino, de Próculo, mandou fazer para si e para as suas esposas piíssimas, Valéria e Amável ama de leite dos meus filhos.

Brandão e Rodrigues, 1957-58, p. 167-169; *AE*, 1960, 190; *ILER*, 4461.

Letra capital quadrada.

A redacção da inscrição não é vulgar quanto à expressão "para si e para as suas esposas". A onomástica é latina, destacando-se o antropónimo *Amabilis* pela sua raridade (Kajanto, 1965, p. 98, 282).
Pela consagração aos deuses Manes e pela presença do adjectivo na homenagem às defuntas, diríamos que o epitáfio é da segunda metade do século II.

N.º 223
Ach.: Fazendo parte do cunhal nordeste do Palheiro do Orvilhão, Marialva, Meda.
Par.: No local do achado.

Estela de granito de grão médio. A parte inferior tem uma garganta que, muito provavelmente, se destinava a ficar enterrada.
Dimensões: 102 x 49/46 x 27,5.
Campo epigráfico: 1.ª cartela 29 x 33; 2.ª cartela 26,5 x 32/31.

PARAMA/ECO . BOV/ATI (*filio*) STAT/VERVNT // FILI(*i*) SVI / ET TAN/CINVS / CILI(*i*) (*filius*)

A Parameco, de Bovato. Os seus filhos e Tancino, filho de Cílio, erigiram.

Curado, 1985b; *AE*, 1985, 528.

Paginação deficiente, com as linhas descaídas para a direita na segunda cartela, o que obrigou à utilização de um módulo reduzido na linha 8. O *ordinator* está longe de exemplar, pois verifica-se o corte de palavras em quase todas as translineações. Letras capitais quadradas.

Paramaecus aparece pela primeira vez como antropónimo, sendo até aqui apenas conhecido como teónimo. *Bovatus* ou *Bouvatius* é igualmente identificado pela primeira vez (cf. Abascal Palazón, 1994, p. 302).
Fica por esclarecer a relação de *Tancinus* com o defunto, no entanto, seria alguém certamente próximo, com ligação afectiva.
A onomástica e a forma identificativa sugerem o século I. Não concordamos, portanto, com Patrício Curado (1985b), que se serve de argumentos pouco válidos para a região — a paleografia, o uso do dativo e a tipologia do monumento, para datar a inscrição de meados do século II.

N.º 224
Ach.: Recolhida próximo da aldeia de Cidadelhe, junto à "muralha do castelo dos Mouros", Pinhel, Guarda.
Par.: Na casa de José Amado, em Cidadelhe, Pinhel, Guarda.

Fragmento de placa de granito de grão médio, correspondente à parte central. Não se conece moldura.
Dimensões: (49) x (39) x 14

[...]RENA . I[N...] / [...]CIA . CAE[...] / [...]FVGAT[...]

Perestrelo, 1998.

As letras são actuárias. O maior tamanho das letras da primeira linha em relação às outras pode estar relacionado com o destaque que se pretende dar aos primeiros nomes ou porque colocado em local alto seria visto de baixo para cima.

Na l. 1 poderiam estar nomes com *Caburena* ou *Arrena*, ambos frequentes na Lusitânia. Na l. 2 poderiam estar nomes como *Caerius*, *Caesarus*, *Caesius*, *Caeleus*, *Caelianus*, *Caeno*, *Caenonus*, sendo igualmente plausível a palavra *Caesar*.
É a tipologia do monumento que nos faz adiantar a hipótese de se tratar de uma inscrição funerária.

N.º 225
Ach.: Na parede da casa de Francisco Janela, na rua do Forno, Baraçal, Sabugal, Guarda.
Par.: No local do achado.

Bloco de granito, de grão fino, com moldura simples resultante do rebaixamento do campo epigráfico. Está bastante danificada.
Dimensões: 112,5 x 40 x 38
Campo epigráfico: 76 x 25

CATVRONI VALVTI(*i*) . F(*ilio*) / ANN(*orum*) LXX (*septuaginta*) . TVREVS / MADV[R?]EI . F(*ilius*) . EX TESTAM/ENTO EIVS . F(*aciendum*) C(*uravit*) .

A Caturão, filho de Valúcio, de 70 anos. Por sua disposição testamentária, Túreo, filho de Madureu (?), mandou fazer.

Curado, 1979, p. 141-142; *AE*, 1979, 328.

A deficiente marcação das linhas auxiliares para a *ordinatio* das letras, com espaços interlineares mais largos à esquerda da epígrafe, terá dado origem à diminuição das letras no início da l. 4, sobrepondo-se esta à moldura. Assim, paginação deficiente com alinhamento à esquerda. Caracteres actuários com módulos irregulares.

O defunto identifica-se com o antropónimo indígena *Caturo*, com radical *Catu*, que tem o significado de "combate, luta" (Palomar Lapesa, 1957, p. 62; Albertos Firmat, 1964, p. 226, 238, 1966, p. 81; Untermann, 1965, mapa 33, p. 96-97), bem documentado na Península. O patronímico é bem menos comum, mas também é indígena (Albertos Firmat, 1964, p. 235, 1966, p. 242).

O herdeiro e dedicante usa também nome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 108; Albertos Firmat, 1965, p. 131; Untermann, 1965, mapa 78, p. 177-178); já o seu patronímico parece identificar-se aqui pela primeira vez.
A onomástica e a estrutura identificativa sugerem o século I.

N.º 226
Ach.: Parede lateral da Casa Paroquial de Pousafoles, Sabugal, Guarda.
Par.: No local do achado.

Bloco de granito, moldurado com gola directa e ranhura exterior.
Dimensões: 44,5 x 98 x 38
Campo epigráfico: 31,5 x 85

PLACIDA SCITI F(*ilia*) . AN(*norum*) IIII (*quattuor*) . / H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*) / SCITVS . VICTORIS F(*ilius*) . ET / AVITA QVADRATI F(*ilia*) . /^{5} PARENTES . F(*aciendum*) C(*uraverunt*) .

Aqui jaz Plácida, filha de Cito, de 4 anos de idade. Que a terra te seja leve. Os pais, Cito, filho de Vítor, e Avita, filha de Quadrado, mandaram fazer.

Curado, 1984b; *AE*, 1984, 482.

Paginação com alinhamento à esquerda. Texto descaído para a direita. Os pontos, circulares, nem sempre foram bem utilizados, pois eram desnecessários no final da l. 1 e, na l. 3, a seguir ao cognome, quando podiam ter ajudado a uma melhor *ordinatio* na l.2. Letra monumental quadrada.

Antroponímia latina (Untermann, 1965, mapa 14, p. 65-66; Kajanto, 1965, p. 278; Solin e Salomies, 1994, p. 388), identificando indígenas romanizados.
A paleografia e a estrutura identificativa apontam para finais do século I.

N.º 227
Ach.: Na estação arqueológica romana onde está implantada a capela de São Paulo, em Ruivós, Sabugal, Guarda.
Par.: Embutida na parede, virada a Norte e fazendo parte do cunhal esquerdo da fachada da capela de São Paulo, Ruivós, Sabugal, Guarda.

Estela de granito. Falta-lhe parte da base e a cabeceira.
Dimensões: (123) x 48 x 33.
Campo epigráfico: 1.ª cartela 32 x 32/34; 2.ª cartela 36 x 35.

$\overline{\text{ME}}$ID$\overline{\text{VE}}$/N[$\overline{\text{AE}}$ $\overline{\text{M}}$]EL/$\overline{\text{AM}}$ANI(*i*) . F(*iliae*) / CIPPV/M . FILL/I (*sic*) S(*ui*) . STAT(*uerunt*)

A Meiduena, filha de Melamânio, os seus filhos erigiram o monumento.

Curado, 1984b; *AE*, 1984, 484; Curado, 1985b, p. 653-654.

Variantes: [...] /A[LF]IDV̅E̅ / A[MA̅]E̅ (?) / L(*ucii*) / AMNI(*i*) . F(*iliis*) / CIPPV/A̅N̅I . FILL(*i*)/IS . S(*uis*) PAT(*er*) / F(*aciendum*) C(*uravit*) (Curado, 1984b)

Gravação em caracteres capitais quadrados, com influência da escrita cursiva, nem sempre utilizando o mesmo módulo.
Sem qualquer inscrição existem ainda, na parte inferior, dois pares de pequenas cartelas: as duas primeiras com 9,5 x 12, a 3.ª com 12 x 12 e a quarta com 11,5 x 9,5, que, sendo muito pequenos para inscrever outros epitáfios, teriam apenas objectivos decorativos?

A antroponímia é indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 85; Albertos Firmat, 1965, p. 113; Untermann, 1965, mapa 86, p. 192).
O emprego da palavra *cippus* designa aqui apenas de forma genérica o monumento funerário portador da inscrição (Bonneville, 1984, p. 128).
A onomástica, a paleografia e a própria simplicidade textual sugerem o século I.

N.º 228
Ach.: Sabugal, Guarda.
Par.: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

Estela de granito com cabeceira em semi-círculo, dentro do qual se esculpiu uma estrela de seis pontas. Campo epigráfico moldurado em toro.
Dimensões: 127 x 39,5 x 30
Campo epigráfico: 54, 7 x 26

AMB/ATVS / MA̅L̅GEINI F(*ilius*) / H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*)

Aqui jaz Ambato, filho de Malgénio.

Vaz, 1979, p. 321-322.

A paginação é boa e as letras capitais quadradas estão bem gravadas.

Os nomes são ambos indígenas. *Ambatus* é um nome bastante frequente na Península (Santos, 1978), especialmente na província de Álava e na região de Lara de los Infantes (Abásolo, 1974, p. 160). *Malgeinus*, pelo contrário, raramente aparece, sendo já nosso conhecido de Idanha (n.º 87).
A estrela esculpida na cabeceira está relacionada com o culto astral que vem já de tempos muito anteriores aos romanos.
O achamento desta estela no Sabugal vem provar-nos o povoamento do lugar desde longa data, pelo menos o século I da nossa era, data a que deve pertencer a estela, tendo em conta a simplicidade textual e a própria paleografia.

N.º 229
Ach.: Reaproveitada na igreja de Santa Maria, freguesia de Santo Estêvão, Sabugal, Guarda. Foi descoberta posteriormente numa casa de Maria Emília Teixeira.
Par.: No Museu Municipal do Sabugal.

Placa de granito de grão médio, moldurada com cordão.
Dimensões: 44,5 x 98 x 20
Campo epigráfico: 29 x 83

QVINTVS MODIISTI F(*ilius*) A(*nnorum*) XXV (*viginti quinque*) / PLACIDA MODIISTI F(*ilia*) A(*nnorum*) XIII (*tredecim*) / BOVDICA FLACCI F(*ilia*) MODIISTVS / CIILTIATIS F(*ilius*) LIBIIRIS VXORI SIBI FECI[T]

Quinto, filho de Modesto, de 25 anos; Plácida, filha de Modesto, de 13 anos; Boudica, filha de Flaco. Modesto, filho de Celtiato, fez para os filhos, para a mulher e para si.

ILER, 4888; Curado, 1987; *AE*, 1988, 697; *HEp* 2 1990, 803.

Variantes: l. 1 MODESTIS; l. 2: PLACIDIA MODESTIS; l. 3: SLACCIS; l. 4: F C (*ILER*)

Não tem pontos de separação. Foi conseguida uma paginação razoável com nítido alinhamento à esquerda. Letras actuárias de módulos irregulares.

Verifica-se evolução onomástica. Quem manda erigir o monumento é o pai *Modestus*, *Celtiatis filius*. Tem assim nome latino corrente, indicando o patronímico através do genitivo *Celtiatis*, seguramente uma forma de linguagem oral, derivada, como sugere Fernando Patrício Curado (1987) de *Celtius* através de *Celtiatus*, como *Viriatis* derivará de *Virius* através da versão intermédia de *Viriatus*. Os filhos chamam-se, um, *Quintus*, muito provavelmente por ter sido o quinto a nascer, e a irmã, *Placida*, decerto por ter sido "sossegada". Ambos ostentam nomes lainos. Já a mulher tem o nome, bem indígena, de *Boudica* (Palomar Lapesa, 1957, p. 50; Albertos Firmat, 1964, p. 230), mas diz-se filha de *Flaccus*, que usa antropónimo de origem latina.
A fórmula final — *liberis uxori sibi* — indicia uma aculturação notável, sugerindo que a inscrição se situe já nos finais do século I.

N.º 230
Ach.: No lintel de uma porta posterior de uma casa de José Antôno, sita na rua do Ribeiro, em Vila Boa, Sabugal, Guarda.
Par.: No local do achado.

Estela de granito de grão médio, fragmentada e bastante erosionada. O campo epigráfico é formado por duas cartelas rebaixadas separadas por uma faixa de 10/11 cm de altura e deixando lateralmente dois listéis com cerca de 5 cm de largura. Imediatamente por baixo da segunda cartela, segue-se uma faixa ornamental (com 40 x 45) que contém em relevo dois frisos de merlões, alternadamente opostos e reentrantes; seguem-se-lhe, com um pequeno intervalo de 4 cm, dois motivos laterais também em relevo e com forma de LL invertidos e opostos (com 13 cm nas hastes horizontais e 17 nas verticais) que separariam o corpo do soco.

Dimensões: (172) x 46/38 x (26)
Campo epigráfico: 1.ª cartela (33) x 36/37; 2.ª cartela 21,5 x 35/34

MONIM/ENTVM (*sic*) / C(*aio*) [...] / TANGINV[S] /5 LIBERTVS / SVOS (*sic*) // TANGIN/VS DVATI(*i*) F(*ilius*) FEICIT (*sic*)

Monumento a Caio...Tangino, seu liberto. Tangino, filho de Duácio, fez.

Curado, 1988a, 123.1; *AE*, 1989, 388; *HEp* 2 1990, 807.

Variantes: l. 2: TATVCIO? (Todas as publicações) Não é possível confirmar esta sugestão do nome *Tatucius* de que não se conhecem paralelos. Efectivamente, a inscrição nada sugere.

A inscrição é em letra capital actuária com influências rústicas e com arestas arredondadas. Deficiente paginação com um nítido alinhamento à esquerda.

Apresenta *monimentum* por *monumentum* e *feicit* por *fecit*.
É texto de difícil interpretação, nomeadamente no que diz respeito aos dedicantes.
A fórmula inicial e a paleografia indica os finais do século II.

N.º 231
Ach.: No lintel da porta de um palheiro sito na rua do Barroco, Vila Boa, Sabugal, Guarda.
Par.: Na Câmara Municipal do Sabugal.

Estela de granito de grão médio. Tem a base fracturada e reduzida a metade da sua largura; a cabeceira é arredondada; o campo epigráfico corresponde a uma cartela rebaixada e superiormente em semicírculo, distanciada 52 cm do bordo da cabeceira e originando listéis laterais com 5 cm de largura; na continuação da cartela, foram lateralmente prolongados para baixo dois traços verticais (com 27 cm) que, por sua vez, são unidos por uma linha horizontal e duas oblíquas cruzadas.
Dimensões: 175 x 40 x 20
Campo epigráfico: 51 (ao centro) x 30

TALACEO / COPORICI (*filio*) / CILIVS . LIB(*ertus*) / EX .TESTAM/5ENT(*o*)

A Talácio, de Copórico. Cílio, liberto, por disposição testamentária.

Curado, 1988a, n.º 123.2; *AE*, 1989, 389; *HEp* 2 1990, 808.

A inscrição, em escrita actuária, tem uma paginação razoável, com a utilização de pontos de separação nas linhas 3 e 4. Não é segura a gravação da sigla de filiação na linha 2, já sobre a moldura.

O cognome *Talaceus* parece identificar-se pela primeira vez. *Coporicus* é um derivado do étnico *Copori*, do convento lucense, por tal facto é possível que o pai do homenageado tivesse imigrado para esta região.

É um liberto que manda erigir o monumento funerário ao respectivo patrono, o que só pode significar que este à hora da morte, lhe concedeu a liberdade com aquela condição juridicamente imposta no testamento.
A paleografia e a fórmula legal sugerem inícios do século II.

N.º 232
Ach.: Na parede exterior da igreja anexa à casa do Passal, São Romão, Seia, Guarda.
Par.: No local do achado.

Placa de granito com o campo epigráfico rebaixado e marcado com moldura.
Dimensões: 75 x 36 x (?).
Campo epigráfico: 58,5 x 24

L(*ucius*) . POMP(*onius vel eius*) . BLASTVS / CAESARAVGVS/TAN(*us*) SIBI

Lúcio Pompónio ou Pompeio Blasto, de Caesaraugusta, para si.

Guerra, 1989, p. 426-427; *HEp* 4 1994, 1068.

Texto mal paginado: as duas primeiras linhas encostam à esquerda e a terceira à direita. Pontuação circular. Caracteres actuários.

A reconstrução do gentilício torna-se difícil, sendo possíveis as duas sugestões. Deve referir-se, no entanto, que *Pompeius* é muito mais comum na Península (*ILER*, p. 733-734) e que *POM* se desdobra geralmente em *Pompeius* (Cagnat, 1914[4], p. 51-52). De qualquer forma, o facto de aparecer indicado em sigla significa que é alguém suficientemente conhecido, não havendo, portanto, para os contemporâneos qualquer dúvida de identificação.
O indivíduo identifica-se com os *tria nomina* à maneira romana. O cognome é de origem grega (Solin, 1982, p. 962), o que, associado à ausência de filiação, faz supor um liberto. Tratar-se-ia de um jazigo de família que ele próprio manda fazer, denotando posses económicas: vindo da distante Caesaraugusta, acaba por vingar em terra alheia.
A estrutura identificativa e a paleografia sugerem o século II.

N.º 233

Ach.: Na freguesia da Cogula, Trancoso, Guarda.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia.

Estela de granito de topo em semicírculo. Na parte superior tem uma meia-lua sobre uma estrela de seis raios inscrita num círculo rebaixo.
Dimensões: 142 x 45 x 16
Campo epigráfico: 51 x 34

D(*iis*) . M(*anibus*) . S(*acrum*) / APANAE / REBVRRI F(*iliae*) / AN(*norum*) XVIIII (*uno de viginti*) /[5] $\overline{\text{AL}}$BINVS . $\overline{\text{VX}}$(*ori*) / ANTONIVS . $\overline{\text{MV}}$/CNELA . F(*ieri*) . F(*aciendum*) . C(*uravit*)

Consagrado aos deuses Manes.
A Apana, filha de Reburro, de 19 anos. Albino à esposa. António Mucnela, mandou fazer

Vasconcelos, 1913, p. 408-409, fig. 177, n. 2.

Variantes: l. 6: ATONIVS (Vasconcelos)

Letras actuárias.

A defunta usa antropónimo indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 36; Albertos Firmat, 1964, 1977a, p. 35, 39) e o patronímico é igualmente indígena.
O marido identifica-se através do nome latino *Albinus*, típico na área lusitano-galega (Untermann, 1965, mapa 4, p. 47). O outro dedicante identifica-se através do gentilício *Antonius* e um cognome. Segundo José Leite de Vasconcelos, *Mucnela* será não um cognome, mas o nome da *tribu* a que pertencia *Albinus*, esposo de *Apana*.
A consagração aos deuses Manes data a inscrição do século II.

N.º 234
Ach.: Almendra, Vila Nova de Foz Côa, Guarda.
Par.: Na frontaria da capela de Santo Cristo, em Barca d'Alva, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda.

Placa funerária de jazigo. Não restam vestígios da moldura.
Dimensões: 52 x 40 x ?

MODESTVS . AMBATI . F(*ilius*) . CO/BEL(*cus*) . AN(*norum*) . LX (*sexaginta*) . CORNELIA / GENSVLIA . AN(*norum*) . L (*quinquaginta*) . H(*ic*) . S(*iti*) . S(*unt*) . S(*it*) . / V(*obis*) . T(*erra*) . L(*evis*) . C(*aius*) . AMMIVS . MODE/[5]STINVS . PATRI . FIRMVS / MODESTI . LIB(*ertus*) . PATRO(*no*) / [F(*aciendum*) C(*uraverunt*)] (?)

Aqui jazem Modesto, filho de Ambato, cobelco, de 60 anos; Cornélia Gensúlia, de 50 anos. Que a terra vos seja leve. Caio Âmio Modestino, ao pai, Firmo, liberto de Modesto, ao patrono, mandaram fazer.

CIL II, 433; *ILER*, 4950; Curado, 1985b, p. 643-644; Coixão e Encarnação, 1997, p. 11; *HEp* 2 1990, 793.

Variantes: l. 1: AVIRATI; l. 4: ANIMIVS (*CIL* II)
l. 3: CENSVLIA; l. 6: PATRO[NO] (Coixão e Encarnação)

Paginação correcta. Letras capitais quadradas.

Pode fazer-se o seguinte *stemma*:

Este epitáfio denuncia a adopção onomástica latina com o decurso das gerações. Assim, o ancião da família usa antropónimo já atestado (cf. n.º 228); o filho usa nome latino bem documentado na região; depois surge outro personagem que, apesar de não se referir expressamente como tal, seria provavelmente a esposa de *Modestus*: identifica-se com gentilício e cognome indígena (Palomar Lapesa, 1957, p. 74; Albertos Firmat, 1977a, p. 36). O filho de *Modestus* e *Cornelia* usa já os *tria nomina*: conhece-se outro membro da sua *gens* em Castelo Branco (cf. n.º 4), o cognome deriva do de seu pai como era regra. Por fim, o liberto de *Modestus* usa nome latino (Kajanto, 1965, p. 50, 258).
Registe-se ainda na identificação do defunto o etnónimo *Cobelcus*, sendo portanto membro deste *populus*.
A estrutura identificativa e a fórmula *sit tibi terra levis* indiciam os finais do século I - inícios do II.

N.º 235
Ach.: Cruzinha, Mós do Douro, Vila Nova de Foz Côa, Guarda.
Par.: Numa vinha de Amílcar Moutinho, no sítio da Cruzinha, servindo de esteio numa latada.

Estela de xisto característica de um local distanciado poucos quilómetros a Sudeste. Originariamente, terá sido uma estela funerária, encontrando-se fracturada do lado esquerdo, no sentido vertical. Não tem quaisquer vestígios de moldura.
Dimensões: (165) x (28) x 8,5

[AL]BINVS / [A]PILI . F(*ilius*) / [TA]PORVS / [A]N(*norum*) XL (*quadraginta*) / 5 [H(*ic*)] S(*itus*) E(*st*) / [T]ṾREA / [A]ḶBONI(*i*) . F(*ilia*) / [V]XOR . B(*ene*) M(*erenti*) / [F(*aciendum*) .] Ç(*uravit*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*) .

Aqui jaz Albino, filho de Apilo, Taporo, de 40 anos. A mulher, Túrea, filha de Albónio, merecidamente, mandou fazer. Que a terra te seja leve.

Curado, 1985d; *AE*, 1985, 522; Coixão e Encarnação, 1997, p. 6; Ferreira, 2000, 5.

Paginação cuidada, quase segundo um eixo de simetria. *Puncta distinguentia* em forma de pequenos cc invertidos. Letras capitais quadradas.

Fernado Patrício Curado coloca também a hipótese de se reconstituir *Coporus* em vez de *Taporus*, por existirem dois indivíduos em Lamego com esta denominação. A dúvida mantém-se, apesar de nos parecer mais provável *Taporus*, uma vez que são mais numerosos os exemplos deste.
O defunto identifica-se já com um antropónimo latino — *Albinus* — muito frequente na Hispânia (Albertos Firmat, 1964, p. 217; Untermann, 1965, mapa 4, p. 47-48). A este nome acrescenta, na identificação, a sua origem étnica dos *Tapori*. O pai, *Apilus*, tem um nome indígena que se localiza essencialmente a norte do Douro (Albertos Firmat, 1976, p. 74).
A esposa que, saudosamente, lhe dedica o monumento, identifica-se com o antropónimo indígena *Turea* (Untermann, 1965, mapa 78, p. 177-178) já aqui registado no mas-

culino (cf. n.° 225) e com o patronímico *Albonius*, antropónimo também hispânico que cobre essencialmente a área da Lusitânia romana (Albertos Firmat, 1976, p. 71; Untermann, 1965, mapa 5, p. 49-50).

Na inscrição está presente um elogio — ao marido merecedor — que era comum nos epitáfios romanos. Elogio que se faz, muitas vezes, não por sinceridade, mas por medo e respeito pelo morto (cf. *IRCP*, p. 818-820), sentimento em que também se enquadra o desejo de que a "terra te seja leve".

Pela paleografia e presença da fórmula *sit tibi terra levis*, é monumento de finais do século I.

De proveniência desconhecida

N.º 236 – Est. XXV, 45
Ach.: Desconhece-se a sua proveniência exacta. Em 1910 era utilizada numa umbreira de portado rústico nos arrabaldes de Castelo Branco, posteriormente foi cedida para a colecção de Tavares Proença por Joaquim da Silva Trigueiros. Em 1979 José Manuel Garcia diz que se desconhece o seu paradeiro. A tipologia do monumento indicia que ela seja originária de Idanha.
Par.: Na "catedral" de Idanha-a-Velha.

Bloco de granito. Não há vestígios da moldura.
Dimensões: (35) x (116) x 30

CAVDICVS . A̅M̅MIN̅I̅ F(*ilius*) / SIBI . ET . VXSORI . / CASINAE . CATVEN̅I̅ (*filiae*)

Caudico, filho de Amino, para si e para a sua esposa Casina, filha de Catueno.

Almeida, 1956, 56; *HAE*, 1107; Garcia, 1979, p. 160-162; *ILER*, 4432.

Paginação com tendência para alinhamento à esquerda. As palavras estão separadas por pontos triangulares. Caracteres capitais quadrados.

Toda a onomástica é indígena e poderemos até designá-la por lusitana, pois estes nomes, relativamente pouco testemunhados, só surgem praticamente nesta província. A ausência de fórmula final e a simplicidade do texto apontam para a primeira metade do século I.

N.º 237
Ach.: Proveniência desconhecida.
Par.: No Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 72.2).

Placa de granito de grão grosso de má qualidade, tendo uma moldura simples em forma de cordão. O lado e o canto inferior direitos foram destruídos.
Dimensões: 50 x 29 x 26
Campo epigráfico: 35 x 20

D(*iis*) M(*anibus*) S(*acrum*) / ẠṬTVṚẠ? / VSISPO / MA[...]O /5 MAṚỊTO / ET SIBI / T[...] ET F *vel* T(*estamento*) / F(*aciendum*) C(*uravit*) P(*osuit*)

Consagrado aos deuses Manes. A Usispo ...Attura ... mandou fazer e colocar para o marido e para si.

Garcia, 1984, p. 117-118, n.º 35.

Os caracteres rústicos estão gravados profundamente, mas de forma pouco cuidada, tendo sofrido várias pancadas, certamente aquando de uma qualquer reutilização.

Usispo surgirá pela primeira vez. Quanto a *Attura*, conhece-se o nome no genitivo do masculino, mas com a grafia *Aturi* (Albertos Firmat, 1966, p. 42, 1977a, p. 35, 41).
As siglas utilizadas são de difícil compreensão. A última linha parece segura, embora não conheçamos outro exemplo.
A inscrição deve ser do século II pela presença da consagração aos deuses Manes.

N.º 238 –Est. XXV, 46
Ach.: Proveniência desconhecida. Dada a tipologia e a onomástica deve ser de Idanha.
Par.: No Museu Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 72.5).

Bloco de granito com moldura, filete seguido de cordão, quebrada em vários pontos. O lado direito desapareceu, levando alguns centímetros do campo epigráfico.
Dimensões: 43 x 66 x 41
Campo epigráfico: 29 x (58)

FLACCV[S] / C(*aii*) . F(*ilius*) . SIBI . ET . / CASAE . ARA[VI F(*ilia*)]

Flaco, filho de Caio, para si e para Casa, filha de Arau.

Garcia, 1984, p. 119-120, n.º 36; Mantas, 1985, p. 229.

Os caracteres em capital quadrado estão gravados com grande profundidade e elegância. Assinale-se o destaque concedido ao nome do defunto. Julgamos que ao campo epigráfico faltam poucos centímetros, suficientes para a restituição que se propõe, apesar de poder supor-se que ele seria mais extenso. Os pontos são triangulares.

Flaccus encontra-se assinalado várias vezes em Idanha-a-Velha. *Casae*, presumivelmente sua esposa, é um nome lusitano (Albertos Firmat, 1964, p. 237) que se encontra assinalado apenas mais duas vezes e em Idanha-a-Velha (cf. n.os 57 e 219), a que há a acrescenta *Qasa* (n.º 118).
Araus é raro na Lusitânia, mas corresponde ao nome de um dos povos lusitanos mencionados na ponte de Alcântara (Albertos Firmat, 1966, p. 31, 1977a, p. 40).
A paleografia e a simplicidade textual apontam para o século I.

N.º 239
Ach.: Proveniência desconhecida. Também esta, devido às suas características tipológicas, deve ser de Idanha.
Par.: No Museu Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (n.º inv. 72.3).

Bloco de granito com moldura: filete sucedido de cordão. Falta-lhe uma grande parte do seu lado esquerdo.

Dimensões: 42 x (87) x 38
Campo epigráfico: 30 x (75)

TVREAE TALABARI(*i*) F(*ilia*) / AVLIVS PATERNI F(*ilius*)

A Túrea, filha de Talabário. Aulio, filho de Paterno.

Garcia, 1984, p. 121, n.º 37; Mantas, 1985, p. 229.

Variantes: l. 2: [...]IS PATERNI (Garcia)

Caracteres capitais quadrados: a gravação das letras não foi profunda em todos os locais. O campo epigráfico apenas foi ocupado na sua parte superior, dando ideia de que mais alguns nomes poderiam vir ainda a ser gravados no espaço que restava.

Turea é um nome lusitano pouco divulgado (Untermann, 1965, mapa 78, p. 177-178) atestado apenas na região em estudo (cf. n.º 235). O patronímico *Talabarius* também não é muito comum (Palomar Lapesa, 1957, p. 100). O dedicante usa um nome que parece ser inédito na Península; conhece-se apenas como gentilício romano (Solin e Salomies, 1994, p. 28), podendo tratar-se de mais um erro na utilização dos nomes. *Paternus* é um *cognomen* latino vulgar (Kajanto, 1965, p. 18).
A paleografia e a simplicidade textual apontam para a primeira metade do século I.

N.º 240
Ach.: Proveniência desconhecida. Mais uma inscrição cuja tipologia indicia uma origem em Idanha.
Par.: Museu Tavares Proença Junior, Castelo Branco (n.º inv. 72.7).

Bloco de granito de grão fino com uma bela moldura de gola directa e discreta ranhura exterior, quebrada inferiormente. Falta a parte esquerda da lápide.
Dimensões: 40 x (75) x 46
Campo epigráfico: 26 x (64)

[...C]VTAECAE B$\overline{OV}$IAE LIB(*ertae*) / [AN]NORVM XXV (*vel* XXVI) I AO ? [...] IN [...] AQ$\overline{VI}$LI / [...] GENERON [...]O ? TAE LIB(*ert...*) / [...CV]TAE$\overline{CA}$E /[5] MATER D(*e*) S(*uo*) F(*aciendum*) C(*uravit vel uraverunt*)

A Cuteca, liberta de Bóvia, de 25 (ou 26) anos, ... Aquilo. A ... liberto(a) ..., Cuteca. A mãe mandou fazer a expensas suas.

Garcia, 1984, p. 123-124, n.º 38; Mantas, 1985, p. 229; Curado, 1985c, n. 3.

Variantes: l. 1: VIAECAE; l. 5: ...AE DSFC (Garcia)

O texto apresenta-se muito corrompido e julgamos que pouco mais se pode adiantar na decifração do sentido deste documento tão cheio de lacunas. Apenas se sugere a reconstrução do nome *Cutaeca*. E é de admitir pelo menos a existência de dois mortos.

N.º 241
Ach.: Proveniência desconhecida. Mais uma inscrição cuja tipologia indicia uma origem em Idanha.
Par.: No Museu Nacional de Arqueologia (sem n.º de entrada).

Fragmento paralelepipédico de granito.
Dimensões: (23) x 50 x 19
Campo epigráfico: (11,5) x (44)

[...] / ATTII . F(*ilius vel ilia*) . H(*ic*) . S(*itus vel a*) . E(*st*)

Aqui jaz..., filho de Átio.

Encarnação, 1988.

Apresenta caracteres bem gravados, ocupando o espaço epigráfico disponível, tanto em altura como em extensão. Pontuação circular.

Na Península Ibérica o antropónimo *Attius* regista-se habitualmente como gentilício. A sua utilização no lugar do patronímico aponta para um contexto indígena pouco romanizado.
Pela paleografia, pelo modo de mencionar o patronímico e pela virtual ausência da fórmula *sit tibi terra levis* poder-se-á atribuir o monumento à primeira metade do século I.

NOTAS

1 A expansão deste cognome poderá ter sido facilitada por uma eventual concordância de sentido com um nome indígena (Albertos Firmat, 1976, p. 65; 1982, p. 54).

2 María de Lourdes Albertos Firmat (1965, p. 109) refere-se a um homófono hispânico.

3 María de Lourdes Albertos Firmat (1965, p. 123) considera-o indígena ou "es probable que recubra a otro hispánico del mismo origen" e Fernando de Almeida (1956, 132) refere a sua celticidade.

4 O facto de na leitura aceite até ao momento se considerar um *T* na l. 2, que se interpretava como *T(aporus)*, levava à localização deste *vicus* no território dos *Tapori*. A possibilidade de aí se situar torna-se agora ténue, pois o fundamento deixa de existir.

5 Não parece ter sentido a interpretação de João Luís Inês Vaz (1977, p. 20) que diz o seguinte: "Serão indígenas, com origem meidubrigense, embora demonstrem já certa influência romana como se depreende do facto de o defunto vir assinalado com o *nomen* e o *cognomen* (de origem geográfica)". Trata-se sim de uma identificação através de um nome único, patronímico e *origo*.

6 A inscrição foi datada por João Inês Vaz do século II, no entanto não apresenta qualquer justificação para tal datação, que nos parece muito tardia.

7 Parece-nos mais correcta esta interpretação que aquela que foi publicada pelos diferentes autores "Arantónio Celtiático", ou seja, consideram que o patronímico é referido através de dois nomes. É mais plausível considerar que a filiação é fixada não só pelo nome individual do pai, mas também pelo do avô, contido na menção de filiação do pai.

8 María de Lourdes Albertos Firmat (1965, p. 114) recolhe-o, pois considera que debaixo de uma aparência de nome latino está uma forma relacionada com *Navia*, nome claramente hispânico, ou uma falsa grafia de *Nevia*, que é um nome céltico não muito frequente na Hispânia. D. Fernando de Almeida (1956, p. 131) diz que *Naevia* tem origem céltica.

9 María de Lourdes Albertos Firmat (1965, p. 109) relaciona-o com o nome celtibero *L.u.bo.s* ou *L.u.po.s*, assim como com outros de radical *Lup*.

10 Forma sonorizada e que parece ser a original correspondente a *Toncius*. O nome só está atestado na Lusitânia (Palomar Lapesa, 1957, p. 105; Albertos Firmat, 1966, p. 230, 1965, p. 129, 1972b, p. 315).

11 A expressão *avo* foi interpretada como nome: "a Lubaeco Avo". De tal forma que María de Lourdes Albertos (1964, p. 228) afirma que *Avus* "é o masculino correspondente a *Avua* de Ávila e, sem dúvida, variante do genitivo *Avui*". Este genitivo surge numa ara votiva de

S. Domingos de Rana (Cascais) (*CIL* II, 4991) e, já a esse propósito, José d'Encarnação (1994b, p. 30) refere não ser claro nesta inscrição de Idanha que *Avus* seja um antropónimo e não a menção do grau de parentesco.

12 Segundo María de Lourdes Albertos (1965, p. 109) coincide com nome indígena.

13 Mais um exemplo a provar que *Marcius* é um gentilício latino associado a indivíduos com uma certa posição sócio-económica. Facto sugerido por José d'Encarnação (1977, p. 47, n. 2).

14 María de Lourdes Albertos Firmat (1965, p. 111) considera que, quer este nome quer o seu derivado *Manilius*, não têm uma origem indígena segura.

15 A expansão deste nome parece ter sido facilitada por uma eventual concordância de sentido com um nome indígena (Albertos Firmat, 1976, p. 65).

16 Conhecia-se apenas este exemplo, daí que na recolha de M. de L. Albertos Firmat (1965, p. 125) surja em genitivo. O aparecimento de um outro exemplo, em Nocelo de Pena (*AE*, 1976, 295), veio acabar com as dúvidas em relação ao nominativo.

17 Conhecem-se, no entanto, pessoas de grande importância social desta *gens*. *C. Bruttius Praesens*, cônsul no Norte de África, na primeira metade do século II, originário da Lucânia, e cuja filha *Bruttia Crispina* foi esposa do Imperador Cómodo (Pflaum, 1978, p. 365-366).

18 Trata-se aqui efectivamente do gentilício romano (Solin e Salomies, 1994, p. 106) e não do popular nome indígena *Lovesius*. Conhece-se apenas, até ao momento, na Hispânia, outro membro desta *gens*, em Tarragona (*AE*, 1987, 736).